



INSTITUTO PROFISSIONAL DOS PUPILS DO EXÉRCITO

N.º 1

31 de janeiro

1916

O PROFISSIONAL



SUMARIO

Apresentação.....	A Direção
Uma velha aspiração.....	Alberto Rosa
O 1.º de Dezembro.....	Barroso Junior
A nossa aula de escrituração comercial.....	Julio Malaguerra
Aos poetas.....	Mendonça Pereira
Uma visita ao Algarve.....	Soares Pinto
As nossas oficinas.....	Salvador P. da Silva
O regresso de férias.....	Barroso Junior
Ao Ex. ^{mo} Sr. Ortigão Peres.....	Alberto Rosa
A Historia Patria.....	Salvador P. da Silva
Pouca sorte.....	Soares Pinto
O 31 de Janeiro.....	Barroso Junior
Visita ao Matadouro de Lisboa.....	Alberto Rosa
Enfim.....	Alberto Rosa
Team Desportivo do Instituto.....	Soares Pinto

Preço 4 centavos

1916

Composto e impresso na

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Bemfica, n.º 378

LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensario dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mario A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
	N.º 1 — 31 de Janeiro de 1916 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

Apresentação

Não poderíamos nós alunos d'este Instituto, onde ha quatro anos labutamos pela vida, deixar de fundar este jornal, pequeno produto do nosso trabalho.

É summa a nossa alegria neste momento, quando escrevemos estes artigos, que são os primeiros alicerces.

A nos mesmos nos impomos uma missão: desenvolver e animar com a publicidade, todas e quaisquer inclinações literárias e artísticas.

E' uma nobre e altruista missão que esperamos será proficuamente secundada pelos nossos colegas, e sinceramente apoiada pelos nossos superiores e assinantes.

A DIRECÇÃO

UMA VELHA ASPIRAÇÃO

Desde os primeiros dias que este nosso querido Instituto começou cumprindo a espinhosa missão que lhe foi incumbida, se pensou num elemento indispensavel a todo o collegio moderno—o jornal— Fizeram-se as primeiras tentativas que saíram infrutíferas; segundas se fizeram e... o mesmo resultado.

Mas lá diz o ditado: «tanta vez vai o cântaro á fonte que por fim lá lhe fica a asa»: desta vez conseguiu-se ir ávante.

Mas, qual a razão por que todas estas tentativas foram infrutíferas?

É claro que todas as dificuldades sobrevieram, triste é dizê-lo, da má vontade com que a maior parte dos alunos recebeu os primeiros impulsos para a formação do jornal.

Nos alunos d'este Instituto notam-se estas curiosas particularidades: os mais pequenos, crianças ainda, sómente pensam em brincar; para elles todas as aspirações se resumem nisto: divertirem-se. Os maiores, que deviam pensar mais a sério, só teem uma aspiração jogar o foot-ball. É claro, não há regra sem excepção, porque sem ela, o nosso jornal continuaria a figurar no rol das coisas «que se hão de fazer»... mas que jámais se fazem.

Voltemos, porém, á «vaca fria»: é claro que, com alunos que pensam d'este modo nada se pode conseguir, e isso demonstrou-se claramente quando se tratou da eleição da direcção d'este jornal: Quasi ninguém queria votar; que se não importavam com o jornal, que queriam brincar etc. ... de modo que a direcção teve quasi de se nomear a si própria, entre os alunos que tinham interesse pelo jornal. Como eram poucos a escolha era facil: os mais interessados eram exactamente o mesmo número dos membros necessários para a direcção...

Oxalá que daqui em diante, estimulados por esta nobre tentativa, os alunos comecem a pensar a sério na utilidade

que para nós todos podem ter estas humildes folhas de papel.

Alberto Rosa.

O 1.º DE DEZEMBRO

Esta memorável data que marca para a Pátria portuguesa a sua autonomia, jamais foi esquecida por aqueles que amam verdadeiramente quanto é puro, educativo e acima de tudo patriótico.

E assim o dia 1.º de Dezembro que decerto ninguém poderá esquecer, porque seria olvidar ser português, teve no Instituto um acolhimento simpático.

De manhã, ao içar a Bandeira, símbolo sagrado da Pátria, os srs. officiaes de serviço tiveram palavras ardentes e sinceras para o verde-rubro pendão do nosso querido Portugal, que deixaram nos nossos corações mais arreigado o patriotismo.

A' noite houve récita dedicada aos nossos ilustres officiaes, Tenente-Coronel Ortigão Peres, director deste Instituto, capitão Rui Ribeiro e tenente Edgar Cardoso, professores do mesmo Instituto.

A tuna excedeu o que se esperava; já quando da execução do hino Nacional, já durante os vários números que compreendem o seu repertório, sendo sempre aplaudida.

A saudação dita muito bem pelo aluno Còiado, foi entusiasticamente acciã e teve a coroá-la uma quente ovacão.

Todos os outros números foram bem ditos havendo a destacar a forma natural como foi interpretada o «Pouca Sorte» que foi o mais aplaudido número além da patriótica canção «um Bravo do Mindelo» dita pelo aluno Alves, que conseguiu ser várias vezes bisado sendo muitíssimo aplaudido.

E eis em breves palavras o que foi o dia 1.º de Dezembro no Instituto.

Decerto êle jãmais nos esquecerá porque là tora, quando na laboriosa luta pela vida, nos havemos de lembrar com saúdade dêstes dias memoráveis.

Barroso Júnior.

A nossa aula de escripturação commercial

Todos os dias, contentes, como as avezinhas num bosque saltando seus gorgeios, nos dirigimos para a aula de escripturação cr.de permanemos durante 4 horas.

Parecer-vos-há muito tempo?

Não é. Porque o nosso júbilo por nos vermos um dia homens, lutando pela vida e pelo engrandecimento da nossa querida Pátria, faz com que êste tempo nos pareça diminuto.

Todos os dias estudamos alguma coisa de maneira que pouco a pouco vamos completando a laboriosa carreira de Comércio, sem nos fatigarmos, e adquirindo assim conhecimentos úteis que mais tarde nos deverão servir de bases para o nosso futuro.

Julio Augusto Malaguerra

Aos poetas

*P'ra não dar um ar insípido
Ao nosso jornal escolar,
E' preciso que os poetas
Comecem a versejar.*

*Pois que a prosa só por si,
Sem vers., por companheiro,
E' cá p'ra nós como um sino
A que lhe falta o sineiro;*

*Pedi pois jovens poetas
Sonantes inspirações
A's musas do Tejo amado
P'ra compor vossas canções*

Mendonça Pereira

Uma visita ao Algarve

Quem já tiver viajado pela linha férrea do Sul e Sueste, que vai do Barreiro a Vila Rial de Santo António, deve ter observado como é flagrante a diferença das províncias limítrofes.

Partindo do Barreiro por uma dessas lindas noites de Agosto ou Setembro, enquanto o comboio ganha caminho, pode o passageiro observar as terras, então banhadas por um poético e límpido luar.

Estamos no Alentejo; a vista espalha-se por aquelas planícies ericadas, de restos, onde, de dia, lá ao longe, se pode ver o fumo negro duma debulhadora, ou grandes manadas de bois, que pastam sossegados, enquanto no horizonte se divisam os clássicos sobreiros formando uma mancha escura.

E é tudo; passam-se quilómetros e quilómetros onde a vista não enxerga um unico ser, uma unica habitação. Entranto aproxima-se o Algarve. Beja fica-nos muitas léguas já à rectaguarda e estamos quasi a chegar a S. Marcos da Serra. Aí o terreno acidenta-se, tomando formas caprichosas; cavam-se vales, uns quasi a prumo, outros de suave inclinação, inteiramente vestidos de urze e estevas.

Pouco a pouco, insensivelmente, o declive é menos abrupto, os montes espaçam-se e lá ao longe a muita distância, se enxerga ainda incertamente, mas a pouco e pouco se tornam mais nítidas, as ubérrimas planícies Algarvias.

Estas são galgadas nuns minutos e eis-nos à janela, com o rosto açoitado pelo vento fresco das campinas, enquanto o sol, como que caprichando em nos tornar este espectáculo mais encantador, desponta lá ao longe, espalhando os seus raios de ouro sobre a planície.

O nosso espirito anima-se, solta-se a lingua, distende-se os membros entor-

pecidos pela vigilia e posições incómodas da noite e admiramos a forma caprichosa e tão nossa familiar das oliveiras, figueiras e alfarrobeiras, cujos ramos quasi nos veem tocar: Pequenos casais de estilo antiquado, com a sua clássica nora; camponeses de aspecto alegre, que de alvião ao ombro, partem para o trabalho; moçoilas frescas e rosadas, que em grandes ranchos e ao som duma toada monótona e saudável, simples mas comovente estribilho dos campos, vindimam apetitosas uvas ou colhem saborosos figos.

Passam-se quilómetros e quilómetros, estações e estações, e todo este belo cenário poético no seu conjunto, perpassa ante o olhar extasiado do viajante, que talvez não acreditasse que isto era assim naquela benfadada província.

Scares Pinto

As nossas oficinas

As nossas oficinas estão instaladas em três pavimentos seguidos e separados, ficando em cada um uma oficina diferente que pela sua ordem são: no pavimento de baixo, a oficina de carpintaria; no do meio, que é o mais pequeno, está a forja; e no de cima que é o maior, está instalada a serralharia.

Contudo, estes pavimentos são assás pequenos para o acomodamento do grande numero de alunos industriais que ha também; alem disso, o espaço que elas ocupam tambem o é para a instalação das máquinas mais necessarias aos trabalhos que se realizam no Instituto.

Felizmente, a visita de S. Ex^a. o Ministro da Guerra, veio trazer alguns

melhoramentos, como sejam? a construção de novas oficinas, das quais já está feito o orçamento esperando-se agora simplesmente o dinheiro para se iniciar a sua construção.

Estas oficinas serão instaladas num grande talhão de terreno situado na encosta e logo a seguir á parada onde estavam colocadas as capoeiras e o viveiro das plantas.

Na oficina de serralharia temos já algumas máquinas manuais e mecânicas, sendo as ultimas movidas por um motor electrico com a força de quatro cavalos. Entre elas podemos mencionar um torno com 10 pés de barramento, 8" e 9 1/6 de altura do ponto à cava e 7" e 5 1/6 de altura de cava; um engenho de furar, de coluna e prato móveis com 7" 1/2 de alcance da broca.

As primeiras são constituídas por um torno e um engenho de furar pequeno. Nas outras oficinas por enquanto não temos nenhuma, esperando pois, que com a construção das novas oficinas se comprem algumas para a de serralharia e de carpintaria, bem como a construção dum forno de manga, para fundição.

A existência das oficinas no Instituto, não é sómente um grande agente de aprendizagem pedagógica para os alunos, como também uma grande fonte de economia para elle, pois são nelas feitos todos os trabalhos de que necessita.

Além das já mencionadas também há a de tipografia, que em qualquer número virá feita a sua descrição, porque ella está separada das outras, sendo só frequentada pelos alunos destinados a essa profissão.

O pessoal técnico das oficinas acima citadas é composto pelo Director e três auxiliares.

O regresso de férias

Foi num dia belo, num dia encantador de outono que, a alegre rapaziada do Instituto recolheu ao seu ninho habitual, o Instituto.

Que saudades não trazia cada um de nós! Uns traziam-nas dos alegres passeios pelos formosos arredores da velha e heroica Lisboa; outros dos ternos e meigos pais que lá na provincia anseiam o momento de ver os seus filhinhos na luta pela vida, sonhando talvez... um futuro dourado e cheio de esplendor para elles.

Outros contentes por receberem no Instituto os seus velhos amigos, os seus bons e lia's camaradas, sorriam para todos; e quem sabe mesmo se a dôr lhe consome a alma! Coitados! Na sua maioria orfãos, não tem lá fora familia que os possa receber, nem a mesma dedicação e os mesmos carinhos que encontram debaixo das filantrópicas azas da redentora República, a mãe desvelada dos humildes e dos pequenos.

Sim. Ella não se esqueceu jamais da velha aspiração da briosa classe militar que vendo-se na impossibilidade de educar e instruir convenientemente os seus filhos, desejava, ambicionava mesmo, um estabelecimento para elles. E a Republica que ainda não faltou aos seus mais sagrados deveres, abriu-nos as portas do Instituto e carinhosamente, embora à custa de sacrificios está protegendo 200 alunos dos quaes muitos são orfãos.

E é para que todos nós mais devemos olhar; já incitando-os ao bem e ao trabalho, já ajudando-os a prepararem-se para as árduas lutas da vida.

*
*
*

E desse dia em diante começou uma labuta constante, sempre animados pelo mesmo pensamento: o do chegarmos ao fim consciô de havermos cumprido um dever perante o país.

Só assim é que poderemos ser cidadãos uteis e honestos, que glorifiquem o bom nome do Instituto e que sejam acima de tudo verdadeiros e ardentes patriotas, não esquecendo o verídico lema de

«Querer é Poder».

Salvador P. da Silva.

J. C. Barroso Júnior.

Ao Ex.^{mo} Sr. Ortigão Peres

No regresso á Pátria, após o feliz éxito na campanha ao sul de Angola, onde esteve como Chefe do Estado Maior.

*Eu vos saúdo, illustre Director,
Que nos negros sertões d'África ardente
O nome português, heroicamente,
Fastes vingar do pérfido traidor.*

*Combatendo n'Angola com valor
O bárbaro gentio, vós valente,
Mostrastes que o caminho é para a frente
Aos que a guerra tornou ebúrnea a côr,*

*Transborda de alegria o coração,
Ao saber que à metrópole voltastes,
O' português heroico e resolutos;*

*Recebei, pois, a minha saudação
Pelo valor que n'África mostrastes,
Ó caro Director do Instituto.*

Alberto Rosa.

A HISTORIA PÁTRIA

A historia pátria é uma das disciplinas que nós devemos estudar com mais carinho e amor. Nela está exarada toda a vida d'este pequeno torrão sagrado a que nós chamamos Portugal. Nela se gravam todos os feitos gloriosos dos nossos antepassados que trabalharam com tanto afinho, lutando em tantas batalhas e expondo-se ao salso argento com destemido valor, para conquistar e descobrir novas terras, engrandecendo d'este modo a sua cara e saudosa Pátria que nós devemos amar e defender até o último momento, porque foi nela que nascemos e nos educámos e foi dela que herdamos os seus costumes as suas crenças e a sua lingua. É ela que faz reviver os herois como o grande Afonso Henriques que firmou a independência nacional e alargou os dominios d'este Portugal querido, conquistando em sangrentas batalhas terras aos mouros; D. Diniz, que desenvolveu a agri-

cultura e as letras; D. Henrique o grande «argonauta» que deu inicio a todos os descobrimentos; Vasco da Gama o descobridor do caminho maritimo para a Índia; enfim uma pleiade enorme de homens illustres que Portugal possuiu e que nós nunca devemos esquecer, porque a eles devemos a nossa querida Pátria. Mas se quisermos ter conhecimento perfeito dos factos gloriosos dos nossos compatriotas vamos ler o nosso querido poema «Os Lusíadas» feito pelo poeta Luis de Camões um grande patriota e soldado que cantou em versos levados todos os feitos gloriosos dos portugueses e todos os varões que enobreceram este nosso amado Portugal.

Vêde pois caros leitores, que a historia pátria deve estar sabida por todos nós, para que possamos em todo o mundo relatar o que foi Portugal doutroza e o valor que todos os portugueses, mostraram sempre em defesa da sua querida Pátria.

Salvador P. da Silva.

Pouca sorte

*Eu não sei o que isto é
Estudo, mato-me a estudar,
Mas lá, com a maldita algebra,
Não há meio d'encarrilar.*

*Se me chamam à lição,
Fico meio atarantado,
Escrevo e torno a apagar ...
Tenho o mesmo resultado.*

*No fim da hora eu soffro
Grandiosa decepção
E' que peço ao professor
Qual a sua opinião*

*Os leitor's hão de concordar
Que isto para mim é forte;
Qualquer dia dou em doido,
Com toda esta pouca sorte.*

Soares Pinto.

O 31 de Janeiro

Passa hoje o aniversário da memorável revolta que há 25 anos os republicanos portugueses promoveram, com o fim de proclamar a República abolindo para sempre a nefasta e corrupta monarquia.

Mas é que tempos antes o governo tinha recebido um *ultimatum*, como sempre, vergonhoso para todos aqueles que amam enternecidamente a sua abençoada Pátria. E esse ultimatum, foi um profundo golpe no coração português que ainda não se desofuscou de todo.

O espirito republicano que a todo o momento velava pela integridade da Pátria, vendo a incorrecta maneira como o governo recebia aquele rude golpe e a importância que lhe ligava, decidiu salvar a honra deste difoso torrão que se chama Portugal.

E que sucedeu?

Os ardentes patriotas, os verdadeiros apóstolos da Pátria que por ela derramaram o seu sangue, deixando a família ao sabor da miséria, foram esquecidos e outros desterrados para as longinquas paragens de além mar.

Mas, embora a revolução não triunfasse, o que é certo é que se deu um enorme passo para a inevitável proclamação da República que já não era sómente uma ambição, mas um facto.

E eis na redentora manhã de 5 de Outubro de 1910 a velha monarquia abolida e a República querida de todos, implantadas, embora á custa de verdadeiros sacrificios.

Não nos esqueçamos desta data, porque ela bem nos mostra quanto vale o esforço de homens que guiados pelo mesmo espirito altamente patriótico, souberam trazer para todos nós estes áureos dias que a República nos trouxe.

Barriso Junior.

Visita ao Matadouro Municipal de Lisboa

(Relatorio)

O matadouro de Lisboa foi fundado em 1862 pela Camara Municipal desta cidade. Portugal pode orgulhar-se de ter sido o primeiro país que deu o exemplo à Europa dum serviço de matadouros municipalizado. A própria Bélgica que tem municipalizados o serviço de gás e de água não tem municipalizado o serviço de matadouros. O sistema usado em Portugal é completamente nosso, e de nós copiou a Inglaterra e a Itália. Enquanto que em quasi todos os outros paí-

ses o matadouro não dá ao Estado senão despesa, o matadouro de Lisboa dá a receita anual de 30:000.500. Sómente existem na Europa uns 5 matadouros de igual sistema e que foram copiados pelo nosso: 2 em Inglaterra e 3 na Itália.

O sistema usado no matadouro de Lisboa consiste no seguinte: Os marchantes depois de terem comprado o gado aos lavradores levam-no ao Mercado onde é submetido á revista veterinaria. Se é admitido é levado para o Matadouro, e aí marcado com o numero representativo do marchante. Embora o gado não seja comprado pela Camara, e continue a pertencer ao marchante, este não manda nada no matadouro e recebe no fim da semana o dinheiro equivalente á carne que este manda para os diversos talhos, a pele salgada, pronta a ser mandada para as fabricas de sola, o sebo preparado é metido em barricas, os chifres e os cascos, o sangue (4 kg. por cada boi) as tripas, enlatadas (se são para exportar) ou em molhos, etc.: tudo se aproveita. Insisto isto é um processo genuinamente português e tem grandes vantagens sobre os demais: Basta citar o grande matadouro de Paris de la Ville: Lá são os marchantes que levam o gado ao matadouro acompanhados duns 10 ou 15 homens para os prepararem e arranjarém. Ora succede que todos queiram matar o seu gado primeiro do que os outros, donde se originam grandes desordens que os encarregados do talho a custo sossegam. Ora no nosso matadouro sendo a Camara que mata os animais, tudo é feito com método e com muita ordem, como tivemos occasião de apreciar. Sobretudo a limpeza é irrepreensível.

Logo á entrada, depois de atravessarmos uns 2 portões encontra-se immediatamente a casa da matança. A' hora a que entramos já se encontravam uns 10 bois mortos e estava-se procedendo á matança de outros.

No matadouro de Lisboa matam-se cada dia nus 80 a 120 bois; o processo empregado é o da enervação. Como tivemos occasião logo de vêr os amarrados com uma corda pelos páus e seguidos de alguns homens, que os excitam com gritos e com aguilhoadas são levados de encontro a umas colunas de ferro, onde, mal eles chegam, os amarram immediatamente. Logo que isto acontece, e que os animais se encontram em posição propria, o matador, que usa um avental de couro, e leva na mão uma faca com a forma duma lança, com um golpe lesto e que demonstra firmeza e longa prática, dá-lhe um golpe no pescoço de modo a atingir a espinhal-medula entre a 1.ª vertebra cervical e o occipital. Immediatamente o animal cai por terra; não está morto mas como tem o sistema nervoso separado do cerebro, já não sente mais nada.

E' este o processo que faz sofrer menos os animais; é devido a M. Bizet. Enseguida dá-se um golpe no coração do animal para fazer correr todo o sangue. Este sangue corre todo para dentro duma especie de pequeno deposito, coberto com um ralo. Em seguida uns homens, que impõem um vagonete, tiram o ralo do deposito e por meio duma especie de pá tiram o sangue que deitam dentro do vagonete. Passam depois a outro lado e quando teem o vagonete cheio, levam-o para a officina da preparação do sangue seco. Alguns bois que eram mais mansos, em vez de os amarrarem ás colunas, armavam-lhe um laço de modo que lhes tapassem os olhos e matavam-os assim. Outros nem sequer lhes armavam laços. Caminhavam para eles, e quando estavam em posição adequada espetavam-lhe a choupa e eles caíam imediatamente. Saimos depois daí acompanhados pelo sr. Grilo

e por um veterinário e vimos um enorme pátio onde se encontrava o gado vivo que ainda não tinha sido pezado. Todo esse gado era de raça alemtejana. Esta raça serve para o trabalho e para o consumo de carne. Desse pátio eram os bois transportados para a balança que enseguida vimos.

Subimos por uma escada e encontramos-nos no cima duma parede que fazia as divisorias duma casa. Um dos compartimentos tinha o chão de ferro e as paredes cercadas duma grade. Uma das paredes corria para o lado como algumas cancelas do caminho de ferro, e o gado impellido por alguns homens entrava para ali. Imediatamente a porta era fechada. Um homem que se encontrava também na parte de cima via o numero que tinham os animais e dizia para o outro compartimento: n.º ... tal, ... tantos bois. Marcava-os em seguida com um ferro molhado em alcatrão e abria-lhes uma porta, oposta à por onde eles tinham entrado. Esta pesagem faz-se para 2 coisas: para o matadouro cobrar \$00,58 por cada quilo de carne viva e para a Alfandega \$07 por cada quilo de carne viva. Cada boi pesa em media 500 kg com efeito vimos pesar 4 cujo peso total era de 22.310 kg. Cada animal dá em media 250 kg de carne limpa. Depois de pesados, os bois passam a outro pátio onde esperam a hora do sacrificio. Da casa da Alfandega passamos ao estabulo das ovelhas. As ovelhas sendo a carne da gente pobre estão exentas de imposto.

Proximo do estabulo das ovelhas estava um grande estabulo onde estavam as vacas em observação.

Por toda a parte há luz e limpeza. Depois de sairmos do estabulo passamos pelo local onde estavam esvasiando os buxos e dirigimo-nos à oficina de destilação e envasilhamento do sebo. Ai, depois de destilado em caldeiras o sebo era metido em barricas para serem entregues ao marchante. Na officina seguinte preparavam-se as miudezas: mãos de vaca, chispes, cabeças de vitela, etc; era interessante ver uma coleção de objectos encontrados nos intestinos dos animais. Entre as coisas que se encontravam na coleção viam-se 2 navalhas meias abertas, um canivete, grande numero de medalhas e uma corrente. Passamos depois à officina onde se procedia á secagem das tripas, visitando depois as officinas de pintura, serralharia e carpintaria, onde são concertados os artigos do matadouro. Havia também lá uma escola nocturna para os empregados do matadouro, que estava limpa e asseada.

Ali no matadouro nada se estraga; até a propria carne dos animais tuberculosos é ali aproveitada, sendo esterilizada numa officina que visitamos. Essa carne é vendida a \$12 e o caldo a \$08, dizendo-nos que não chega para as encomendas. Em seguida entramos na officina da preparação do sangue seco. O sangue que vimos chegar numa vagoneta é despejado para uma caldeira onde é cosido e depois comprimido e passado numa calandra, donde vai acabar de secar numa estufa, indo depois para a terra como adubo organico; tem a seguinte composição química: azote 11,2; acido fosforico 1,2; potassio vestigios.

Ora sendo o sangue de todos os animais misturado, á primeira vista parecer-nos-hia impossivel depois saber qual é o sangue que pertence a cada marchante. Mas por calculos que se fizeram no dito matadouro verificou-se que cada boi tem em media 4 quilos de sangue. Esse é vendido a \$07 o quilo.

Passamos depois pela casa das maquinas onde se encontravam 2 caldeiras de 50 Hp cada uma. Somente trabalha uma caldeira estando a outra de reserva para qualquer avaria que suceda. E' esta caldeira que faz mover todos os engenhos deste vasto estabelecimento. Contiguos á casa das maquinas fi-

cam os armazens da salga da courama. E' ahi que as peles são salgadas e empilhadas para assim permanecerem até ao fim da semana. Para avaliar a enorme quantidade de dinheiro que ali está depositado, basta dizer que cada pele de boi vale 10\$00 e que ai se encontram empilhadas grande quantidade de peles. Ora matando-se em media 100 a 120 bois diariamente e estando ali guardados as peles duma semana, quer dizer que estão ali aproximadamente 8.400\$00. Isto fóra as peles de carneiro que também são abundantes e que valem cada uma 1\$00. Como já disse as peles estão ali em sal e saiem no fim da semana prontas para serem mandadas para as fabricas de sola. Uma coisa curiosa na venda é o peso ser calculado pelo peso do animal em vivo. Exemplifiquemos: se um boi em vivo pesa 35 arrobas a pele é vendida como se pezasse 35 arrobas.

Fomos depois examinar uma pocilga: também ali o asseio era admiravel apesar do porco ser porco.

Era uma enorme pocilga de cimento, dividida em compartimentos onde podem caber 600 cabeças.

Os porcos recebem um numero a ferro que nunca mais perdem até á morte e que também representa o proprietario. Os porcos podem estar 24 h no matadouro sem pagarem nada; porém só podem dormir e beber agua. Passadas 24 horas o matadouro dá-lhe um litro de milho e os donos pagam \$10 por cada 24 horas a mais. Em vez de fazer uma complicada escrituração dos dias que os porcos estão a mais das 24 horas, por cada dia marca-se uma estrela a fogo. Quando matam os animais contando-se o numero das estrelas que eles têm sabe-se immediatamente a quantia que o dono deve pagar, (\$10 por cada estrela).

Nesta occasião estava esta secção do matadouro muito pouco frequentada, mas no inverno chegamos a matar 60 porcos por hora. As tripas do porco depois de lavadas e voltadas são entregues ao marchante.

Passamos depois ao gabinete de analyse quimica, microscopica. Vimos ao microscópio os microbios da *trichinose* da *tenia* e da *tuberculose*.

Vimos também em frascos varios pedaços de mosculos atacados de *trichinose* que é uma doença mortal ao homem chegando na Espanha a ter havido verdadeiras epidemias desta doença. A *trichinose*, morre a 80° mas com geral o centro dos bocados de carne quando são assados nunca atingem esta temperatura. Outros bocados estavam atacados de *echinococose* que é uma bolha no coração do animal, a qual comida pelo homem dá lugar ao kysto hydatido do figado. Vimos também uma larynge de boi atacada de tuberculose.

Á volta quando passamos pela casa da matança estava se procedendo ao esfolamento dos bois.

Julho de 1915.

Alberto Sousa A. Resa.

Aluno n.º 13 do 3.º ano comercial.

ENFIM!

Eis enfim realizada a suprema aspiração dos foot-ballers do Instituto. Devido ao ilustre director das oficinas, sr. tenente J. Migueis, e com autorização do nosso director, o team de foot-ball do Instituto filiou-se na Associação foot-ball de Lisboa.

E' preciso pois que todos os jogadores dê-se team, que com outros colégios de Lisboa vão disputar a taça escolar saibam honrar sempre o caro nome do nosso Instituto. E, preciso que, compenstrados dos seus deveres, se se apresente em campo irrepreensivelmente equipados e se mostrem conhecedores de todas as leis de foot-ball.

Oxalá que assim suceda.

Alberto Rosa

Team desportivo do Instituto

Data d'este ano a nossa entrada na Associação de Foot-ball de Lisboa mas, antes disso já esse jogo era cultivado no Instituto, ainda que duma forma muito irregular, constando apenas de simples e às vezes extenuantes treinos. Todos nós sabemos que antes de entrarmos para a Associação, este jogo ainda que aceite, no espirito de alguns alunos não estava no dos superiores do Instituto. Era uma ideia fixa, era uma aspiração que não tinha onde se apoiasse, e ainda menos onde se praticasse, pois não havia e o não ha campo próprio e conveniente para jogos daquela natureza.

Ha dois anos quando se tratou de concorrer ao campeonato inter-escolar da barra e bandeira, fez-se um grande esforço, dispendeu-se muita energia, pois estes jogos foram meses praticados tão assiduamente que no fim jogavamos mais pelo amor da victoria, do que pela distração do jogo.

Parece que não mas é um facto: Todos os jogos, ainda os mais deseja-

dos, massam quando muito repetidos.

Tratou-se este ano de entrarmos na Associação; desenhou-se logo uma grande ansiedade e ao mesmo tempo uma grande alegria. Fizeram-se pedidos que foram gentilmente satisfeitos reuiu-se a assembleia escolar que votou a direcção do Grupo Desportivo cuja constituição foi a seguinte:

Presidente Soares Pinto

Vice-presidente Santos

Secretario Lampreia

Tesoureiro Otelô

1.º vogal Neves

2.º vogal Mendonça

Redigiram-se os estatutos do grupo que foram inteiramente aprovados pela assembleia; nomearam-se os capitães e constituíram-se os teams, cuja composição e ordem é a seguinte:

2.ªs categorias

Santos

C. Guerra Dinis

Fernandes Neves Otelô

Antonio Guerreiro Albino Olival Soares
Cap.

3.ªs categorias

Pandaio

Cap.

Mendonça Malaguerra

Palma Lampreia Correia

Salvador Cabral Mateus Leitao Roxo

Tratou-se também de organizar treinos diários á hora do recreio, no campo do Instituto, e aos domingos nos diversos campos da capital, treinos que poderiam abonar mais a favor do físico e do progresso do team, se houvesse quem com conhecimento pratico e te rico do assunto os orientasse e dirigisse superiormente.

Soares Pinto.

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto Secretário da redacção: José C. Barroso Junior	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	N.º 2 — 29 de Fevereiro de 1918 — 1.º ano	Alberto de Sousa Rosa "Manoel de Mendonça Pereira
	Comp. e Imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

Visagens matutinas

Ponho-me a pé um tanto ensonado; tomo uma ligeira refeição, e apronto-me a seguir para o Instituto.

Está uma madrugada fria, e a impertinente chuva não cessa de me incomodar com os seus piparotes de fluido. Há pouco que acabaram de soar as 6 horas nos relógios mais proximos. É a hora em que a cidade que até aí estava mergulhada na somolência, começa preguiçosamente a despertar do seu torpor.

Principio por avistar ao longe, nas estreitas e mal iluminadas ruas, umas formas vagas, emboçadas em seus gabões de inverno, que com passo apressado, se encaminham para as paragens donde os carros eléctricos os deverão transportar aos seus destinos.

São na sua maioria operários que, com o larnel de baixo das suas, dos gibões, se dirigem para os seus quotidianos afazeres. A chuva cada vez mais impertinente se faz sentir, não miudinha e subdividida como há pouco mas caindo em grossas bagas que se transformam em mil gotículas logo que tocam o solo. Para as bandas do rio enveredam grupos de marítimos no seu passo pesado, semelhante a desageitados patos, quando saem do seu habitual elemento.

Por entre a vozeria que fazem, de vez enquando, deixam escapar uma praga mal contida.

E na verdade tem motivo para tal pois que o temporal que se vai levantando, os inibira de se meterem ao mar, para as pescarias.

Aquele zumbido a principio mui distinto foi-se perdendo ao longe num rumor vago.

Depois de chapinhar durante algum tempo na lama suja das ruas, tomo um eléctrico para o Rocio, pois que já estou suficientemente saturado de humidade.

Este vai um tanto ocupado, em especial pela classe operaria. O tempo, não encontrando escolhos, foge com uma incrível rapidez e, sem o esperar, vejo que tenho um colega por companheiro até ao Instituto.

Vamos conversando sobre assuntos vários, até nos aproximarmos da Esperança, o bairro por excelência frequentado pelas varinas.

Já se começam a distinguir ranchos de alegres moçoilas de Ovar e suas cercanias, que de gigas á cabeça, e envoltas nos seus fatos tradicionais, se encaminham, entoando cantigas em voga pela cidade, para o mercado da Ribeira.

O matisado vai-se colorindo com a aparição dos estabelecimentos de comércio que já começam a abrir as portas à freguezia madrugadora.

Mais adiante e a intervalos indefinidos, ébrios em atitudes grutescas,

assemelhando-se a velhas moscas estonteadas pela luz, encharcados até aos ossos, como esponjas, êsses pobres diabos vão exibindo russos domínios ou bizarras vestimentas de velhos de Entrudo; são o primeiro prenúncio das festas carnavalescas.

Nos botequins e tabernas, o movimento é grande.

Veem-se novos e velhos num vai-vem constante, entrarem para tais lugares. Uns a pretexto do frio, que entorpece os membros, outros tendo já por hábito ir tomar quotidianamente o seu mata-bicho e outros ainda que acham no alcool o único alívio dos seus infortúnios, se vão inquinando com tais venenos.

Estes são os assíduos frequentadores de tais casas, que só servem para deteriorar e depauperar as forças físicas e intelectuais e para gastar os já escassos salários. Transformam o espírito lúcido num ente irritável, sem vontade própria, e atreito a praticar inconscientemente atrozes crimes.

Deixemo-nos, porém, de considerações e prosigamos no nosso itinerário.

Em breve chegámos ao Rocio que começa a ser iluminado pelos raios de uma invernosa e pardacenta manhã, semelhante às plúmbeas e nevoentas auroras Londrinhas. Mas estamos em Lisboa e não em Londres, e para mais as portas da encantadora estação primaveril. Com que direito a Senhora Natureza, em lugar de limpar o firmamento com meia dúzia de varredelas, anda acumulando lá por cima montões de nuvens com tão carrancudo aspecto? Mas enfim isso é lá com ela e o único remédio que temos é a resignação.

Prosigamos, porém, no desenrolar deste novelo que já se vai estendendo

Depois de termos abandonado o nosso meio locomotivo, achamo-nos de novo à mercê das borrifadelas vindas lá de cima, com uma certa insistência nada apeteçível.

E' diminuta a distância que nos separa da estação Central do Rocio, caminho que em dois instantes percorremos.

Já lá se encontram muitos camaradinhas madrugadores que costumam aproveitar o 'Tramway' das 7 h. e 16^{as}.

Trocam-se as saudações do costume, já nas escadas que nos conduzem ao pavimento superior.

Mas perdão! Não devo prolongar por mais tempo esta massadora palestra que teve unicamente por fim, dar uma vaga ideia do típico movimento matutino da cidade dos nossos alfacinhas, visto através do prisma do realismo.

Já todos nos achamos instalados numa das carruagens. Uns lêem jornais, outros conversam. E' dado o sinal de partida, pondo-se em movimento os possantes membros de aço da locomotiva que em breve nos transportou ao Instituto.

Mendonça Pereira
5.^a anno industrial

Episódio de Inês de Castro

(Lusiadas, canto III, est. CXVIII a CXXXV)

Depois da gloriosa batalha do Salado, onde as armas portuguesas inauditos feitos alcançaram, Afonso IV que sempre foi temível perante os mouros, voltou à Pátria, ostentando as palmas da vitória que á custa de sangue e heroísmo, para o reino e para a cruz havia alcançado. Planeava então uma paz duradoura, querê interna, querê externa, mas os aulicos, atreitos a rixas e intrigas, trataram de incutir no ânimo do bravo Rei que aquele amor tão íntimo e tão intrínseco que prendia entre si Inês de Castro e D. Pedro, era prejudicial ao

Afonso IV procurava a todo o transe casar o príncipe com dama de mais alto grau hierárquico, ou princesa, não conseguindo porém o seu intento.

D. Pedro tinha-se enamorado dessa formosa dama de origem castelhana, que vivia retirada do convívio da cidade, nos amorosos campos do Mondrigo. Ai, entre lágrimas e saudades só tinha para consolá-la os dourados sonhos e mentirosos pensamentos que a todo o momento lhe perpassavam pela mente.

O Rei porém, atendia às exigências do povo que julgava perder a autonomia da sua Pátria e queria a morte de Inês de Castro. Por isso ordenou que á sua presença a levassem para depois merecer o devido castigo.

Foi então que, aproveitando-se da ausência de D. Pedro, alguns cavaleiros a levaram perante o soberano. Ai Inês com palavras de súplica e dor comoveu o rei que desejava perdoar-lhe; mas a voz temerosa da população e os severos conselheiros a tal se opuseram.

D. Inês, pedia e súplicava com olhos piedosos o perdão da sua inocência.

Não era a morte que ela temia; o que a horrorizava era deixar aquele que tanto amava e o fruto desse atroz e saudoso amor, os seus filhinhos queridos e mimosos, para os quaes o Rei devia olhar com mais carinho.

Preferia que a abandonassem em algum desses lugares só habitados por animais selvagens, na Scítia fria ou na Libia ardente, pois aí ao menos poderia a sua mágoa abrandar os corações das feras e nelas encontrar a piedade que em corações humanos se não mostrava.

E num instante, refulgentes espadas, talvez reliquias das cristãs guerras, atravessaram o fragil peito dessa victima sem forças e sem defesa que pouco depois expirava entre choros dos filhinhos e o aquietado murmurar do povo ignorante que então, como muitas vezes na ânsia febril da liberdade, comete crimes atropelando a justiça e a civilização numa fúria louca.

Barroso Junior.

4.º anno commercial

ESTÁ CHEGADA A HORA

Está chegada a hora, está chegada a hora

Oh! tenebroso indício,

Por todos repetidos em alta voz sonora,

Em dia de exercício.

Está chegada a hora, oh meus camaradinhas,

Vamo-nos preparando,

Que zeros de gravata e outras notazinhas

Já nos estão esperando.

Está já está chegada, e mesmo neste instante

Acaba de soar...

E à porta da aula, uma bicha ululante

Prepara-se a entrar.

Já nos nossos lugares anciosos estamos

Pelos pontos fatais,

Enquanto de memória recordando vamos

As regras principais.

Eis que o mestre sisudo do alto da cathedra

Prepara-se a ditar

E a qualquer de nós manda escrever na pedra

O que vai perguntar.

A primeira pergunta alivio nos produz

Mas oh sorte mordáz!

As outras que se seguem, claras como a luz

Que confusão nos faz!!

Mas é proverbial que de tais confusões

Vão vivendo os juizes

E em paga de tal é que no fim do anno

Nós temos as «reprises»

Eu só queria enterrar as nossas cadernetas

Das notas anuais

Pois que deviam dar, «isto sem pegar pêtas»

Frondosos batatais.

Está chegada a hora para terminar-mos

Estas versalhadinhas.

E nosso desejo, seria d'apanharmos

Sublimes notasinhas

Mendonça Pereira

5.º anno industrial

ta. Pedia-se-lhe ainda para extrair a raiz quarta de 614655, êle respondia passado o mesmo tempo: 28— solução igualmente exata.

O sr. Claparède, professor da Faculdade de Ciências de Génova, o sr. Beredska, professor do Instituto Pasteur de Paris, numerosos doutores e professores das universidades de Stuttgart, Basileia, Oldemburgo, Génova e Florença, confirmavam resultados semelhantes observados por êles.

Um critico, raciocinando sobre as operações efectuadas pelos cavalos alemães deante do sr. Claparède, quiz demonstrar que existia fraude humana, onde nós julgavamos ver inteligência animal.

Mas não é aí que está o assunto.

No fim d'êste trabalho fui obrigado a perguntar a mim proprio se não existiria um processo rápido para a extração de raizes.

Encontrei um. Esse processo é muito simples. Reduz a extração duma raiz cúbica ou quinta, a uma única operação que se effectua em menos dum segundo.

E' êsse processo que eu irei expor aqui.

Extração duma raiz quinta.— Decorremos pela sua ordem os números seguintes: 1-3-24-100-300. Sabemos que 1 significa 100.000, e que os quatro números seguintes são milhões: 3 milhões, 24 milhões, 100 milhões, 300 milhões; Contemos pelos dedos ao mesmo tempo que pronunciamos: 1, 3, 24, 100, 300, e nós sabemos já extrair a raiz quinta dos números cuja raiz está compreendida entre 1 e 500.

Exemplifiquemos: mandam-nos extrair a raiz quinta do numero 4.084.101, leiam-nos êste numero lentamente. Logo que pronunciem o numero, nós, iremos a par e passo, contando pelos dedos e pronunciando ao mesmo tempo os números 1, 3, 24: veremos que quatro milhões está compreendido entre 3 (três milhões) e 24 (24 milhões), isto é, entre o segundo e o terceiro dedo. Não esqueçamos o numero 2 d'êste segundo dedo. E' o numero das dezenas da raiz que procuramos. Basta-nos apenas ouvir ler até ao fim o numero 4.084.101. Não precisamos prestar atenção aos numeros que impressionem os nossos ouvidos, excepto ao ultimo. Isto é, ao numero 1. Logo que o ouvimos, collocamo-lo à direita do numero 2, das dezenas, e pronunciamos em voz alta: 21.—21 é a raiz quinta pedida.

Vamos ainda longe. Agora que já conhecemos a serie 1, 3, 24, 100, 300 aprendamos a serie seguinte, contando sempre pelos dedos. 777 milhões 1 bilhão e meio 3 bilhões 6 bilhões, 10 bilhões. Sabemos agora extrair as raizes quintas dos numeros cuja raiz está compreendida entre 1 e 100.

Exemplifiquemos de novo.

Extraiamos a raiz quinta de 8.587.340.257.

Logo que pronunciarem oito bilhões, nós contare-

(milhões) 1 1/2 (bilhões), 3 (bilhões), 6 (bilhões), 10 (bilhões). Notamos immediatamente que 8 bilhões está compreendido entre 6 e 10 bilhões, isto é, entre o nono e o decimo dedo. Decorremos o algarismo 9 do nono dedo. Esperemos que leiam até ao fim o numero 8.587.340.257. Não prestemos nenhuma atenção senão ao ultimo algarismo—7. Coloquemos 7 à direita de 9. Isto dar-nos-há 97. Pronunciemos em voz alta: 97. Será ainda mais uma vez a raiz quinta pedida.

Vamos ainda mais longe. Contemos pelos dedos 16, 21, 37, 53, 75. Convencionemos que êstes numeros representam bilhões. Sabemos agora extrair a raiz quinta dos numeros cuja raiz está compreendida entre 1 e 150.

Novo e ultimo exemplo: mandam-nos extrair a raiz quinta de 61.097.340.625. Logo que pronunciem 61 bilhões nós contaremos pelos dedos: 16, 21, 37, 53, 75. Vemos que 61 está situado entre 53 e 75, isto é, entre o quarto e o quinto dedo. Decorremos o algarismo 4 deste quarto dedo, juntando-lhe 10 o que nos dará 14. Oigamos até ao fim a leitura do numero, 61.097.340.625.

Logo que pronunciarem o ultimo algarismo deste numero, isto é, o algarismo 5 collocamo-lo à direita de 14; isto dar-nos-há 145.—145 é a raiz quinta pedida.

Enfim, uma raiz quinta extrai-se instantaneamente. Referencias muito simples (1—3—24—100—300—777—etc.) dão o algarismo das dezenas. O ultimo algarismo do numero de que extraímos a raiz dá o algarismo das unidades.

Exercitemo-nos durante alguns minutos. Façamos ler numeros que sejam potencias perfectas dos numeros compreendidos entre 1 e 150. Poderemos enunciar as raizes immediatamente apoz a leitura dos numeros.

Exemplos :

Potencias perfectas	Raizes quintas
537.824	14
39.135.393	33
345.025.251	51
229.345.007	47
8.687.340.257	97
10.755.549	29
1.680.700.000	70
115.856.201	41
100.000	10
656.356.768	58

Quando o numero proposto é inferior a 100.000, o algarismo das dezenas é nulo; a raiz é representada pelo ultimo algarismo do numero.

Exemplo:

Potencias perfectas	Raizes quintas
3.125	5
59.049	9
32	2

Extrações das raizes nugas, decimas, terceiras.

Para a preparação dos futuros sargentos existem varias aulas, à semelhança do que succede lá fora, sendo estas frequentadas pelos alunos de mais de 16 anos.

Tudo isto foi por nós muito bem recebido e estou certo de que contribuiremos com dedicação e boa vontade para que sejamos bons sargentos, cumpridores dos nossos deveres e capazes de honrar o bom nome do Instituto e do nosso Exército.

Só assim é que poderemos ser úteis as paíes que nos foi berço e ficaremos conscientes de que cumprimos um dos mais sagrados e imprescindíveis deveres

Barroso Junior
4.º ano comercial

Alvorada

E' bela a madrugada, é belo o seu alvôr,
Os seus murmurios mansos, os seus despertamentos,
Os bandos d'avesitas que saem do torpôr,
Em que estavam melidos em seus acolhimentos.

Com um encantamento só proprio da natura,
As horas matutinas desabroçam as flôres;
Enquanto que as creanças numa alegria pura,
Acompanham seus pais que vão para os labôres.

Lá no cimo da serra o astro radioso
Qual igniscente disco começa a despontar
E apòs breves momentos subindo magestoso
Por nós p'bres viventes não se deixa faltar:

Mendonça Pereira
5.º ano industrial

SECÇÃO SCIENTÍFICA

Método para extrair rapidamente as raízes cúbicas e as raízes quintas.

O Sr. René Quinton publicou em Maio de 1913 um artigo na «La Science et la Vie» que passamos a traduzir.

—*—

Tomemos um número qualquer, o número 25, por exemplo. Multipliquemo-lo uma vez por si mesmo. $25 \times 25 = 625$. Este número 625 é o que se chama «quadrado» de 25. O número 25 é a raiz «quadrada» de 625.

Tomemos ao acaso um outro, número seja 78. Multipliquemos 78 duas vezes por si mesmo. $78 \times 78 \times 78 = 474552$. Este número, 474552 é o «cubo» de 78. O número, 78 é a «raiz cubica» de 474552.

Enfim, tomemos um ultimo número, seja 97. Multipliquemo-lo 4 vezes por si mesmo. $97 \times 97 \times 97 \times 97 = 8.587.340.257$. Este número 8.587.340.257 é a «quinta potencia» de 97.— O número 97 é a «raiz quinta» de 8.587.340.257.

Estas multiplicações dum número por si mesmo para o elevar a uma certa potência são simples ainda que já um pouco longas. Mas se nos mandassem fazer a operação inversa —extração da raiz— o cálculo tornar-se-hia fastidioso. Imaginemos que nos ditan o número 456:976 e que nos pedem para lhe extrairmos a raiz quarta que é 26—;somos obrigados, para obter, a fazer 22 operações successivas, e 5 subtrações. Ser-nos-hiam precisos bastantes minutos para obter o resultado.

—*—

Ora, uma noticia extraordinaria acaba de espalhar-se ultimamente nos meios scientificos.

Alguns cavalos instruidos na Alemanha, calculavam. Não só liam os números, somavam, subtraíam, multiplicavam, mas também extraíam raízes quadradas, cubicas e quartas. Pedia-se, por exemplo, a um cavalo para extrair a raiz cubica de 5832. O cavalo respondia ao cabo de alguns segundos, ferindo o chão com a pata 18 vezes: 18— solução exa-

ta. Pedia-se-lhe ainda para extrair a raiz quarta de 614657, êle respondia passado o mesmo tempo: 28— solução igualmente exata.

O sr. Claparède, professor da Faculdade de Ciências de Génova, o sr. Beredska, professor do Instituto Pasteur de Paris, numerosos doutores e professores das universidades de Stuttgart, Basileia, Oldemburgo, Génova e Florença, confirmavam resultados semelhantes observados por êles.

Um critico, raciocinando sobre as operações effectuadas pelos cavalos alemães deante do sr. Claparède, quiz demonstrar que existia fraude humana, onde nós julgavamos ver intelligência animal.

Mas não é aí que está o assunto.

No fim dêste trabalho fui obrigado a perguntar a mim próprio se não existiria um processo rápido para a extração de raizes.

Encontrei um. Esse processo é muito simples. Reduz a extração duma raiz cúbica ou quinta, a uma única operação que se effectua em menos dum segundo.

E' esse processo que eu irei expor aqui.

Extração duma raiz quinta.—Decoremos pela sua ordem os números seguintes: 1-3-24-100-300. Sabemos que 1 significa 100.000, e que os quatro números seguintes são milhões: 3 milhões, 24 milhões, 100 milhões, 300 milhões; Contemos pelos dedos ao mesmo tempo que pronunciemos: 1, 3, 24, 100, 300, e nós sabemos já extrair a raiz quinta dos números cuja raiz está compreendida entre 1 e 50.

Exemplifiquemos: mandam-nos extrair a raiz quinta do numero 1.081.101, leiam-nos este numero lentamente. Logo que pronunciem o numero, nós iremos a par e passo, contando pelos dedos e pronunciando ao mesmo tempo os numeros 1, 3, 24; veremos que «quatro milhões» está compreendido entre 3 (três milhões) e 24 (24 milhões), isto é, entre o segundo e o terceiro dedo. Não esqueçamos o numero 2 d'êste *segundo* dedo. E' o numero das dezenas da raiz que procuramos. Basta-nos apenas ouvir ler até ao fim o numero 1.081.101. Não precisamos prestar atenção aos numeros que impressionem os nossos ouvidos, excepto ao ultimo, isto é, ao numero 1. Logo que o ouvimos, collocamo-lo à direita do numero 2, das dezenas, e pronunciemos em voz alta: 21.—21 é a raiz quinta pedida.

Vamos mais longe. Agora que já conhecemos a serie 1, 3, 24, 100, 300 aprendamos a serie seguinte, contando sempre pelos dedos. 777 milhões 1 bilião e meio 3 biliões 6 biliões, 10 biliões. Sabemos agora extrahir as raizes quintas dos numeros cuja raiz está compreendida entre 1 e 100.

Exemplifiquemos de novo.

Extraiamos a raiz quinta a 8.587.340.257.

Logo que pronunciarem oito biliões, nós contaremos pelos dedos, pronunciando em voz baixa, 777

(milhões) 1 1/2 (biliões), 3 (biliões), 6 (biliões), 10 (biliões). Notamos immediatamente que 8 biliões está compreendido entre 6 e 10 biliões, isto é, entre o nono e o decimo dedo. Decoremos o algarismo 9 do nono dedo. Esperemos que leiam até ao fim o numero 8.587.340.257. Não prestemos nenhuma atenção senão ao ultimo algarismo—7. Coloquemos 7 à direita de 9. Isto dar-nos-há 97. Pronunciemos em voz alta: 97. Será ainda mais uma vez a raiz quinta pedida.

Vamos ainda mais longe. Contemos pelos dedos 16, 24, 37, 53, 75. Convençionemos que estes numeros representam biliões. Sabemos agora extrair a raiz quinta dos numeros cuja raiz está compreendida entre 1 e 150:

Novo e ultimo exemplo: mandam-nos extrair a raiz quinta de 61.097.340.625. Logo que pronunciem 61 biliões nós contaremos pelos dedos: 16, 24, 37, 53, 75. Vemos que 61 está situado entre 53 e 75, isto é, entre o quarto e o quinto dedo. Decoremos o algarismo 4 deste *quarto* dedo, juntando-lhe 10 o que nos dará 14. Oigamos até ao fim a leitura do numero, 61.097.340.625.

Logo que pronunciarem o ultimo algarismo deste numero, isto é, o algarismo 5 collocamo-lo à direita de 14; isto dar-nos-há 145.—145 é a raiz quinta pedida.

Enfim, uma raiz quinta extrai-se instantaneamente. Referencias muito simples (1-3-24-100-300-777—etc.) dão o algarismo das dezenas. O ultimo algarismo do numero de que extraimos a raiz dá o algarismo das unidades.

Exercitemo-nos durante alguns minutos. Façamos ler numeros que sejam *potencias perfectas* dos numeros comprehendidos entre 1 e 150. Poderemos enunciar as raizes immediatamente apoz a leitura dos numeros.

Exemplos:

Potencias perfectas	Raizes quintas
537.824	14
39.135.393	33
345.025.251	51
229.345.007	47
8.687.340.257	97
10.755.549	29
1.680.700.000	70
115.856.201	41
100.000	10
656.356.768	58

Quando o numero proposto é inferior a 100.000, o algarismo das dezenas é nulo; a raiz é representada pelo ultimo algarismo do numero.

Exemplo:

Potencias perfectas	Raizes quintas
3.125	5
59.049	9
32	2

Extração das raizes nonas, decimas, trezeimas, décimas setimas e vigeimas primeiras.—A extração

destas raízes effectua-se como a das raízes quintas, com a diferença das referencias das dezenas serem mudadas. O algarismo das unidades é sempre o último algarismo do número.

Extração da raiz cúbica.—Aprendamos agora pela sua ordem a serie seguinte:

1-8-27-64-125-216-343-512-729-1 milhão:

Os nove primeiros algarismos significam milharas: 1000, 8000, 27000, etc.

Contemos estes numeros pelos dedos, como precedentemente. Eles dar-nos-hão os algarismos das dezenas das nossas raízes cúbicas.

Extrairmos por exemplo a raiz cúbica de 13.384. Em ouvindo «13 mil» nós contamos pelos dedos 1, 8, 27. O número 13 (de 13 mil) acha-se entre 8 e 27, isto é, entre o 2.º e o 3.º dedo. O algarismo das dezenas da nossa raiz será, pois, 2.

Queamos o fim da leitura do número 13.384. Decoremos o último algarismo 4, e anunciemos: 24. 24 é a raiz pedida.

Procederemos da mesma maneira para todos os numeros que nos propozerem e que terminarem pelos algarismos 0, 1, 4, 5, 6, e 9

Exemplos:

Cubos perfectos	Raizes cúbicas
85.144	44
287.826	66
753.571	91
166.375	55
8.000	20
24.389	29

Para todos os numeros que terminarem pelos algarismos 2, 3, 7, ou 8, o algarismo das unidades da raiz cúbica já não é o ultimo algarismo, mas obtem-se ainda facilmente. Subtrai-se de dez este ultimo algarismo. O 2 dar-nos-há assim 8; o algarismo 3, 7; 7 dar-nos-há 3; 8, 2; Estes algarismos 8, 7, 3, 2, (todos complementares de 10) são os algarismos das unidades das nossas raízes.

Exemplos:

Cubos perfectos	Raizes cúbicas
10.648	22
54.872	38
148.877	53
912.673	97
2.352.637	133

Abaixo de 1000 o numero proposto tem uma raiz cúbica dum só algarismo, que se acha instantaneamente, segundo o nosso processo.

Exemplos:

Cubos perfectos	Raizes cúbicas
64	4
125	5
216	6

8	2	isto é	10-8=2)
27	3	idem	10-7=3)
343	7		10-3=7)
512	8		10-2=8)

Acima de 1 milhão basta estabelecer as referencias dos cubos de 110, 120, 130, 140, etc, simplificando-as como temos feito para as referencias das 5.ª potencias.

Extração das raízes sétima, undécima, decima quinta, undécima nona, etc; procede-se da mesma maneira para o algarismo das unidades, como para a extração da raiz cúbica. Não é preciso mais do que reter as potencias perfectas das dezenas: 10, 20, 30, 40, 50, etc.

Trad. de Alberto Rosa

5.ª ann. commercial

AOS FOOT-BALLERS

Aos jogadores do Team Desportivo do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

Alegrai-vos audazes jogadores

D'albiónico jôgo o futebol,

Vossos nomes, figuram já no rol.

Dos da taça escolar disputadores

Porque um dos nossos professores,

Que as oficinas rege, por vós, prol

Vossas aspirações, p'lo futebol,

Vos quer também fazer bons jogadores.

Toca a treinar, rapazes, preparar

Vosso team, p'ra este alfim poder

No campo entrar com fama e grande glória

P'ra podermos nos jogos alcançar

Combatendo com honra, sem temer,

As auríferas palmas da vitória.

Alberto Rosa

5.ª ann. commercial

Secção Sportiva

CRONICA DO FOOT-BALL

DOMINGO' 20

Em 3.^a categorias a Escola Ferreira Borges vence o nosso team por 1 bola a 0,

Com grande ansiedade era por todos nós esperado este desafio em que pela primeira vez iamos ver jogar o nosso team um desafio oficial.

O jogo estava marcado para as 13 horas no campo do Liceu Pedro Nunes e, efectivamente a essa hora já os dois grupos se encontravam no campo, esperando o sinal do referee para ocuparem os seus lugares.

Ouve-se o primeiro apito: em toda a assistência se manifesta uma grande ansiedade para ver o que fazia o nosso team ainda desconhecido do público em face da Escola Ferreira Borges.

Entretanto os dois capitães e o referee fazem a escolha do campo, cabendo ao nosso team jogar a primeira parte a favor do sol, que neste dia se encontrava abrazador.

Ouve-se novo apito, sinal de começar o desafio; a bola pertence aos verdes e brancos, que conseguem levá-la até ao nosso goal, que foi porém mal rematado. A bola está agora nos pés dos nossos, mas estes, encontram-se tateando o terreno e, falhos de «shoot», nada conseguem.

Novamente a bola passa para os da Escola Borges que, valendo-se da sua superioridade em corrida e em pontapé forte, apontam com precisão a bola às redes adversarias, que foi prontamente defendida pelo guarda-rede do Instituto com um belo soco, que foi justamente aplaudido pela assistência.

Nos nossos nota-se boa combinação mas falta de peso e remate.

O jogo continua carregando sobre os nossos, que agora, já mais senhores de si se defendem com energia.

Novo pontapé dos da Escola ao nosso goal, novo soco do Keeper, mais aplausos do publico.

Agora os nossos conseguem levar uma avançada até as redes adversarias, o que dá aso a um bom pontapé de defesa ainda aos verdes e brancos.

A bola desce novamente pela esquerda até às redes do Instituto; há grande confusão ao pé do corner. A bola parece já estar fora, mas um belo pontapé da ponta esquerda da Escola Ferreira Borges, consegue marcar o 1.^o e ultimo goal a favor do seu team.

A bola vai ao centro; os nossos animam e passados alguns minutos de jogo conseguem leva-la até às redes adversarias; o pontapé ao goal dado pela ponta direita é fraco e o keeper defende-o, já dentro do goal, porém o referee não valida, e o jogo continua agora sem interesse até ao fim da 1.^a parte.

Na 2.^a apesar do grupo do Instituto jogar contra o sol, o jogo carregou sempre sobre as redes adversarias e a falta de remate dos nossos devem os da Escola Ferreira Borges o conservam as redes intactas até ao fim do desafio.

O jogo dos nossos foi bom no seu conjunto, salientando-se principalmente o centro a meia direita e sobretudo o keeper.

Alberto Rosa
5.^a ano comercial

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
	N.º 3 — 31 de Março de 1916 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

A Bandeira

Uma das obrigações por nós mais bem aceite, e com mais amor praticada é o izar da bandeira.

Quando ela sobe cadenciadamente saudada pela «marcha de continência» ou quando lá no alto já agitada pelo vento, as notas harmonisadas do Hino Nacional soltadas por desenas de bocas se fazem ouvir, ao espirito acode-nos umas vezes a imagem de factos gloriosos, ações sublimes dos nossos antepassados; outras o que somos, e preito de homenagem, o que ao Estado devemos. Com efeito, se é justo que ele mantenha um colégio desta ordem, se é justo que o Estado pague a professores que nos ensinam: também justo é, que semanalmente ao menos, recordemos ante a imagem da Pátria a quem muito devemos, que nos nossos corações alguma gratidão se aloja.

Agora, quando o povo português, atraído pela voragem dum precipício, se lança na guerra Europea, agora que os nossos mais caros interesses desde o torrão natal ás longinquas colónias, perigam com esta gloriosa aventura mais se torna necessário, á mocidade portuguesa em particular e a nós em especial, que ponhamos de lado os interesses particulares por outros que se encontram mais altos e mais sagrados, e que são os da Pátria.

E o nosso espirito transporta-se aos campos da batalha.

Ali, quando as mortíferas rajadas de aço semeiam a morte, quando sobre a cabeça dos combatentes paira o grande silencio que precede as grandes hecatombes não há um só, que na bandeira agitada pelo vento do campo da batalha deixe de ver nela o simbolo sacrosanto da Pátria.

Naquella hora, em que eles revêem rapida e saudosamente as suas existências, naquella hora em que pela derradeira vez, beijam ou relembram a imagem do antes queridos, nesse momento a bandeira que tremula acima das suas cabeças, representa a imagem do país, a imagem da jovem Republica que a seus filhos confiou a honra de a defenderem e enaltecere.

E' de olhos fitos na bandeira, os pensamentos na sua terra querida, que as hostes portuguezas, enquanto o tambor rufa ou a voz imperiosa do clarim ordena o sacrificio da vida, devem em inumeras batalhas, arrancando em investidas gloriosas, escrever na história paginas brilhantes, com o sangue de herdes saídos dos rudes e ignorantes recantos das provincias.

E' em volta da bandeira que se reúnem, de corações ofegantes num derradeiro esforço, formando um circulo ou quadrado erigido de baionetas, os restos de unidade destroçada, vendendo cara a vida, e impedindo que as pessoas estranhas profanem com

as mãos ébrias de carnificina, o estandarte cuja honra lhe foi confiada. Quantas abnegações, quantos heroísmos, quantos sacrifícios ela não contempla, naquela luta titânica, entrecortada pelo banhar dos corpos, pelas pragas dos combatentes, queixumes dos moribundos.

Bandeira querida, tu que tens percorrido o mundo inteiro, ora erguida no no tópo das náus da Índia e Brazil, ora esvoaçando ao vento de rudes e gloriosas batalhas, terás ainda o supremo orgulho de mostrares ás gerações vindouras, quão glorioso, grande, e incerto foi o actual emprehendimento? Se tiveres, ainda que seja num porvir mui longiquo, ainda que a honra te seja lavada com sangue de milhares de teus filhos, diz sempre e atesta com as glórias ganhas a esses portuguezes futuros, como se luta e sustenta a integridade duma Pátria.

Soares Pinto

5.º ano comercial

Pela Pátria

Um dos mais nobres sentimentos que aparece no homem como uma virtude e que mais se tem arreigado no seu coração, é o amor pela sacrosanta Pátria, mãe adorada e estremecida que em seus floridos campos nos viu nascer.

É nela que se resume toda a nossa dedicação, onde pela primeira vez sentimos saúdosas impressões, os mesmos costumes, a mesma língua e onde flutua a bandeira verde-rubra, a imagem dos nossos sacrificios e das nossas glórias.

Eis que surge agora o inimigo desafiando-nos para a luta; precisamos portanto de voar em socorro, preferindo sucumbir no campo da batalha, pela sua defesa e prosperidade, do que curvarmo-nos perante as garras de tão ferino leão.

Iremos pugnar pela salvação da humanidade, pela libertação dos povos que combatem pela justiça, pelo direito e pela segurança duma Pátria invadida por um aleivoso exército, cujo designio é conquistar o mundo inteiro, cubiçando assim a liberdade e a autonomia de todos os povos a quem sómente o trabalho e o progresso preocupa.

Aproveitemos esta conjuntura e só assim poderemos apregoar bem alto, no final de tão desgraçada conflagração, que lutamos pelo engrandecimento da nossa Pátria adorada.

Unamo-nos, pois, com um ideal bem definido, para levarmos bastante longe o valor das nossas armas que agora se levantam, e mostrar que Portugal não é uma palavra vã e que, apesar de ser uma nação pequena, não teme qualquer vitupério.

Mas sim esse torrão abençoado onde existiram heróis que pelo seu ânimo guerreiro prestaram relevantes serviços a seu país, combatendo pelo seu desenvolvimetro, e colocando acima do seu interesse material, o patriotismo que os levou sempre a praticar inclitos feitos.

Feliz nação com defensores de tal denôdo! Sigamos o exemplo de quem tão nobremente derramou o seu sangue pela terra que lhe foi berço.

Portugal precisa agora mais do que nunca evidenciar-se, pondo-se por consequência ao lado dos aliados e combatendo contra a Alemanha, que lhe seria prejudicial, se por acaso ficasse vencedora, quere pela ignominiosa sujeição, quere pela conquista das colonias, produto do trabalho de nobres antepassados.

E só assim prestaremos à nossa Pátria o sagrado dever de a defender de qualquer ataque dêsse hediondo povo que não encontra meio de se engrandecer, desenvolver e prosperar senão pela força das suas armas sanguinárias, praticando actos de selvajaria que não era de esperar no século de hoje e que talvez nem os próprios hunos os puzessem em execução.

Só dêste modo esta penosa missão será cumprida e então poderemos beijar a nossa querida terra, depois de lhe termos ofertado o nosso generoso sangue.

Sempre pela Pátria e pela Honra.

José Domingos Lampreia

5.º ano comercial.

Pela Honra

*Alemanha águia vil e sanguinária!
Dominante te dizes sem rival!
A nós fraco país desafio pedes...
Julgas que causas melo a Portugal?*

*Não! Que o dever de nós, nação pequena
Aliás há muito coberta de glória,
É não deixar esquecer a antiga fama;
Gravada a ouro nos anais da história.*

*Com um perverso e cruel cinismo,
Com uma raiva bem mal mascarada,
Nos chamas, deixá-lo! Oh! caluniadores,
Vassalos vis da nossa aliada.*

*Mas devemos mostrar que em nós, vassalos,
Mui nobre sentimento existe ainda,
Pois só pela honra fomos arrastados.
Combatamo-los pois com fúria infinda.*

*E todos num braço alto e patriótico,
Unânicos, devemos apoiar
A guerra, a esses corrompidos monstros,
Que o universo quiseram sufocar.*

Mendonça Pereira

5.º ano industrial

Nós e a Alemanha

A Alemanha, a destruidora da laboriosa Bélgica, a violadora de tratados, acaba de declarar guerra a Portugal.

Atravessa agora o nosso país um dos momentos mais críticos da sua gloriosa história. Mas um povo de tão heroicas tradições, não morre! Mostremos a esses bárbaros que, embora pequenos não recuamos diante dos maiores perigos.

«Vassalos de Inglaterra» nos chamaram os dirigentes dessa pérfida nação: vassalos somos nós, escravos

até, mas é do nosso dever, da nossa honra. Aliados de Inglaterra, os tratados, para nós, não são «simples farrapos de papel».

O nosso lugar é ao lado da raça latina; compartilhemos, pois, com ela dos seus dissabores, e das suas alegrias.

Sejamos dignos descendentes dessa longa pleiade de heróis, que remonta de há séculos, desde Viriato, até aos nossos dias.

Cumpramos sempre os nossos deveres sem hesitar um momento sequer diante dos maiores perigos, de modo que, se a morte nos arrebatár, nossos descendentes possam dizer com júbilo:

«Morreu pela patria»

Defendamos, até a ultima gota de sangue, este torrão, onde nascemos, onde nasceram nossos pais, nossos avós... terra de heróis e de mártires.

Se formos vencidos, que a ultima página da nossa gloriosa história, seja coberta de loiros!

Mas não! A raça latina, a defensora da civilização e da liberdade, há de triunfar sobre os abutres da soberba Alemanha.

Unamo-nos, pois, em torno da bandeira portuguesa, gloriosa bandeira das quinas, e trabalhemos todos para a salvação do nosso querido país.

A nós, alunos deste Instituto, soldados dum futuro que já não vem longe, nos cumpre dedicarmo-nos de alma e coração aos nossos estudos e exercícios militares, de maneira que, ao sairmos de aqui, quando a Pátria nos chamar a ocupar o nosso lugar nas fileiras, estejamos aptos a desempenhar esse lugar, honrando sempre as tradições da nossa querida Pátria.

Viva Portugal!

Abaixo a Alemanha!

Alberto Rosa
5.º ano comercial

A guerra moderna

Colegas.

Como os assuntos militares de certo vos devem interessar muito, já por serdes filhos de honrados soldados, já porque vós todos deveis passar pelas armas, lembrei-me de tocar em tais pontos, ainda que ao de leve, com os escassos conhecimentos que a tal respeito possuo.

Pelas vossas conversas alusivas ao estado de guerra em que se debate quasi toda a Europa, ou ainda pela simples inspecção dos diários, certamente tivestes ocasião de notar que, actualmente o processo de luta se modificou em absoluto.

Os melhores castelos e fortalezas, que de longe com o seu perfil ríspido e severo, faziam estremecer os mais afoitos, aqueles, contra os quais nem os mais potentes esforços dos homens de então, sequer os faziam abalar, hoje! fragil brinquedo em mãos de gigante, o mais mesquinho sopro, o mais suave dedilhar dos modernos engenhos, seria a causa da derrocada.

As vistosas e respeitáveis armaduras em que os nossos remotos avoengos se metiam, e que assim os livravam das terríveis estocadas das bem manejadas dorindanas, ou do embate dos virotes e frechas que resvalavam sobre a sua polida superfície, agora, meus amigos, uma desprezível bala de 6,5 milímetros sem a menor dificuldade trespassa-las-hiam num momento.

Tudo isso se foi pondo de parte pela necessidade que houve de modificar o modo de luta.

Fazei de conta que vos encaixotavam numa dessas carcassas de ferro, (as mais leves das quais pesavam aproximadamente 50 kg.) e que vos mandavam cortar uma teia de arame farpado, ou subir a um poste para intercederdes qualquer linha telegráfica!

Com que presteza e agilidade deveis praticar tais trabalhos!

Actualmente tudo mudou, tudo se transformou e se há-de ainda modificar.

A guerra das eras presentes e vindouras é e há-de ser uma guerra exclusivamente científica, uma guerra de dextreza e astúcia.

Já se deixaram os velhos preconceitos de cavalaria em que os gentis homens numa luta líal e frente a frente, apontavam o perigo, em prol dos fracos ou da ofendida honra duma dama.

Para melhor garantia e segurança da sua pessoa, o soldado dos nossos tempos, viu-se compelido pelas necessidades a construir abrigos improvisados no terreno, onde com dificuldade possa ser alvejado, tendo por isso superiores vantagens sobre o inimigo.

Esses abrigos improvisados, porém, não eram suficientes para afrontar as asperezas crescentes de guerra.

Nessa convicção elles viram-se na dura necessidade de tornar mais estáveis esses abrigos e com maior coeficiente de condições de vida, como sejam as modernas trincheiras, que, quem for curioso, poderá admirar detalhadamente (au front).

Mendonça Pereira

5.º ano Industrial

Um dia inolvidavel

Já é de certo por vós conhecida a patriótica proclamação que S. Ex.º o ministro da Guerra fez ao nosso glorioso e altivo Exército.

Embora!

Eu somente procuro aqui, embora sem o poder e dom de palavra que precisava ter para falar pela boca de cem almas ardentemente portuguesas, frizar o seu entusiasmo ao ouvirem ler aquele precioso documento.

As palavras sinceras e convictas que esse grande português e heroico soldado da Republica dirigiu ao nosso exército, encontraram eco no nosso espirito, sendo-me impossivel descrever o jubilo destes pequenos soldados e grandes amigos da sua Patria.

E assim, quando o nosso Tenente Quaresma avançou até junto dos alunos formados sob os raios acariciadores dum sol ardente, soou na vasta parada a voz de sentido, ao mesmo tempo que se annunciava a leitura da já citada proclamação.

Ninguém mais se merheu, dir-se-hia que aqueles pigmeus foram eletrizados! Todos elles com a avidez propria de patriotas, escutaram atônitos e repletos de emoção o subido apelo que o Ex.º Ministro ao Exército dirigiu.

As suas palavras simples e compreensíveis, repletas dum extremo amor pátrio, encerravam em si uma fé absoluta no triunfo da nobre causa da Patria, sendo as mais revoltentes e condenáveis contra a barbara gente germânica, que nos roubou traiçoeiramente Kionga e tem praticado actos de sobeja malvadez, somente admissíveis nos soldados arrogantes dessa pérfida Alemanha.

E então, da vaga ideia que nós inda possuímos do que seja a declaração de guerra ao nosso país, tão pequeno, mas tão heroico, concluímos:

O sacrificio, que não é mais do que um dever, e que o chefe da briosa classe militar da laizge, não

é nada em face do que se torna preciso fazer; para no momento actual vencer, ou morrer com honra e com dignidade!

Não é, não! Porque se elle não existisse, era atraí-lo a Pátria onde nascemos, era envergonhar um passado tão illustre, era acorrentar a nossa Liberdade!

E em face do que esse homem disse; em face do que se torna necessário fazer, eu e todos os alunos, estamos convictos de que ninguém que sinta pulsar nas veias o sangue genuinamente português se não recusará em pegar numa arma para defender seja onde for a Pátria ameaçada e vilependiada pelo sarraceno governo alemão. Torna-se necessário fazer resurgir agora o grandiloquo passado, que nos enche de legítimo orgulho!

E por isso é necessário pois que os sacrificios caibam a todos; desde aqueles que tem a restrição obrigação do fazer até nós!

Sim; digo até nós, alunos, filhos do povo, filhos do grande Exército, porque sei que também sabemos defender com galhardia a mãe-Pátria e porque queremos Liberdade!

Terminada a leitura o nosso Regente levantou vivas á Pátria, á República e morras á Alemanha, que foram entusiasticamente e delirantemente correspondidos unisonamente por todos os presentes.

*Viva Portugal!
Morra a Alemanha!*

Barroso Junior
4.º ano comercial

A Festa da Arvore no Instituto

Esta simpática e encantadora festa teve este ano, assim como nos antecedentes, uma significação altamente educativa, e mercê da boa orientação que nos têm ministrado, principalmente depois que alguém teve a feliz e patriótica ideia de fazer germinar no nosso país o culto pela arvore, como sendo o mais natural e sublime, ela não deixou de realizar-se entre nós.

E assim, apesar deste ano ter sido pequena e humilde, não podíamos esquece-la; já porque dela tiramos tão uteis conhecimentos, já porque o dever de propagar tudo que é grande e alevantadamente patriótico a isso nos obriga.

A festa começou pela annunciada conferencia do nosso illustre Regente Agricola, Sr. F. Grilo, que nos mostrou clara e precisamente a acção benéfica das arvores, o seu papel perante a civilização e por fim recitou alguns trechos do «Os simples», grande obra do nosso magistral poeta Guerra Junqueiro, que despertaram em todos os alunos o mais vivo entusiasmo.

Finalmente, referindo-se ás arvores que em breve iriamos plantar, aproveitou a occasião para nos dar uma detalhada explicação acerca da sua utilidade, economia, familia e seus caracteristicos, não se esquecendo igualmente de exortar os ouvintes ao proseguimento da festa entre nós, afim de enrique-

cer assim a nossa encosta com variadas especies de arvores, que já no tempo de futuros alunos constituirá para eles tanto prazer como aquele que nós ali sentiamos ao planta-las. Terminada a conferencia muito aplaudida, dirigiram-se os alunos para a parada afim de prestar a continencia ao pavilhão nacional que foi içado como do costume.

Seguidamente dirigimo-nos para as covas levando á frente a tuna que tocou ao mesmo tempo que os alunos de enxada ao ombro, cantavam alegremente.

Feita a plantação que decorreu animadissima seguimos para o refeitório onde tomamos a refeição, saindo logo, afim de assistir ao projectado festival que devia realizar-se no Jardim Zoológico.

Mas, infelizmente a chuva impertinente e incómoda veio opôr-se á nossa folia.

E assim se passou o dia em que as candidas mãos de inocentes creancinhas á terra portuguesa lançaram algumas novas arvores.

Decerto que os corações verdadeiramente amigos do seu país e do que ha de mais encantador e sublime, transbordaram de suprema alegria, por verem assim mais uma afirmação da doutrina benéfica que na escola se tem procurado incutir á creança, trazendo a si uma mais limpidas ideias que na sua debil alma se pode albergar: **O amor á natureza.**

Barroso Junior.
4.º ano comercial

Soneto No aniversário

*Ilustre director: sendo hoje dia
Do vosso aniversário, festejar
Solenemente a data p'ra mostrar
A nossa gratidão, de nós seria*

*O grão desejo, a maxima alegria:
Não podemos, contudo, preparar
Uma festa melhor para vos dar
Como a nossa vontade bem queria*

*Mas em sua humildade podeis ver
O desejo comum, a aspiração
De mostrarmos assim o nosso amor*

*por vós; cumprindo também este dever
de sinceros vos dar do coração
os nosos parabens, meu director.*

Alberto Rosa
5.º ano comercial

O Pôr do Sol

*Já um tanto ofegantes as fogosas parelhas,
Quê o carro triunfal de Apolo vão puchando,
Arrancando do céu com as patas mil centelhas,
Dos reinos de Neptune se vão aproximando.*

*No horizonte, ao fundo, p'ra o lado do poente
Da jornada, cansado de iluminar o mundo,
O sol, o grande jacto, irresistivelmente,
A terra vai privando do seu calor fecundo.*

*Espumantes os cavalos, guiados são por Febo;
Nessa corrida louca há eras repetida,
Há muito são esperados pelo seu porteiro,
Erebo.*

*Pois que já vão tardando na aquática gu-
rida.*

*E o luminoso carro de nuvens mascarado,
Extensas esfarrapagens de aspectos multicores
Envolto num ténço de tenue esfumado,
Ligeiro vai jugando a arte dos pintores.*

*A luz se foi há pouco. Agora já exangue,
A próxima penumbra nas vem anunciando.
A Vénus mensageira, num funão cor de san-
gue,*

*Que a noite triste e escura se vem aproxi-
mando.*

Mendonça Pereira
3.º ano Industrial

Festa Intima

Com o fim de comemorar o aniversário natalício do nosso illustre Director, o tenente-coronel, Ortigão Peres, os alunos tiveram a feliz ideia de promover entre si, uma pequenina festa, onde decer-

nificação. Resumi-la-hei em duas pa-
lavras:

A humilde festa começou pela exe-
cução do hino nacional, que foi coroado
de vibrantes salvas de palmas e entusi-
ásticos vivas: à *Pátria*, à *Republica*, ao
nosso *Director*, e morras á *Alemanha*.

Nesta altura uma comissão de alu-
nos, entregou ao homenageado um lindo
ramalhete de flores naturais, agradecen-
do S. Exa. comovidamente a lembrança
e abraçando todos os alunos, na pessoa
do nosso camarada Soares Pinto. Então,
repetidas palmas ecoam por toda a parte.

Volvido algum tempo, esse aluno
leu o seguinte discurso apesar de breve,
que traduziu nitidamente a opinião ge-
ral:

Ex.^{mo} Sr. Director

Sendo V. Ex. Director d'este
estabelecimento de ensino e educação, não
podíamos nós, alunos, deixar de mais uma
vez de evidenciar a nossa admiração e es-
tima por quem tão sábia e acertadamente
nos tem dirigido.

Aproveitando assim o dia dos anos de
V. Ex. preparámos esta pequena festa, es-
perando que ela exprima e fixe bem a ale-
gria de todos os alunos pelo vosso anivers-
sario.

No final foi muito ovacionado pela
selecta assistencia.

Seguiu-se depois a exhibição de várias
poesias e monólogos, assim como um
soneto do aluno Rosa, sendo finalmente
todos muito aplaudidos, e por vezes bi-
sados. A tuna fez-se ouvir, e como sem-
pre a todos agradou.

Terminada a pequena festa, e no
meio de inúmeros vivas á *Pátria*, á *Re-
publica*, ao Ex.^{mo} Sr. Director e morras
á *Alemanha*, executou-se o « Hino Nacio-
nal », a voz d'este invicto povo que hoje
caminha para a formidável guerra a que
a sequiosa *Alemanha* o arrastou.

C Sr. Dr. Joaquim Candido Parra

intimo amigo do Ex.^{mo} Director fez um rasgado elogio de S. Ex.^a e em breves, mas patrióticas palavras, saudou todos os alunos e incitou-os ao cumprimento dos seus deveres, para que, quando fôr necessário pegar em armas, saibamos defender a terra onde nascemos.

Terminou assim tão simpática festa e faço ardentes votos por que fique bem gravada no coração dos que a presenciaram.

Barroso Junior.

4.º ano comercial.

Joaquim Alberto Pinto da Mota

Vitimado por uma lesão valvular que há meses o definhava, faleceu no dia 15 do corrente mês na enfermaria, do Instituto, este nosso desditoso camarada que contava em todos, que de perto o conheciam, viva amizade e simpatia.

Enquanto o cadáver permaneceu aqui, foi velado por alguns turnos de alunos das duas secções que se rendiam de hora em hora.

No dia seguinte cerca das 14 horas, saía então deste estabelecimento o desventurado condiscipulo que foi acompanhado até ao coval pelo Ex.^{mo} Director, oficiais, alunos e demais pessoal, sendo depositas sobre o ataúde três coroas; uma dos alunos, e as outras do pessoal docente e dos sargentos e alguns auxiliares.

À beira do sepulcro falaram o ilustre professor da 1.ª secção Sr. tenente Oliveira Morais, que num brilhante e eloquente discurso exaltou as qualidades do amado camarada, congratulando-se pela presença de todos os alunos; e o aluno Barroso que em nome de todos os condiscipulos se despediu do bom e feliz amigo.

Findas as habituais cerimoniaes todos se retiraram verdadeiramente compungidos por tão desoladora scena.

Daqui enviamos os nossos sentimentos á familia do malogrado companheiro e fazemos veementes votos para que descanse em paz na eternidade.

Barroso Junior.

4.º ano comercial

Agradecimento

Venho por este meio agradecer penhoradissimo a todas as pessoas que acompanharam á sua última morada o meu mui querido e chorado irmão, Joaquim Alberto Pinto da Mota, e ao Ex.^{mo} pessoal docente e alunos, a lembrança que tiveram.

Aproveito também o ensejo para agradecer ao Ex.^{mo} Sr. Director todos os desvelos que teve para com o falecido, assim como ao Ex.^{mo} Capitão médico, Dr. Lino Ferreira, pelos cuidados que lhe dispensou durante a pertinaz doença que o vitimou.

Instituto Profissional dos Papilos do Exército de Terra e Mar em Benfica 18 de Março de 1916.

Augusto Pinto da Mota

Secção Sportiva

CRONICA DO FOOT-BALL

DOMINGO 12

O PASSOS MANOEL VENCE O INSTITUTO POR 5 BOLAS A 2

Realizou-se no campo do Liceu Pedro Nunes um desafio de foot-ball entre os alunos do Liceu Passos Manoel. e os alunos do Instituto.

O ceu apresentava-se muitissimo nubloso e o campo enlameado o que deu lugar a um desafio pouco interessante.

Começou o jogo sem tender a victória nem para uns nem para outros, mas apesar

disto, quasi no fim da primeira parte conseguiram os adversários fazer a primeira bola; mas nós não desanimámos e também metemos um goal, acabando os primeiros 30 minutos de jogo por um empate.

Na segunda parte os alunos do Liceu Passos Manoel fizeram algumas alterações na sua linha:

Com estas modificações conseguiram subjugá-nos por completo, inutilizando as nossas avançadas assim que elas se iniciavam.

Os nossos adversários com 4 belas investidas fazem mais quatro bolas enquanto que nós só conseguimos fazer mais uma.

Terminou o desafio por uma vitória para o Liceu Passos Manoel por cinco bolas a duas.

Jelio A. Maluquerra

5.º ano comercial

DOMINGO 12

Instituto contra a Casa Pia

GANHA A CASA PIA POR 5 BOLAS A 0

Já são três os desafios que os nossos teams de foot-ball, têm tido com outros de idênticas categorias e que como nós estão filiados na associação.

Sómente direi, em resumo, a minha impressão acerca do 3.º desafio realizado no campo de Sete Rios entre as 2.ªs categorias da Casa Pia e as do Instituto.

O campo estava um pouco molhado; e o sol de vez emquando vinha-nos acariciar com os seus raios um pouco difusos.

O jogo começa estando algum tempo inclinado ora para os nossos ora para os da Casa Pia. De súbito uma grande penalidade contra o Instituto, de origem ao 1.º goal. Entretanto ninguém esmorece; Casa Pia carrega, e o nosso keeper pouco ou nada defende. Um jogador contrário marcou com um pontapé alto uma bola certa que entra pelo canto sem lhe oporem a minima defeza. No vasto campo soa o apito; a 1.ª parte terminou. A 2.ª vai começar; então os nossos numa passagem bela conseguem fazer uma combinada avançada até á forte linha dos backs; mas um destes defende com um fortissimo pontapé e então o jogo começa já sem entusiasmo de parte a parte. Entra a 3.ª bola vagarosamente sem que ninguém detenha a sua marcha; no entanto cada um trabalha na medida das suas forças em face dum adversário tão treinado e experimentado nos campos da capital.

De vez em quando os backs conseguem

deter o cerrado ataque adversário, emquanto raras vezes os avançados conseguem ultrapassar as linhas de defeza.

Volvido algum tempo entraram mais duas bolas e depois findou o desafio com honra para ambos (apesar de nós termos perdido).

Perdemos, é verdade, mas isso sómente se deve á difficiente combinação e treino e por ser o 1.º ano em que o Instituto se dispõe a disputar a taça escolar, não para ganhar, pois isso seria desejar muito, mas para aprender. Durante o desafio salientaram-se especialmente: os baecks e o centro.

Mário Inácio Vieira

3.º ano comercial

DOMINGO 19

3.ª CATEGORIAS

Instituto contra a Casa Pia

GANHA A CASA PIA POR 4 BOLAS A 0

Debaixo de um tempo chuviscante, e num solo literalmente coberto de lama e atravessado de pequenos charcos, teve lugar este desafio.

Chapinhava-se, não se corria; patinava-se, não se avançava.

Começou-se a manifestar a superioridade dos nossos adversários pela marcagem da 1.ª bola no inicio da 1.ª parte.

Algumas avançadas do nosso lado mal rematadas, devido a serem as passagens um tanto extensas, e no meio de um novo «duche» de chuva acaba a 1.ª parte.

Dentro em breve a 2.ª começa com mais violência.

Para a nossa defeza, agora infelizmente o terreno está passivo. No meio da confusão que assim se pode chamar, pois que de ambos os partidos nos levantavamos para tornarmos a cair, o team da Casa Pia conseguiu marcar as 3 restantes bolas.

Apesar de tal, o nosso goal-keeper foi alvo de merecidos elogios.

O jogo foi arbitrado com toda a imparcialidade.

No conjunto os restantes jogadores esforçaram-se, quanto ao abrigo das suas forças.

Como conclusão, perdemos; certamente perderemos mais vezes neste campeonato, não deve haver desânimo por isso.

É este o primeiro ano em que nos apresentamos em campo, sendo mais fracos que qualquer outro team, mas temos mostrado e devemos mostrar que «Querer é poder».

Mendonça Pereira

3.º ano industrial

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
EXÉRCITO

Querer é poder * PREPAREMO-NOS PARA A VIDA * Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

Portugal no conflito.....	J. Barroso
O Carrasco.....	M. Pereira
Portugal e a Alemanha.....	A. Palma
La revanche.....	M. Pereira
Pela victoria.....	D. Lampreia.
O Instituto na Exposição da Arte na Escola.....	L. de Sousa
O trigo.....	S. Pinto
A criança portuguesa.....	M. Pereira
Portugal economico.....	D. Lampreia
Uma excursão ao Jardim Colonial.	J. Barroso

Preço 4 centavos

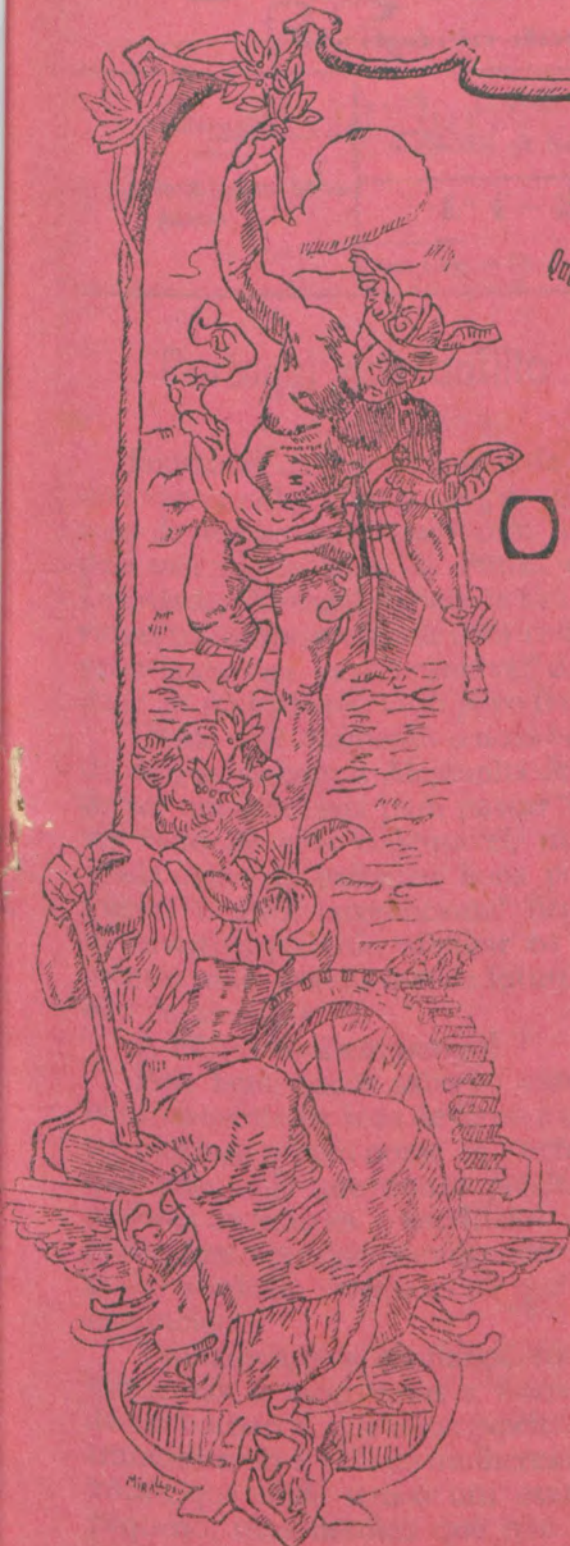


1916

Composto e impresso na

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, n.º 378

LISBOA



O PROFISSIONAL

22

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
to Mal-	N.º 4 — 30 de Abril de 1916 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

Portugal no conflito

Enquanto os vastos campos de Verdun são regados com o sangue generoso de heróis que lutam com ardor pela sacra santa causa da Pátria e da Liberdade, Portugal, o país de tão gloriosas tradições, responde com a altivez própria da sua inquebrantável dignidade ao repto do sequioso povo teutão.

Desde esse momento o nosso estado de guerra com a Alemanha deixou de ser uma fantasia para passar a ser um facto deveras lamentavel, mas a sólida união de todos os bons portugueses e uma incondicional firmeza governativa poderão atenuar os infortúnios mais graves que de futuro nos hão de ameaçar.

A Pátria está em perigo!

Pois bem; todos saberão cumprir honrosamente os seus deveres, e manter glorioso o bom nome de Portugal, que hoje mais que nunca precisa de maiores dedicações e sacrifícios, para poder desempenhar com denuedo e orgulho a missão espinhosa de que está incumbido.

Tenhamos, pois, confiança nas nossas armas, e mostremos a esses soldados bárbaros, que não respeitam os tratados nem a vida de mulheres e crianças, que ainda temos um exército, pequeno, mas heróico que não sabe fugir ao perigo nem deixar-se calcar aos pés pela avalanche alemã.

Sou a hora da vingança contra

os que nas ardentes terras Africanas traiçoeiramente assassinaram heróicos portugueses que cumprindo o Dever que a Pátria lhes impunha, pereceram briosamente no posto e no campo da legitima honra. Do Norte ao Sul da Europa, cada vez mais se acende o ódio contra esses tiranos que o mundo inteiro querem dominar.

Mas, aqueles que cimentando os áridos campos Africanos, com o seu sangue eternamente lá ficaram, esses, não cairão decerto no esquecimento da alma popular, mas ficarão, embora incognitamente, lembrados nas áureas páginas da nossa história, que, como a Batalha e os Jerónimos, atesta claramente o subido valor da gigantesca raça portuguesa.

Somos pequeninos? Bem o sabemos melhor do que ninguém! Mas isso que importa se somos chamados a defender o que nos pertence, e que foi adquirido e sustentado à custa dos maiores sacrifícios e tantas vidas?

Iremos defender não a Pátria dos outros, mas sim a nossa, agora ameaçada e amanhã destruída se não pugnarmos pela bendita causa por que combatem os nossos amigos, e os nossos velhos aliados.

E, embora hoje não possuamos o indomável braço do grande Nuno Alvares, ou uma mão de ferro de Afonso Henriques, o que é certo, é que haremos de marchar de cabeça levantada, e peito exposto às balas, desafiando a morte, pura e bela, coroando-nos

dos louros que na campa nos hão de amortallar. Marcharemos sim, mas unidos pelo mesmo ideal sob o augusto pendão verde rubro, que tremula ativamente nos campos da batalha, como o verde e branco tremulou na clara manhã de Aljubarrota.

E, certos de que a vitória pertencerá aos que a vida dão pela Pátria e pela Liberdade, ali, ao lado dos nossos irmãos de luta e raça, levantaremos bem alto este ditoso Portugal que rejuvenescerá ditoso, legando assim às gerações vindouras o património a que têm direito.

Viva Portugal! Viva a Republica!

Morra a Alemanha!

Barroso Junior.
4.º ano comercial

O carrasco

*Na rubra veste envolto, assim amortalhado,
O velho executor da justiça rial.
A estóica companheira, a adaga fatal,
Encanecido, exausto, o corpo bem firmado,*

*Num olhar de tristeza envolvendo o passado,
Sem afagos de esposa ou amor filial,
Por todos repellido, o prelúdio do mal,
É pela vil ralé, cuspidado, apedrejado.*

*Inopino o acorda àquele entorpecer,
O grito da gentilha, a um que vai morrer
Em breve às suas mãos de fero matador.*

*E êle, o desprezado, o carrasco cruel,
Com temor de ser visto à manga de burel,
Uma lagrima limpa à sua imensa dor.*

Mendonça Pereira
5.º ano industrial

Portugal e a Alemanha

Quando em Agosto rebentou a guerra, toda a Europa tremeu. Portugal, como velho aliado da poderosa Inglaterra conservou-se fiel aos seus tratados, exprimindo ao mesmo tempo uma fé inabalável na vitória dos povos latinos, que combatiam como ainda hoje, pela civilização, e pelo direito.

E licito recordar a histórica sessão que no Congresso da República se realizou, após a infame declaração de guerra à nobre França.

Ela traduziu bem o sentir do grande povo Português que desde que confessa essa imortal noção, tem sabido dispensar-lhe todo o aplauso e simpatias que merece a heróica irmã latina, aquela que ao mundo deu as primeiras leis repassadas duma extrema humanidade.

E assim, em seguida a uma involtável reumão dos representantes do povo, todos ficaram scientes de que em breve Portugal, nobre e heróico como sempre, entraria na contenda ao lado dos seus amigos e irmãos de raça.

Não eram só as nossas simpatias pelos aliados que nos levavam ao desejo de combater a seu lado; não, eram e são também os nossos legítimos interesses principalmente nas colónias, sempre cubiçadas pela gente da germânia que nos considerava sem competência para administrar aquilo que foi regado com o sangue generoso de tantos portugueses de lei. Esses vastos domínios descobertos há séculos por illustres navegadores que por mares nunca dantes navegados foram buscar um caminho novo para o meio de relações comerciais que então nos eram necessárias.

Foi com sangue, com vidas e sofrimento que nós adquerimos esses territórios e não rasgando os tratados, avas-

salando países neutros e trabalhadores, alcançamos lícitamente glória invicta e ativa, que ainda conservamos e que nem a morte nos levará.

A historia fala da nossa liberdade e as tradições contam o nosso heroísmo.

A participação vai-nos custar muitas vidas e sacrifícios?

Mas que importa isso se ficamos com nossa querida pátria, livre de ameaças de estrangeiros que muito e muito mais nos podem custar!?

Nós vamos para a guerra, porque queremos; não somos mandados. A simpatia do povo pelos seus aliados manifestou-se clara e vibrantemente quando da passagem por Lisboa e Porto dos reservistas franceses e ingleses.

Como é que devemos deixar de odiar e não combater esses perversos malfeitores se em Naulila, há um ano, um bando de facínoras matou traiçoeiramente alguns bravos e valentes soldados que ali defendiam a integridade da Pátria que todos nós tanto amamos?

Portugueses! Camaradas!

Salvai a Pátria que nos contempla!

Viva Portugal!

Anibal R. da Palma
Curso officinal

La revanche

O dia da «revanche» já soou,
P'ra vós sublime terra portuguesa!
A luva levantai, que com rudeza
Esse germano torpe vos lançou.

Com alegria imensa nos chegou
A grã notícia, de que, com presteza,
Contra mui viva e pertinaz defesa,
De Quionga a gente nossa se apossou.

Que o sangue dos heróis que derramado
Foi em prol da justiça e da razão,
Por nós todos jamais seja olvidado.

E o militar ilustre e esforçado
Que comandou tão nobre expedição,
De glórios loiros seja aureolado;

Mendonça Pereira
5.º ano industrial

PELA VITÓRIA

Á guerra pela Pátria estremecida,
Combater o germano arrenegado,
Avante pelo mundo civ'lizado,
Ide sem medo oh lusa gente ag'rrida!

Vingai a grande afronta recebida,
Em que á traição Naulila foi tomada.
Ide altivos de frente levantada
E nossa Pátria assim s'rá defendida,

Vêde Quionga aos nossos já rendida
Livre agora do barbaro teutão
Qu'o direito das gentes não respeita.

Uni-vos defendendo a Pátria querida
Contra aquele que p'ra sua ambição
Satisfazer, dos fracos se aproveita.

José Domingos Lampreia
5.º ano comercial.

O Instituto na exposição de Arte na Escola

Enfim! Os alunos do Instituto conseguiram definitivamente marcar com nitidez o lugar a que tinham direito no nosso meio escolar, sendo mais uma vez honrado e louvado pelo júri

da Exposição de Arte na Escola com o diploma de *medalha de ouro*.

Se bem que os nossos poucos e simples trabalhos que figuraram na última exposição que a Sociedade de Estudos Pedagógicos promoveu, não fossem os melhores, mas sim dos primeiros, lícito se torna dizer que eles constituíram o esforço de meia dúzia de rapazes que, principiantes ainda na engenhosa carreira Industrial, contribuíram na sua limitada esfera de acção para que a nossa exposição fosse a melhor possível; esforçando-se por mostrar lá fora, que aqui se trabalha.

Hoja, pois, a essa pleiade de alunos que sabem que «querer é poder» e repito que conseguiram, categórica e definitivamente marcar com inexcédível valor um bom lugar para o Instituto no nosso meio escolar. Oxalá que nunca esmoreçam e continuem trabalhando para a honra e prestígio do estabelecimento.

Estou esperançado em que outras demonstrações de nova aplicação e boa vontade surgirão á medida que o Instituto siga na marcha ascensional do progresso e sobretudo se coloque a par dos nossos melhores estabelecimentos técnicos.

E' preciso, pois, que todos os alunos, que actualmente aqui recebem, instrução, deixem gravado aos vindouros pupilos, exemplo da força de vontade e esforço para o levantamento do nível moral e intelectual do Instituto que tem obrigação de honrar e defender.

Cabe-nos, pois, mais esta difícil missão que menos espinhosa se tornará, se tivermos sempre diante dos nossos olhos, principalmente nos momentos de desânimo, que — *Sem trabalho nada se consegue e que querer é poder*

Entre as variás agremiações escolares premiadas com o diploma de me-

dalha de ouro, figura o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, o que é para nós motivo de satisfação, já pelos laços de amizade que nos prendem, já pelos laços familiares que entre os dois estabelecimentos irmãos existem.

Manuel Lucas de Sousa
4.º ano comercial

O TRIGO

*P'rá terra em Julho a haste pende fraca
De tanta seiva procurar no chão
No cimo a loira espiga ostenta bela,
Ondulante ao sabor da viração.*

*Do sol os dardejantes raios, a custo
Sustenta a loira haste fracamente
E de alegria um bom sorriso inspira
Ao lavrador que a olha sorridente;*

*E vendo nela o seu suor bendito,
Dos seus trabalhos proveitoso fim,
Com voz alegre, forte, um tanto rude,
O silêncio quebrou, falando assim:*

*Oh! lindo sol que a natureza bela
Do seu longo letargo desencantas,
Co'esses raios que a nós acariciam
E vida levam às rasteiras plantas*

*És o meu caro amigo e companheiro
Dêsse penoso moirer das terras;
O pão, a luz, a vida tu of'reces,
Ao rico, ao pobre, ao ente cá das serras.*

*E êle assim falando caminhava
Ao longo da seara ondulante,
Da sua vós ao longe só toava
Um murmúrio afastado e soluçante.*

Soares Pinto
5.º ano comercial

A criança portuguesa

Pequena ela é. Magra, raquítica, a anemia a assomar-se-lhe nos profundos cillios dos olhos, oprimido o peito, a voz débil e fraca, e uma rossinha seca, e impertinente que lhe sacode o corpo numa viva contracção dos músculos, eis o vivo retrato de que sejam as crianças portuguesas.

Os seus olhos amortecidos não ouzam fitar com lialdade. Levantam-nos num acesso repentino de alegria, para os tornar a baixar, levados por uma pleiade de rudes pensamentos que lhes povoam o cerebro atrofiado.

Um escasso sorriso que logo é quebrado nos labios embranquecidos, lhe dá uma fraca ideia da sua pessoa.

A criança está submetida desde a mais tenra idade aos mais torpes costumes e habitos.

A tradicional «chucha» de açúcar não se aparta da sua boca enlambuada.

Por falta dos cuidados maternos, a comum alimentação é lhes fornecida antes de despontarem os primeiros dentes.

E que deriva daí?

Os proeminentes ventres dos petizes nos quais os primeiros traços de despesia se manifestam. E as mães ficam muito contentes e satisfeitas dos meninos já roerem a sua buchinha.

O espírito já pouco lúcido e inquieto da criança portuguesa, é desde princípio obsecado por tolos disparates, que o velho ensino maternal há muito atrás de si arrasta.

O polícia com as suas longas barbas, e o olhar faiscante que o mete num sacco; o papão que num escorraçar fantástico espreita sobre os telhados as travessas rabinices dos petizes; o carvoeiro com a cara enfarruscada e de modos bruscos que o conduz para as profundas do inferno, são outros tantos

factores que contribuem para o raquitismo fisico e moral.

Nesta atmosfera de pavor e tollida de entes sobrenaturais e maus, a criança acha-se confrangida!

Tem medo de tudo!

Foge de tudo.

Se se acha sózinho num aposento, e se aberta pelo vento é uma porta, ou se um ruído estranho se produz, a criança aterrorizada corre para junto da mãe murmurando:

Mamã aii atrás da porta vi o papão que me queria levar, tive medo e fugi!

E não saímos desta eterna rotina, deste extenso circulo vicioso.

Todas as funções naturais lhes são religiosamente rasgadas do espirito como um mui grande pecado que obscurece a alma. A criança tem a tal respeito uma falsa ideia. Dão-lhe outros nomes, outras significações que não tem nada com o realismo e com a veracidade dos factos.

E assim a criança quando entra na luta da vida, acha-se inapta e desprovida dos meios de ação e de conhecimentos necessários a afrontar as intempéries da vida.

Acostamou-se em pequena a mentir, e nos enredos da sociedade torna-se uma personagem perigosa com a qual jamais podemos contar.

Nos tempos em que estudava, a escola era para ela um atroz suplício. Tudo quanto podia converter em trabalho, se transformava num objecto de repulsão e de horror. Veio a época do romantismo e ei-las transformadas nuns mancebos férvidos, saturados de doces ilusões, de pungentes decepções, de atrozes descrenças.

Finalmente, não se pensava!

Fantasiava-se!

E infelizmente ainda hoje nos achamos subjugados sob tão degradante mal.

Que venha a verdade!

Que uma educação livre e pura encha as almas dos rapazes das nossas e das futuras gerações!

Que a educação física ministrada com efficacia; modifique crescentemente essas debéis constituições que não mais faziam que polir o empedramento das calçadas e dessorar mais e mais o sangue, nas fadigas marbidas das dansas!

Que esta raça Portuguesa que tão forte e nobre foi, seja levantada das ruínas em que há seculos estava subterrada, pelos esforços das novas gerações, emblemas da *atividade, saúde e vontade*.

Mendonça Pereira
5.º ano industrial

Portugal economico

Foi pouco mais ou menos no século XV que Portugal teve o seu lugar supremo como nação.

Foram os portugueses de então que primeiro ousaram atravessar o mar e nenhum outro povo conseguiu tirar-lhes essa supremacia.

Descobriram assim terras que vieram trazer o engrandecimento a Portugal e a si próprios, embora a custo de muitas vidas; mas primeiro estava o progresso do seu país e portanto nada obstava a que a sua missão fosse concluída.

Trabalhava-se, pois, para o desenvolvimento do comércio que mais tarde viria trazer a Portugal o seu esplendor que poderia dêsse modo brilhar como nação junto doutras.

Isso deu resultado a que vários individuos se alistassem, uns como marinheiros, outros como trabalhadores para irem para fora do país e de tal forma essa emigração se acentuou, que Portugal ficou quasi sem braços para a sua agricultura, empobrecen-

do-a a um ponto tal, que em breve foi votada a um abandono cada vez maior.

E se por um lado procuravam adquirir garantias suficientes para o seu bem estar, por outro lado essas garantias ficavam anuladas pela razão bem simples de não haver quasi nenhuma produção do solo.

Reparando, pois, para o passado vê-se que a Agricultura pouco se desenvolveu, a não ser no reinado de D. Dinis e nos de outros reis que tomaram medidas rigorosas para se obviar às necessidades e consumo da população.

Hoje porem a agricultura em comparação da que se tem executado até aqui está relativamente avançada, se bem que deixe ainda muito a desejar.

Assim é que recentemente várias comissões compostas de agronomos e outras individualidades se dirigem para a provincia e aí explicam aos agricultores quais os productos que devem lançar à terra numa dada ocasião e as substâncias químicas que devem empregar.

Cutros já mandam para os vários estabelecimentos agricolas porções de terras, para lhes ser feita a análise das propriedades que contem e indicarem o que precisam para se tornarem productivas.

Com respeito ao comércio também atravessâmos um período de pouco desenvolvimento porque o commerciante português sómente tem em vista o ganhar muito, vendendo pouco.

Diverso assim do commerciante moderno que procura vender muito por um preço reduzido e torná-lo conhecido, empregando para isso vários empregados que por diferentes partes fazem a propaganda do seu producto.

Em igualdade de circunstâncias ganha mais o que vende muito apesar de um preço diminuto, do que

aquele que vende pouco e pretende lucrar bastante.

Tem-se visto muitas vezes com os nossos vinhos, melhores do que os e possuem outras nações e serem rejeitados, em virtude dos nossos comerciantes os collocarem no mercado muito mais caros e por vezes falsificados.

Com outros productos que nós possuímos verdadeiramente magníficos, como frutas poder-se-hia exercer o comércio com outras nações principalmente com o Brasil, a quem os mais estreitos laços de amizade sempre nos tem unido.

E se isso não se faz é consequência de termos uma pequena marinha mercante o que dá origem a que os productos fiquem mais caros, pela maior exigência do preço para os transportarem o que se poderia evitar se houvesse maior circulação de navios.

Falando da industria vê-se que acontece um pouco peor do que o comércio e a agricultura.

A industria em Portugal está ainda num atraso sensivelmente grande não por falta de minério, mas porque os capitalistas não se aventuram a empregar o seu dinheiro, porque dizem elles:

«Não sei se ganharei ou não.»

E infelizmente succede que e preciso virem companhias estrangeiras exercer a exploração de qualquer ramo de industria, ao passo que os nossos capitalistas põem o seu capital a render e com o juro que daí recebem podem gosar sem se quer contribuirem com a sua quota parte para o desenvolvimento da nossa industria.

E' necessário por conseguinte olhar para o problema económico de Portugal a fim de que elle se torne rico e florescente.

José Domingos Lampreia
5.º ano comercial

Uma excursão ao Jardim Colonial

Foi sem dúvida cheia de beleza, a excursão que fizemos ao Jardim Colonial, onde se encontram todas ou quasi todas as plantas das nossas vastas colonias.

Fomos acompanhados na nossa visita pelo nosso Regente agricola sr. Francisco Grilo e mais tarde pelo Ex.^{mo} Director daquelle útil jardim, sr. Fragateiro que gentilmente se ofereceu para nos acompanhar e elucidar em tudo que estivesse ao seu alcance sob assuntos coloniais.

Esta visita de estudo foi cheia de alegria e de bastante utilidade tanto debaixo do ponto de vista agricultura colonial, como do seu valor comercial.

Começamos a nossa visita com o sr. Regente Agricola que nos indicou e deu duma forma bem nítida noções da cultura e valor dos productos que constituem quasi exclusivamente a nossa grande riqueza colonial. Descreveu-nos tambem algumas arvores de ornamento que são vulgares tanto no continente como nas colonias, que existem ao ar livre nos jardins.

Começou a excursão por se mostrar a utilidade das varias plantas coloniais que mais importancia têm para o nosso comércio.

São ellas.

Cacoeira, sizal, algodoeiro, manhiot, hevea brasiliensis, a cana sacharina, caféiro, moscandei a, riccios amendoim e o coqueiro. De quasi de todas essas plantas podemos ver varios exemplares.

Visitámos no fim as estufas que estavam esmeradamente tratadas e repletas de vegetação tropical.

Tive a curiosidade de ver o termometro cuja temperatura maxima era 35,5 o que prova que as plantas ali expostas e tratadas carecem duma temperatura e que são sem duvida assim das altas regiões equatoriais.

Como acima disse começarei por indicar primeiro as plantas coloniais cuja utilidade é para nós mais importante.

Cacoeiro.

É uma planta arborea que pertence á familia das falmaceas; e á tribu das buterinaceas.

Ha varias especies, sendo a mais importante a *Theobroma Cacao* que se produz nas florestas do Amazonas e do Orenouco, onde vegeta num meio quente e humido.

Ha igualmente varias qualidades que se conhecem, sendo uma das mais recomendadas pela sua importancia e grande valor comercial o *cacau Orenouco*.

Cacau Orenouco. O cacau Montanha que geralmente se produz com pouca temperatura na Venezuela.

É principalmente cultivado nas ilhas de S. Tomé e Príncipe, onde constitue um poderoso elemento de riqueza agricola local.

Chega a atingir 8 a 10^m de altura quando no estado selvagem, tendo uma copa larga com um tronco regular.

Produção: Segundo as notas estatisticas fornecidas pelo sr. Francisco Grilo; a ilha de S. Tomé produziu em 1888 cerca de 1600 Ton. de cacau comercial no valor de 300.000\$00; em 1898 elevou-se

a 10.000 Ton. no valor de 2.000.000\$00; em 1914 40.000 Ton. no valor de 10.000.000\$00.

A sua cultura exige abrigos especiais com o fim de preservar a planta do frio intenso, do vento, do sol e da intensidade da luz.

Esses podem ser provisórios e permanentes.

O cacoeiro precisa essencialmente de sombra no período de crescimento e mesmo depois de adulto.

Ordinariamente a par desta cultura temos que fazer quasi sempre uma outra plantação para proteger a arvore quando pequena.

A bananeira é para isso empregada, pois que obtemos assim uma outra cultura que nos dá grande rendimento enquanto o cacau não começa a produzir.

Produz sombra, e frutos.

Caféiero.

É uma planta de porte arbustivo, exigindo simultaneamente um clima quente e humido com uma temperatura media de 25°. Em S. Tomé pode-se cultivar até á altitude de 1000 metros, dando-se em todos os terrenos.

A colheita que é muito importante faz-se sacudindo a arvore e á mão, sendo este ultimo processo o melhor por ser o mais apto embora o menos economico.

Manhiot e Hevea Brasilianis.

Estas arvores são grandes productoras de borracha e pena é que na metropole não haja o sufficiente numero de fabricas para prepara-la, sendo esse produto quasi todo exportado.

As árvores atingem 8 a 15^m e tem uma copa larga com um caule de 20 a 50 centímetros de diametro.

Para a extração da borracha é preciso sangrar a arvore, para lhe extrair o latex que dá a borracha.

Cada árvore pode dar 250 gramas de borracha (latex).

O latex coagula rapidamente o que é preciso evitar pelo adiconamento de agua simples ou salgada.

Para secar é necessário cortar o latex em tira delgadas e comprimi-las em cilindros duma adequada pressão.

A *Hevea Brasilianis*, como o seu nome indica é do Brasil (Ceará) cuja produção de borracha é relativamente grande.

É cultivada na America equatorial, Asia e Africa.

Cana Sacarina.

Exposta ao ar, ao sol e á luz encontra-se um conjunto de canas sob um relvado que circundava uma bonita rua ladeada de formosas e uteis plantas coloniais. Pertence á familia das gramineas e é herbacea, julgando-se que todas as variedades culturais

pertencentes á mesma familia. Tem raisas fibrosas, um caule desenvolvido e folhas compridas que se desenvolvem ao longo do caule.

É muito cultivada na América do Norte e nas nossas provincias de Angola e Moçambique onde se dá admiravelmente bem.

Tivemos o grande prazer de prová-la o que nos levou a repetirmos ainda, pois deixou-nos deveras bem dispostos o seu notavel sabor açucarado. Igualmente produz muito açucar e alcool.

Algodoeiro. É a planta que produz o algodão.

Tem grande applicação na industria de tecelagem e na medicina. A sua produção mundial avalia-se em 13.000.000 de fardos de 250 k. no valor de 285.000\$00.

Os países productores são: a America do Norte (Estados Unidos) Brasil, Egito, Africa e India.

Amendoim:

Planta anual, herbacea, caule rastejante e erecto que pode ter 50 a 80 centímetros de comprimento; flores amarelas e um pouco vermelhas, e abundantes.

O fruto é saboroso e comestivel.

Dá também óleo. Prefere um clima de 30.° e o seu rendimento é de 2.000 a 3.000 k. por hectare não descorticado.

O bagaço que fica é aproveitado para o gado e para adubo no que é muito apreciado.

Ricino.

É muito rico em oleos que são empregados para as maquinas e para a medicina.

Coqueiro.

É das palmeiras mais importantes que se produz nas regiões equatoriais; dá açúcar, vinho, vinagre, leite, madeira, agua, fibra e óleo.

Tem um porte elegante e atinge 25 a 30.^m

Prefere um clima muitissimo quente e humido.

Dá-se esplendidamente no Brasil, (Maranhão e Ceará) Reproduz-se por sementeira. *Produção:* Dá 500 côcos por hectare numa plantação de 8 metros de distancia.

Quando o fructo é seco ao sol tem o nome de Copra que é aproveitado para a extração de oleos destinados ao fabrico das velas e do sabão. Como produz vinho dá portanto alcool.

É assim terminou a interessante quão útil visita que nos deixou deveras bem compenetrados acerca das plantas coloniais que constituem grande riqueza colonial do nosso país.

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho da redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa
	N.º 5 — 31 de Maio de 1916 — 1.º ano	"
	Comp. e Imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	Manoel de Mendonça Pereira

Discurso do professor Ex.^{mo} Sr. Pinto da Silva, na festa comemorativa da fundação do Instituto.

E' com a mais viva satisfação que, com a acquiescencia do auctor que muito agradecemos, damos neste numero do *Profissional*, o lugar de honra ao primoroso discurso que o nosso illustre professor Ex.^{mo} Snr. Pinto da Silva leu na festa comemorativa da fundação do Instituto, perante Sua Excelencia o Presidente da República e a selecta assistencia que teve o prazer de o ouvir.

Nobilissimo Presidente da República portugueza!

Esclarecidos ministros que bem orientais os destinos da nação!

Minhas senhoras, meus senhores.

Por motivo ponderoso e de força maior não pode comparecer o orador indicado no programma da nossa festa, o Ex.^{mo} João Lopes Soares, distinto deputado, intelligente professor deste Instituto, orador fluente e de iminante expressão.

Foi realmente uma grande pena, porque a sua frase modelar poria bem em relêvo a alta importância desta instituição, o intenso patriotismo que nos tenhos coração destes alunos vai desdobrochando, patriotismo que no revela nas mais pequenas coisas, desde o cumprimento dos seus deveres até às suas distrações, o seu jornal com as suas poesias e prosa repleta de muito sentimento, até ao entusiastico desempenho desta festa.

Foi, portanto, grande pena esta falta imprevista e forçada.

É eu aqui venho a convite do Ex.^{mo} director, convito amável que é uma ordem, que devia excentar mesmo que nisso fosse sacrificio.

É quem não deve fazer sacrificios ao ver o desvelado carinho, o amor intenso, o entranhado

afecto que o nosso illustre e estremeado director vota ao seu Instituto, que vive para elle dedicando-lhe superior actividade e extremado carinho, com a cooperação intelligente e altamente eficaz dos Ex.^{mos} regentes? Eis, porque estou aqui e os dá pouco ser claro.

Vão decorridos quasi cinco annos sobre uma das mais simpáticas e creio que mais proficuas obras que a República portugueza vai realizando.

A ideia sublime de generosidade e civismo que em espiritos bem norteados germinára para beneficio da sociedade e para luzimento da República, foi aqui posta em prática, com geral satisfação. Muitas dezenas de rapazes, fillos de soldados solteiros que á sua pátria tinham votado todo o esforço e até a própria vida, rapazes que pelas precárias condições económicas ficariam ao abandono ou mal dirigidos aqui se encontram acarinhados e protegidos pela influencia benéfica dos dedicados ministros do governo provisório que generosamente comprehendem que os humilhes podem e devem ser úteis, que podem ser elementos aproveitáveis ao bem da sociedade e que o capital bem empregado deve produzir admiráveis frutos.

É por isso que o nosso querido Instituto é verdadeiramente um interessante viveiro de plantas agora tenras e flexiveis, cultivadas com carinhoso esmero e que serão ainda esteios firmes e valiosos da nossa adorada Pátria.

É por isso que neste dia, aniversário do decreto da sua fundação, que será sempre para nós um dia de prazer e com razão lembrado nas memórias do Instituto, o nosso coração sente indizível alegria, porque nesta nossa festa de sincero affecto de preito e justa homenagem ao mérito dos que pelos pupilos se interessam, vai toda a dedicação, vai até uma eficaz esperanza de que elles corresponderão com crescente proveito á solicitude predilecta que a República lhes dedica.

Motivo especial temos ainda de nos alegrarmos por vermos aqui reunidas as mais altas individualidades do Estado dando consagração distinta a esta festa, o que é uma prova inequivoca de que o Instituto continua a merecer os desvelos e paternais carinhos a que com intenso amor nos esforcaremos por corresponder.

Não sei que não só promessas de amor espera a República, mas sim que a sirvam honrada e respeitosa, contudo solenizar factos superiores, render homenagem á grandezza de um ideal e exteriorizar sentimentos nobres, é um dever imperioso e grato enquanto outras provas mais eficazes e proveitosas nos não é dado apresentar.

«Preparemo-nos para a vida» é o lema que incessantemente dirige os esforços dos nossos alunos.

A vida da nossa querida pátria primeiro, e a nossa vida, a vida da nossa família depois, eis tudo o que incita os nossos brios, o nosso empenho e o nosso ideal.

É com razão, porque esta fórmula sintetiza quanto há de grande e desejável na formação do carácter, que sentimos ir-se robustecendo mais e mais de conjunto com uma instrução sólida, atraente e de immediata utilidade.

Do facto, senhores, permittindo-me que em ligeiras palavras faça reaparecer no vosso espirito os lhos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército e lembrando os meios suaves e proficuos de os realizar, teria occasião de verificar ainda uma vez como é grandiosa, bela e patriótica esta instituição.

Primeiro que tudo devemos acentuar que a organização d'este Instituto é fundamentalmente militar.

Longe de representar sujeição fastidiosa d'sse regime, faz desabrochar, como por encanto os admiráveis sentimentos de ordem, de dever, de fidelidade e camaradagem; firma mais estreitos os laços da amizade e dedicação e vai despertando a consciência de que todos devemos conjugar os nossos esforços na intenção superior do progresso e bem estar da nossa Pátria.

Aqui amoldamos esta nascente actividade, ainda tão maleável, à vida de soldado e do longe os preparamos para acudir ao chamamento da nossa querida Pátria com a dedicação honrada de quem cumpre um dever.

Pois se a ela devemos tudo o que somos, nada mais justo do que entregar-lhe com abnegação tudo o que possuímos.

De resto esta orientação educativa mostra-se perfeitamente concordante com a organização militar da República, segundo a qual, por admirável providência, todos os cidadãos serão soldados exercitados e conscientes, quando houver necessidade de recorrer às suas aptidões militares, sem serem nocivamente distraindos das suas occupações civis a que, d'este modo, poderão dedicar-se com crescente proveito.

E' fora de dúvida que todos os cidadãos podem e devem contribuir para o engrandecimento e esplendor da Pátria.

Quaesquer que sejam as suas aptidões especiais, quaesquer que sejam os seus recursos materiais e a cultura de espirito, o seu trabalho assiduo, honrado e persistente, constituirá uma parcela sempre apreciável para a harmonia comum, para o levantamento moral e progresso do país, para a sua valorização enfim.

— O agricultor a sós com a árdua natureza, que por toda a parte o enlaça de verdura e flores, interessado em receber da terra generosa o fecundo prêmio liberal do seu labutar, regando-a com seu suor, estudando e experimentando os meios de aperfeiçoar os seus trabalhos, mereço os nossos respeito, é um patriota que na sua esfera de actividade faz quanto lhe é possível para a prosperidade geral.

Esse agricultor, esse aldeão, encerrado entre as rochas da montanha, esse camponês muito distanciado dos principais centros, não desconhecerá o manejar das armas e, quando necessário for, trocará a vida rústica, pacifica e despreocupada, pela rudeza e inclemências dos campos de batalha, defenderá com donodo a sua Pátria e a seus filhos falará dos trofeus de glória que ajudar a conquistar.

— O industrial na sua oficina entregue ao rude afan de moldar os metais, procurando afeiçoar em artistica inspiração o mármore duro e informe, arrancando à natureza um sea numero de materiais que, por prodigioso poder, transforma em mil instrumentos e utensílios de surpreendente applicação, por vezes superiormente belos, esse industrial intelligente e bom, que com toda a solicitude provê à educação da sua família, que é bom pai e marido exemplar, é indubitavelmente digno do nosso elogio, da nossa estima e do nosso reconhecimento. É um patriota dedicado, um cidadão prestante e moldar.

O incansável commerciante procurando colocar com toda a vantagem os productos industriais e da natureza, afadigando-se por firmar o bom nome das suas mercadorias, estudando as tendências evolutivas da sociedade para acudir pressuroso às suas exigências, offerecendo por mil formas insinuantes os mais modernos inventos, pode o deve ser um cidadão modelo em cujo coração tenham devotado culto os nobres sentimentos de amor e dedicação pela Pátria.

O químico no seu laboratório deavendando segredos surpreendentes, o de extraordinário alcance; o fisico domando por sublime talento as prodigiosas forças da natureza; o naturalista estudando com affluo a encantadora vida dos vegetaes e animais nas suas múltiplas formas; o médico, dedicando-se heróicamente ao bem estar da humanidade, minorando os males e evangelizando ensinamentos de elevada importância em prol da hygiene, da saúde e do robustecimento da raça; todos os individuos exercendo com esmero os seus misteres, serão elementos valiosos e outras tantas forças impulsoras do progresso e glória da Pátria.

Mas todos eles saberão pagar o tributo de sangue, arriscar gostosamente a sua vida pela salvação da Pátria, pela autonomia e independência d'este solo sagrado, todos eles poderão contribuir vantajosamente com o seu esforço, porque todos receberam a necessária instrução militar.

O Instituto dos Pupilos, seguindo esta geral orientação, adiestrando os seus alunos nos exercicios militares necessários, torna-os aptos a, por sua vez, poderem ser instructores nos corpos milicianos, porque d'este Instituto poderão sair os graduados para o exercito de terra e mar.

Ao mesmo tempo, todos os alunos, depois de convenientemente preparados com a instrução primaria elemental, se dedicam a um dos cursos, aqui profusos, — industrial ou commercial.

O curso industrial de serralharia ou carpintaria, além de habilitar com os conhecimentos necessários a tais artefices, torna-os aptos a serem escolhidos para graduados das diferentes especialidades industriais — de torpedeiros, electricistas, apontadores auxiliares de marinha, maquinistas, etc.

Os trabalhos expostos são uma prova eloquente dos esplendidos resultados já obtidos.

No curso commercial há a considerar o curso elementar e o curso secundário do comércio.

Os seus alunos adquirem uma sólida preparação que lhes abrirá facilmente a carreira civil n'osso ramo de actividade, preparam-se para graduados e para diferentes serviços auxiliares e dentro d'elles poderão sair os futuros officiaes da administração militar.

Convém lembrar que, a par dos estudos profissionais e práticos, se ministra cuidadosamente a instrução secundaria industrial e commercial, illustrando-se com elle os alunos e collocando-se até com vantagem ao lado dos correspondentes alunos dos liceus, pois que d'esse ensino é ministrado de harmonia com os programas officiaes e seguindo as mais autorizadas recommendações pedagogicas.

O horário é muito ravelmente distribuido com o fim de evitar fadiga; não há excesso de occupação do espirito, tão perniciosa pelas consequências desastrosas a que tantas vezes arrebatam as crianças, mas em intervalos bem ponderados retomperam o animo e nunca perdem a natural alegria.

Não encontrareis aqui a preoccupação unica e depressiva do ensino academico, mas sim a louvável orientação de formar individuos bem constituídos, úteis a si e à Pátria, cheios de vontade, energia e persistência, qualidades que os poderão tornar venturosos no decurso da vida.

Não esquecendo que a educação e a instrução só podem produzir resultados satisfactorios, quando ao bom desenvolvimento fisiológico e organico das crianças se dedique incessante e methodico cuidado, os exercicios de gymnastica obedecem a um superior criterio de efeitos altamente benéficos, como já se podem apreciar.

Vedes, pois, illustes representantes da Republica portugueza, como o caracter se vai formando sob a influencia educadora d'estes múltiples elementos; vedes como n'este edificio se vão aperfeiçoando energias que podem bem continuar a acção gloriosa d'outra heróica que a historia lembra com veneração e saudade; vedes, portanto, como é sublimo e digna de especial carinho esta obra que é toda vossa, porque é uma generosa criação da Republica.

Papillos e amigos, vós que tendes um coração magnânimo que dentro do vosso peito pulsa pelos grandes ideais, vós que tão jubilosamente e com tanto carinho fostes recebidos no Instituto, vós que estremeceis de amorosa saudade ao lembrardes a vossa familia e os poiticos lugares que ombalaram os vossos primeiros sonhos, correspondei com dedicação e grato affecto a quem tudo deveis.

Amai a Pátria, defendei a Republica, sede fiéis aos generosos impulsos que ora vos dominam.

Segui orgulhosamente aquella bandeira simbolo augusto de uma Pátria emorecida e glorificada, que na viveza das suas cores nos recorda o sangue generoso e salvador dos que morreram heróicamente legando-nos as risonhas esperanças de um futuro de venturas.

Que de vossa imaginação se não apague nunca a lembrança deste fastoso dia em que tão claras provas de amor recebois; que em vossos corações arda intenso o sentimento do amor pátrio, e prepareis-vos para que, no o clarim de guerra retumbar, um dia pelas quebradas d'essos montes a Republica carecer do esforço de vossos braços, já então vigorosos, possais correr ás armas, defendê-la, salvá-la.

Que a gloriosa bandeira das quinas jamais seja infamada por mãos inimigas, mas antes, banhada

no vosso sangue generoso vos sirva de honrosa mortalha; que com o vosso ultimo suspiro ecoe ao longe um brado ingente de independência e liberdade.

O 5.º aniversário

Poesia do aluno Merdonça Pereira recitada pelo autor no dia 26 de Maio de 1916.

*Da nobre instituição de nós amada e querida,
O quinto aniversário agora festejar
Heróicamente queríamos, para provar
A nossa gratidão que muito lhe é devida.*

*Sincera ela é; de nossos corações movida,
Mui mequinha porém se pode asfurar!
Mas quem nos dera poder solemnizar
Com toda a afeição por nós sentida!*

*Se acaso resplendor, se toada ridente,
Em sua singeleza nos pode ofertar,
Se alguma coisa estranha a faz abrilhantar,*

*E' bem por certo, illustra e doulo Presidente,
De vossa alta presença neste humilde lugar,
Onde tão imensa alegria vindaes dar.*

Discurso proferido pelo aluno Barroso Júnior, na festa comemorativa da fundação do Instituto.

Senhor Presidente

Tenho a subida honra de num tão feliz e alegre dia, em que, com o mais quente e vivo entusiasmo se comemora um feito grandioso e nobre da imorredoura Republica, saudar-vos, em nome dos alunos d'este estabelecimento de verdadeira educação e instrução, saudando igualmente em vós, a nossa adorada Pátria, como preito de sincera homenagem pela maneira alevantada e carinhosa como tem sempre olhado para nós, seus pequenos e queridos filhos.

A festa que honrais com a vossa digna presença, será simples, sim, mas com um cunho de verdadeira gratidão para com todos

aqueles que têm contribuído com o máximo esforço e boa vontade, afim de mostrarem aos que nos observam que ha o maior empenho em progredir, e a mais febril ância de patentear aos olhos do país, que se trabalha com satisfação, para que a instrução e educação que recebemos, façam de nós cidadãos úteis à Pátria e à Republica.

O estabelecimento que agora visitais e sobre o qual cinco primaveras já passaram, é a mais pura e notável obra da República e deve-se como vós muito bem sabeis, ao inteligente e profíquo trabalho do grande e patriótico governo provisório que apoz a heroica e redentora jornada de 5 de outubro de 1910, soube, cumprindo uma justa promessa, satisfazer a mais velha e racional aspiração da briosa classe militar, que impossibilitada de instruir e educar convenientemente os seus filhos, desejava em paga dos assinalados serviços prestados à Pátria, um colégio onde se preparassem homens dignos, honrados e trabalhadores.

E foi a nóvel e abençoada República que ainda não esqueceu os seus valentes defensores, aqueles que por ela deram e darão, se tanto fôr preciso, o sangue e a própria vida, que nos abriu, par a par, as portas do Instituto, protegendo com as suas filantropicas asas, cerca de duzentos rapazes que, na sua maioria orfãos, têm encontrado carinho e auxilio para o proseguimento do desempenho do papel de que estão empenhados e cujo proveito sómente receberão quando lá fóra, na vida souberem reconhecer todo o bem, que lhes dispensaram.

Pode pois V. Ex. e todo o país ficarem scientes de que nós, filhos do povo, filhos dessa grande familia militar que se chama o Exército de Terra e Mar, saberemos honrar dignamente o país e a República, fazendo todos os sacrificios afim de que possamos entrar com denodo e conscios dos nossos deveres na laboriosa luta pela vida, tendo sempre bem presente na mente o nosso veridico lema, de que:

Querer é poder

Camaradas

Lá nas florescentes e humildes cidades, vilas e aldeias das nossas risonhas e encantadoras provincias, onde o santo amor da Pátria arreigado está, também chegou o grito de revolta contra esse país que nos vituperou, e que hoje, nestas horas que inda não deixaram de ser criticas para todos nós, se

debate nos ensanguentados campos da nobre e altiva França, com o vigor próprio do seu sarcástico orgulho, com uma ambição e loucura inconcebíveis de rasgar e dominar a humanidade que alta se ergue contra o torpe e facioso inimigo, que leva ante suas baionetas sujas em sangue de velhos, mulheres e crianças, a sombra fantastica de tantos monumentos que eram a soberba glória dum país e da civilização mundana, hoje reduzidos pelos malditos canhões dessa horda de barbaros, ao pó inerte, onde ainda palpita a alma de quantos defendem o sagrado solo da nossa amiga e bendita França.

Ai, nesses logares mais reconditos da nossa abençoada terra natal, cuja fama e glórias são notaveis, os nossos pais, os nossos pequenos irmãos e bons amigos, anciosamente desejam que a nossa entrada na vida seja a mais próspera e feliz.

Pois bem.

Lembraí-vos que o momento que o nosso ditoso Portugal atravessa é puramente grave e delicado.

E em embora traidores haja numa pátria que foi e é o assombro de todo o mundo, cujo exército pequeno mas heroico perigo algum não teme, e onde por si palpita a alma ardente e inquebrantavel do generoso povo, que, se para nossa honra, nossos pias forem chamados ao cumprimento do dever mais sagrado que agora se impõe, nós ficamos naturalmente como mais velhos, sendo um dos unicos amparos da adorada mãe e ternos irmãos.

E para que possamos desempenhar esta espinhosa missão com allivês, para que nossos pais parlam sorrindo para onde o dever os chama e confiantes em nós, justo é que não olhando a sacrificios, trabalhemos com extremo ardor, pois só assim proporcionaremos aos que em defesa da Pátria a vida vão expôr, um pouco de alegria, cumprindo nós assim a mais sublime obrigação que à Pátria e à República neste tormentoso momento podemos offerlar-lhe.

E a vós Senhor que estais no posto da suprema honra, a vós que sois o venerando chefe da sagrada terra portuguesa, deste torção adorado que à custa do rubro sangue de tantos ousados engrandeceu, a vós como pai amantissimo e educador da mocidade, peço em nome dos meus camaradas, um pouco da vossa digna e valiosa proteção, afim de que este modelar e grande estabelecimento, seja cada vez mais, uma obra digna e productiva,

honrando assim sobremaneira a República redentora que a criou e o país, que amanhã, quando prostrado pela hecatombe formidável, precisar de reagir, encontrará decerto em nós, então já dignos e laboriosos cidadãos, o nosso braço forte e a nossa alma de ardentes patriotas para fazerem resurgir um Portugal maior, mais belo e progressivo.

Viva o Senhor Presidente da República!

Viva a Pátria!

Viva a República!

A afronta

*Eu te saúdo, ó nobre Portugal,
Ó minha excelsa Pátria estremecida,
Ó meu berço sagrado, ó terra qu'rida,
Sublimado país, sem ter rival*

*Ó teu nome já há sec'los imortal
Por feitos que jamais ninguém olvida,
Da soberba Germania, enraivecida,
Recbeu um ultrage sem igual.*

*«Vassalos de Inglaterra» te chamou
Essa nação selvagem, desprezada;
Que dominar o Mundo já pensou.*

*Mas afronta odienta foi vingada;
Já Moura Mendes na África a lavou,
Pois por êle Quionga foi tomada.*

Alberto Rosa

5.º ano comercial

O DIA 25 DE MAIO

Foi com inextinguível júbilo que comemorámos há dias a fundação deste verdadeiro estabelecimento de ensino

e educação, onde se estão preparando futuros homens, filhos da classe militar do Exército de Terra e Mar. A festa assistiu S. Ex.ª o Presidente da República, Ministros, General Comandante da 1ª divisão, officialidade de vários estabelecimentos do Estado, professores, officiais e de mais pessoal do Instituto assim como suas ilustres famílias e as dos alunos. A's 13 horas formou a guarda de Honra precedida duma Banda regimental que irrompeu com o Hino à chegada do ilustre Presidente e Ministros ao edificio da 2ª secção.

Imediatamente todos se dirigiram para a parada sob um chuveiro constante, passando todos os alunos ante S. Ex.ª em marcha de continencia.

A seguir iniciou-se a visita à exposição de trabalhos escolares, onde se destacavam alguns de valia executados nas oficinas de serralharia, carpintaria, tipografia etc. A exposição de trabalhos de modelação cartonagem, desenho e curso de sargentos estavam excelentemente dispostas, vendo-se algumas fotografias tiradas durante os exercicios militares, aula de comércio, tuna, oficinas. Relativamente à parte comercial apresentaram os alunos vários e bons trabalhos que bastante embelezavam a exposição, que constituem este ano como em nenhum, uma das partes mais interessantes do programa. Terminada a visita todos se dirigiram para o teatro que apesar de pequeno conteve um tão enorme número de pessoas que ansiosamente se interessam pelo progresso do nosso querido Instituto.

Iniciou-se então a sessão solene que começou com o Hino Nacional excelentemente executado pela Tuna.

O nosso ilustre professor Sr. Pinto da Silva, fez um brilhante discurso onde com o dom da palavra que S. Ex.ª possui pôde analisar alguns aspectos que a vida dos alunos apre-

senta, tendo palavras de conforto e de verdadeiro sentimento patriótico para com os alunos, a Pátria e a República. Foi no final muito aplaudido.

Várias poesias foram recitadas pelos seus autores entre elas a «Bandeira» pelo aluno Rosa, o «Trigo» pelo aluno Soares Pinto, o «Pôr do Sol» pelo aluno Mendonça Pereira e Pela Victória pelo aluno Lampreia.

O aluno Barroso Júnior proferiu em nome dos seus colegas um vibrante e patriótico discurso, onde exortava os alunos ao trabalho e ao cumprimento dos seus deveres, lembrando-lhes os sacrifícios que o país faz para sustentar este útil estabelecimento e terminou pedindo ao venerando presidente auxilio e proteção para o estabelecimento que de futuro será uma fonte de homens dignos prontos a servirem a Pátria e a República. Uma quente ovação coroou as suas últimas palavras.

Finalmente o aluno Branco recitou em francês a poesia «Je serai boulanger», com tanta graça e perfeição que teve da assistência uma entusiástica ovação.

Durante as recitações, a Tuna fez-se ouvir e, como sempre, com enorme agrado, pois devido à grande vontade do seu regente, o nosso professor Sr. Costa Brás, ela conseguiu progredir à valer, recebendo sempre os mais frenéticos aplausos que foram o prémio do talento e esforço do seu maestro.

Terminada a sessão rapidamente os alunos se armaram, embora não tivesse havido a prova de ginástica, devido ao mau tempo, contudo pôde ainda o Ex.^{mo} Presidente vêr alguns exercícios de Instrução Militar que foram fechados com uma carga á baioneta acompanhada de vivas a Portugal e à Republica. O nosso instructor militar Sr. Tenente Quares-

ma foi vivamente felicitado pelo Sr. Comandante da 1.^a divisão.

A' saída do Sr. Presidente, a Guarda de Honra fez a devida continência tocando a Banda de Infantaria 1 a Portuguesa.

Imediatamente fomos jantar, sendo este melhorado, enquanto que a Banda tocava algumas peças do seu vasto e primoroso repertório.

César Vidigal

4.^o anno commercial

A FESTA NOCTURNA

Devido ao grande esforço empregado pelo Sr. Tenente José da Silva Migueis, conseguiu-se que os alunos pela terceira vez fossem ao paleo mostrar as suas aptidões na arte de representar.

Assistiam à recita o Sr. Director e professores deste estabelecimento e a família dos alunos. O tintero, regorgitava de pessoas que com a maior atenção esperavam os gracejos que haviam de sair dos lábios daqueles jovens actores, que saberiam honrar com todo o zelo o ensaiador.

Deu começo à festa noturna, a tuna que era dirigida pelo maestro Ex.^{mo} Sr. Costa Braz, tocando com brilho a Portuguesa, que foi atenta e entusiasticamente escutada por todos os assistentes, continuando o seu mavioso concertto como constava no programma, sendo deveras aplaudidos alguns dos seus melhores números, como a Passagem da Tuna, e a Rapsódia de cantos populares, composições do mesmo senhor.

Cançonetas, Um bravo Mindelo, En revenant de la revue e o monologo o Al-dião Zeloso desempenhados respectivamente pelos alunos Alves, Nogueira, e

Branco, entusiasmaram a valer, não cessando os espectadores de aplaudi-los a sim como «Os três maestros,» executado pelos alunos Rui, Lage e Oliveira.

Terminou assim a 2.^a parte.

A 3.^a consistiu de uma fantasia em dois actos e quatro quadros, intitulada «Em busca do Bom Caminho,» original do professor d'este estabelecimento o Ex.^{mo} Sr. José da Silva Migueis.

As personagens que entravam na fantasia eram em numero de 80 alunos, que faziam o papel de masculino e feminino.

Todos os alunos a quem estavam distribuidos papeis, portaram-se dignamente e em especial, Américo e Gomes Barata, que desempenharam as partes mais difficis, bem mostraram terem aproveitado as explicações do seu ensaiador, retribuindo assim o seu incessante e proffeno trabalho, sendo muito applaudidos.

O Ex.^{mo} sr. José da Silva Migueis, illustre autor, incansavel ensaiador da magnifica fantasia também foi justamente ovacionado por todos que veem nele um bom amigo do Instituto, um dos que mais tem pugnado pelo seu progresso.

Prestaram relevantes serviços para que à festa nada faltasse, alguns professores d'este estabelecimento e o Ex. sr. Cortês como scenógrafo e bem assim suas illustres famílias, o que mais grato se torna para nós, que desde já sinceramente agradecemos.

Um quarteto constituído pelo maestro o Ex. sr. Costa Brás e o Ex.^{mo} Sr. Ribeiro Gomes, professores do Instituto e os Ex.^{mos} srs. Carlos Graça e Angelo da Silva, sob a regência do primeiro, executaram os diferentes numero de música da fantasia e nos intervalos outros trechos, o que bastante abrilhantou o nosso humilde festival.

O sr. Director muito bem impressionado pela maneira como os alunos representaram poz à disposição da Cruz-

da das Mulheres Portuguesas o nosso grupo, afim de dar uma festa a favor do seu cofre.

Jorge Abel Gaspar Franco

4.^o anno commercial

A Quíonga

Estás de novo livre, ó Indica bala,
Que dos cafres selvagens ercis habitada,
Que já foste feliz, alegre, e desculdada;
Quando sobre o teu pórtico a rubra cruz se ergueu.

Depois, como um preságio a negra ave sombria
Por estranhas mãos, ai, viste ser levantada,
E ser official essa lingua odiada,
Da nação que no mundo dominar já qu'ria.

Da escravidão passados já vinte e dois annos,
Podes ver novamente no teu pórtico erguida
A bandeira, o batido e pérfido alemão.

Lavando a vil afronta, os nobres lusitanos,
Expulcando o invasor da Pátria entremecida,
Ai viste lá pouco entrar a tiros de canhão.

Alberto Rosa

5.^o anno commercial

Glórias portuguesas

«Quíonga» resuscita agora altiva dentre a incúria em que vivia, em seguida ao infame roubo de 1894 pelas armas alemãs. A retomada de «Quíonga» é mais uma prova do grande patriotismo português, pois que demonstra claramente que Portugal apesar de pequeno, tarde ou nunca se deixará subjugar por um país estrangeiro. É incontestavelmente ne-

cessário mostrar aos olhos atónitos de todo o mundo que os portugueses de hoje são os mesmos que aqueles que foram às terras africanas combater os mouros, à Índia seguindo o novo caminho para o comércio e navegação, ao Brasil e a toda a parte, onde se erguem agora as mais florescentes colónias. A nós não poderia decerto passar-nos despercebido este inaudito feito que as armas do glorioso exército português praticaram, superiormente comandadas pelo Ex.^{mo} Snr. Tenente-Coronel Moura Mendes, que demonstrou bem o seu grande patriotismo e inteligência. Daqui saudamos os valiosos e bravos soldados e oficiais que souberam altamente sacudir essa afronta que há ano e meio o exército alemão vergonhosamente nos fez.

Mário Calado.

3.º ano do curso comercial

O BRAZIL

Fez, no dia 3, 416 anos que um dos nossos mais ousados marinheiros Pedro Alvares Cabral descobriu um continente onde agora está fundada esta república e que outrora foi a mais rica colónia de Portugal. A má administração da metrópole deu origem á emancipação desta, constituindo um império.

Mais tarde o povo brasileiro querendo tornar-se livre começa a nutrir ideias republicanas e por fim com o auxilio de todo o povo consegue constituir uma república federal.

Desde este acontecimento o Brasil começa a progredir lentamente não deixando de manter as mais amistosas relações com os seus irmãos de raça e de lingua, prodigalizando-lhe todas as atenções necessárias á marcha regular das suas negociações.

Em 5 de outubro de 1910, dia glorioso da libertação da nossa querida Pátria, mais uma vez o Brasil mostrou os laços de amizade que, nos unem a esse belo país sendo o primeiro a reconhecer a jovem república portuguesa. Durante o pequeno período de república o Brasil fez connosco favoráveis tratados de comércio, elevou o nosso consulado a embaixada o que nós fizemos igualmente. Na actual conflagração originada pela cubica duma nação que queria imperar no universo empregando todos os ardís prohibidos pelos tratados internacionais, dizendo que eram apenas farrapos de papel, o Brasil tem mostrado por nós a maior simpatia, quando sequestrámos os navios de proprietários alemães, a Alemanha chamou-nos vassallos da Inglaterra, ultrage que jámaiz podíamos suportar e o Brasil acompanhou-nos num brado de protesto.

Essa vil nação alemã que antes deste ultrage já nos tinha massacrado alguns punhados de heróis na incursão de Naulila que agora está sendo vingada, declarou-nos guerra!...

No Brasil sabendo-se isto fizeram-se manifestações calorosas e vibrantes como no próprio país levantando bem alto a nobre bandeira verde rubra que tantas vezes tem mostrado o valor dos seus filhos. Há pouco tempo quando crepitava o fogo no Depósito de Fardamentos e no Arsenal da Marinha esse conjunto de labaredas devidas ás mãos criminosas dos enviados desse povo politico, no Brasil a mágnua e consternação foi geral.

Por estes factos vemos os laços de amizade que cada vez mais se vão estreitando, unindo assim as duas nações irmãs.

Viva o Brasil!

Viva Portugal!

José de Almeida Amaral.

4.º ano Industrial

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
EXÉRCITO

Querer é poder * PREPAREMO-NOS PARA A VIDA * Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

A acção da mulher durante a guerra	Barroso Junior
Conventos	Soares Pinto
O dia de Camões no Instituto....	Jaime Ramalho
Congresso de Educação Física...	Baroso Junior
Os exercicios dos alunos da Escola de Guerra em Massamá	Alberto Rosa
O Algarve.....	Eduardo Centeno
Festa do Jardim da Estrela	Isidoro de Brito
Soneto	Soares Pinto
A industria portuguesa	Mario Calado
Visita á Fabrica de chocolates Iniguez.....	Soares Pinto

Preço 4 centavos



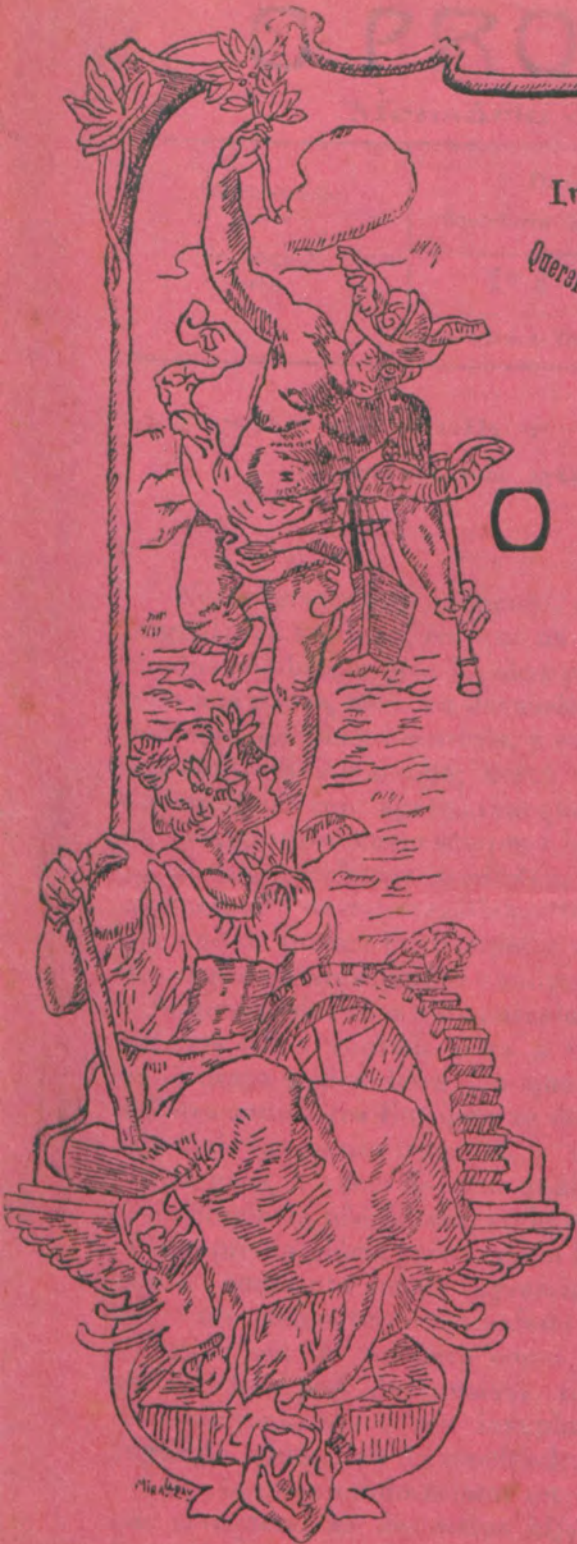
1916

Composto e impresso na

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, n.º 378

LISBOA



O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
	N.º 6 — 30 de Junho de 1916 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

A acção da mulher durante a guerra

Neste tormentoso momento, o único inigualável até hoje, em que as nações aliadas combatem pela Razão e pelo Direito dos povos, contra a desmedida prepotência dos países centrais, e em especial contra a Alemanha; nesta terrível e horripilante conflagração em que o nosso país, glorioso como sempre e honrando as suas excelentes tradições, tomou intemerata e desinteressadamente o lugar que de justiça lhe competia, ao lado dos seus seculares aliados e amigos, contribuindo assim com uma parcela de sacrificios e boa vontade para a victória final; nesta crítica hora em que sobre a florescente terra Europeia se desenrola a mais sangrenta tragédia, a mulher portuguesa, a quem as altas qualidades de inteligência não faltam, pode e deve com suprema glória para a nossa Pátria, entrar como um factor imprescindível, como um elemento de assinalado valor, se olharmos à maneira como a sua actividade se pode desenvolver, firmando condignamente o seu insuplantável lugar de educadora da mocidade.

E não precisando relatar ou entrar em considerações de meras hipóteses, bastará dizer resumidamente o que tem sido a mulher francesa no actual momento, e o que foi mesmo a heroica mulher portuguesa, desde que a nossa pequenina nacionalidade se formou, até hoje, onde ela é mais uma vez chamada

a cumprir um dos mais altos deveres em prol da Pátria ameaçada por tão perigoso e feroz inimigo.

E assim, lembrando que a mulher francesa tem sido duma extrema dedicação e infatigável interesse, fácil é de preender, conhecido o amor pátrio da generosa portuguesa que hoje mais do que nunca se revela, qual a sua acção e influência para o esmagamento do inimigo comum, contribuindo assim para o restabelecimento da paz, com honra para a sua Pátria.

Na nobre e invicta França, quando há dois anos soou o grito de revolta e guerra contra a ambiciosa Alemanha, logo acudiram sem desânimos ou excitações as mulheres para cumprirem o lugar vago que nos seus variadíssimos misteres haviam deixado os filhos valorosos, ao levantarem-se em defesa suprema da sua querida Pátria.

Pois bem. Embora sem a perícia de profissionais, as generosas mulheres onde germinava o amor da Santa Pátria, e da Humanidade, têm sabido dispensar aos feridos as atenções e desvelos que tornam menos acerosas as dores e menos duradouro o penar, dulcificando assim os crueis momentos da agonia.

Quem é o anjo do lar? Quem é a consoladora de tantos infortúnios?

E' a mulher, que quando bem orientada pela virtude e aceita desassombradamente o seu verdadeiro e primoroso papel de educadora, se eleva a regiões tão sublimes que só ela tem esse mágico poder de alcançá-las.

O homem pode marchar intrépido

para a morte ou para a vitória, combater com extremo denodo e valor o forte inimigo, mas é incapaz de dispensar aos que à vida a morte arranca ferozmente, o bálsamo mavioso que os faz morrer felizes.

Vê-se pois, como seguindo o alevantado e patriótico exemplo das mulheres francesas e inglesas, a mulher portuguesa pode desenvolver extremamente a sua acção benéfica e grandiosa, que terá de certo uma salutar influência nos variadíssimos campos onde pode cooperar com seu útil e nunca desmentido valor para a salvação e prosperidade da Pátria, prestando assim condignamente o seu inpreseindível concurso para a vitória final, e servindo louvavelmente ao mesmo tempo, a Humanidade.

Barroso Junior.

4.º ano comercial

Conventos

O que perguntaria um desses negros habituados a adorar o seu tóscico mono de madeira sob umas arvores frondosas ou uma palhota humilde, ao aproximar-se dum desses colossos de pedra, formidáveis na sua velhice, aos quais os anos rolando sucessivos, só conseguiram imprimir-lhe umas nodoas negras nas suas fortes paredes?

Nada, ainda mesmo que o mais autorizado porteiro que aí se achasse presente, lhe explicasse, em palavras convictas, tudo o que sôbre a santidade do mosteiro ouvira nas conversações devotas.

A sua imaginação talvez não compreendesse, mesmo que visse aqueles entes vaguearem nos corredores sombrios, murmurando preces, inteiramente abstraídos da vida exterior, e ainda menos compreenderia, se séculos passados em lugar das caras cadavéricas e ossudas, resultado de rigorosas penitências e longas vigílias dos antigos, deparasse com as bochechas rosadas dos modernos, desenvolvendo as suas aptidões culinárias, como as freiras de Odivelas e de outros conventos

cujos bolos e saborosos doces ficaram de tradição.

O pobre negro, na sua ignorância, não compreenderia, e nem mesmo nós chegamos a compreender, como poderiam homens válidos, e talvez vigorosos, esquecer e subjugar o instinto da liberdade, amortalhando-a sob as paredes dos conventos, e privando o país da força dos seus braços.

Todas as gerações do século XX vivendo para o trabalho, forcejando acompanhar o progresso, baniram de si as superstições, e concluíram que de modo algum era decente e moral, que homens cheios de vida e aptos para o trabalho, implorassem a generosidade, ou explorassem o fanatismo alheio, para ocorrer à sua subsistência e manter a sua ordem.

Há poucos anos apenas, e só com a implantação da República em Portugal, se decretou a extinção das ordens monásticas e proclamou a liberdade dos cultos, pondo fim à luta que havia entre o povo, e os homens do hábito, já muitas vezes expulsos de Portugal, e muitas vezes a Portugal secretamente acolhidos sob as asas da ignorância e do fanatismo religioso.

No entanto, conventos e mosteiros houve que ligaram o seu nome, a muitas das nossas mais gloriosas batalhas.

As freiras da ordem de Avis, Cristo, Calatrava, Hospital, Alcantara etc, encerravam em si, ao lado do espirito religioso, o espirito cavaleiresco da época e por baixo do ligeiro hábito do monge, vestiam a pesada armadura de guerreiro.

Estes homens generosos e rudes, meio da igreja, meio da guerra, não receavam expor a sua vida em prol da religião e da manutenção das terras conquistadas, fundando castelos em lugares distantes e expostos às continuas correrias dos mouros, vigiando as fronteiras e lugares confiados à sua guarda, cooperando e partilhando da sorte das batalhas.

— Pouco a pouco, de reinado a reinado, a dominação árabe no país enfraquecia; a bandeira do crescente que anos tremulara vitoriosa e sossegada nas ameias dos castelos, era lentamente afugentada, agarrando-se aqui e além às fortificações acasteladas que na sua retirada encontrava.

Expulsos os árabes, anos de paz e sossego se seguiram às continuas lides, reconstituíram-se os castelos mouriscos, povoaram-se as aldeias, e o Portugal nascente começou a viver.

— Os pesados montantes de ferro dos cavaleiros da ordem, já não encontrando armaduras mouriscas onde se embotar, foram a pouco e pouco, esquecidos, enferrujados, arrastando seus donos ao esquecimento.

E' assim que hoje alguns castelos como o de Castro Marim e outros cujas paredes presenciaram actos de heroísmo, se encontram arruinados, vivendo unicamente na imaginação popular, como ninho de alguma lenda de mouras encantadas.

Afora o seu papel guerreiro, as ordens monásticas, ou mesmo os simples conventos, contribuíram consideravelmente para fixar povoações e para a formação de pequenos lugares, que pouco a pouco se aumentaram.

Quando o Estado de guerra se declarava, quando era perigoso abandonar-se aos próprios recursos, as povoações dos campos, qual enxurro trazido por uma cheia, acolhiam-se aos castelos das ordens contribuindo aí para a defesa comum.

Quando algumas seguranças voltavam os camponeses achando aí talvez melhor terreno, ou mais amparo, construíam casas, fixavam as suas habitações, que pouco a pouco cresciam, e iam descendo da parte alta para a planície formando-se povos, aldeias, vilas, e mais tarde cidades, com o seu clássico castelo dominando o conjunto.

Outras cidades tiveram origem mais pacífica:

Eram provenientes de artistas e operários, que haviam vindo trabalhar no melhoramento ou construção de qualquer abadia ou mosteiro, e que achando melhor abrigo ou talvez melhor salário construíam nas imediações as suas casas que com o decorrer do tempo se tornavam centros de população, e mais tarde se emancipavam da tutela monacal.

A maior parte destes conventos são hoje aproveitados para asilos, hospitais, colégios, etc, servindo ao país para preparar convenientemente as novas gerações, ou para proteger aqueles que na sua mocidade não angariaram os meios pecuniários suficientes para se alimentarem na velhice.

— Esses edificios pagam assim ao país o que os seus antigos donos lhe tiraram privando-o do socorro dos seus braços. Nesses colégios, em geral, de construção pesada e sombria, as vozes alegres, os gritos agudos da infância, parece que afugentam o ar sútil, e impressão pesada dessas paredes unicamente habituadas a ouvir as preces dos frades.

Ai sem culto que não seja o do dever,

sem cuidados que não seja uma sólida preparação para a vida, entre professores e officiais, que procuram desempenhar o melhor possível a missão de que o país os incumbiu, se educa e instrue uma parte das novas gerações Portuguezas.

Mário Augusto Soares Pinto

5.º ano comercial

O dia de Camões no Instituto

Para comemorar a morte do nosso inolvidável épico, realizou-se no edificio da 2.ª secção, uma conferência feita pelo nosso illustre professor de portuguez, Sr. Pinto da Silva, que analisando em palavras belas e simples, a grande obra e biografia de Luís de Camões, encarou-o sob dois pontos: como amoroso e como patriota. E assim deslizando nessa ordem de ideias sublimes, que nos abrem a alma para receber a luz, terminou evocando o amor à Pátria, especialmente quando ela hoje atravessa uma crise tão temerosa.

E, sendo-me impossivel traduzir, o que sua Ex.^a proferiu, procurarei no entanto, na medida dos meus poucos conhecimentos, dizer-vos alguma coisa acerca da sua imortal obra que é a perfeita encarnação do genio da Pátria.

Camões recebeu a sua educação em Coimbra, onde adquiriu os conhecimentos necessários para levar a efeito as suas grandiosas e belas obras, em especial, os «Lusíadas». Mais tarde vemo-lo frequentar a corte de D. João III, e os amores pela sua Natércia, uma das damas da corte, fizeram com que os cortejos não tardassem a mover-lhe intrigas pelo que foi obrigado, por uma ordem régia, a sa-

ir do paço e desterrado para o Ribatejo.

Mas, o amor pela Pátria estava tão arreigado naquele coração, que não tardou muito tempo que não pedisse ao rei para ir combater como soldado para a A'frica. Lá foi, e numa das refregas perdeu um dos olhos.

Voltando a Lisboa, e por ter ferido com a sua espada um fidalgo da casa real, foi preso, e depois de ter obtido perdão do ofendido, foi obrigado ao um novo desterro que o levou não só a deixar Lisboa, mas sim o seu querido Portugal. Ao chegar a Goa, o seu espírito reteve-se na composição duma epopeia que já havia começado a debuxar e compor.

Nestas paragens, tomou parte nalgumas expedições para combater os corsários mouriscos, portando-se sempre com inextinguível coragem, e formando-se assim o seu espírito, à cerca daquelas regiões, que tão acertadamente descreve nalgumas das suas canções.

Sendo-lhe confiado o cargo de Provedor mór dos defuntos e ausentes, aproveitava o tempo que lhe sobrava para compor os *Lusiadas*, e passado tempo, acusado de roubar a fazenda nacional, foi preso e conduzido para Goa, mas o barco em que ia naufragou, conseguindo êle a muito custo salvar-se e à sua imortal epopeia, que já então estava quasi completa.

Depois de ter sido libertado, pensou em voltar à Pátria e passados 5 anos é que pôde embarcar com destino a Portugal. Ao desembarcar, encontrou Lisboa devastada por uma peste.

Neste tempo quem governava era D. Sebastião. Mal chegou à capital pensou dedicar a sua epopeia em que cantava as glórias portuguesas, a D. Sebastião, que ficando seriamente

te impressionado o recompensou, embora mal.

Mas não foi só a poesia épica, onde se encontram entrelaçados alguns episódios como, o do Gigante Adamastor e o da Ignês de Castro, que lhe merecem cuidados. Igualmente o foi a lírica onde êle nos deixa sonetos trespassados dum intenso amor pela sua Natércia, elegias, odes, etc, que completam a sua obra magistral.

No género dramático também alguma coisa escreveu e, embora não suplantasse o grande Gil Vicente pôde contudo deixar-nos três autos, um dos quais foi escrito quando frequentava a Universidade. Os outros, *Filodemo* e *El-rei Seleuco*. conquanto não sejam uma obra prima, não deslustram os seus conceituados trabalhos no género épico e lirico.

Camões, apesar de ter sido um verdadeiro patriota e um iminente escritor, foi sempre durante a sua vida maltratado e desprezado pelos outros, e a 10 de junho de 1580, rodeado pela miséria, o poeta sucumbia esquecido pelo Rei e pelo povo.

Jaime Ramalho dos Santos.

4.º ano comercial.

Congresso de Educação Física

Com geral satisfação de todos os alunos, foi o Instituto visitado no dia 10 do corrente por alguns delegados ao Congresso de Educação Física, realizado, como de costume, em Lisboa.

Ao entrarem no galeria do teatro acompanhados pelo pessoal docente dêste estabelecimento, a nossa tuna irrompeu com o Hino Nacional, seguindo-se uma breve palestra, feita

pelo nosso Ex.^{mo} professor de ginástica da 1.^a secção, Sr. Pedro de Oliveira, que em nome dos seus colegas e alunos deu as boas vindas aos ilustres visitantes, descrevendo resumidamente um pouco da nossa vida quotidiana, referindo-se em especial ao ensino de ginástica aqui adotado e que, devido à boa vontade e esforço do Ex.^{mo} Director e Regentes tem dado óptimos resultados, como claramente demonstram exames antropométricos realizados duas vezes por ano, isto é, ao princípio e no fim do ano lectivo.

Tanto a tuna como o orfeon fizeram-se ouvir com agrado da seleta assistência que os coroou de fortes aplausos.

Pouco depois realizaram-se os exercícios de ginástica, executados separadamente pelos alunos da 2.^a secção, 1.^a secção e monitores desta

Por último a nossa secção fez alguns exercícios militares em ordem unida e dispersa passando no final em marcha de revista e de continência ante os ilustres professores de ginástica das nossas Escolas e Liceus, que freneticamente nos aplaudiram tanto pelo garbo marcial com que todos se apresentaram como pela irrepreensível atitude durante todos os exercícios.

Ao retirarem-se, manifestaram aos nossos superiores a sua boa impressão, como bem se vê nas seguintes linhas que com a respeitosa vénia transcrevemos do grande jornal «A CAPITAL» que bastante honram este útil estabelecimento de ensino, onde se preparam os cidadãos e soldados de amanhã que hão de honrar decerto o bom nome desta modelar instituição republicana, para quem o Governo olha cada vez com mais carinho e maiores desvelos.

«Foi brilhante a visita dos congressistas ao Instituto dos Pupilos do Exército.

Depois duma minuciosa passagem por

todas as dependências do vasto edificio onde o congressistas tiveram ocasião de apreciar a boa ordem e higiene em que tudo se encontrava, assistiram uma pequena festa no salão teatro a uma demonstração no campo de provas de ginástica e de exercícios táticos militares, onde a par do garbo quasi marcial dos pequenos alumnos, se notou a excelência dos processos de ensino empregados pelos seus professores.

Todo o corpo docente à frente do qual estava o seu Director o Snr. Tenente Coronel Ortigão Peres, foi duma inexcidível amabilidade para com os visitantes que vieram perfeitamente maravilhados com tudo o que viam e que merece ser olhado com todo o desvelo pelos poderes públicos».

Tal foi a impressão que os ilustres membros do congresso levaram do Instituto que dia para dia vai conquistando numerosas simpatias, impondo-se sobremaneira à consideração geral e em especial dos verdadeiros amigos da educação que só agora começa a despontar, graças às novas instituições, que tanto se têm interessado pelo ensino nacional, pois nela vêem um meio eficaz para o resurgimento e progresso da nossa pátria.

Barroso Junior

4.^o ano comercial

Os exercícios dos alunos da Escola de Guerra em Massamá

Na passada 4.^a feira, 14, fomos a Massamá ver os exercícios dos alunos da Escola de Guerra, que havia oito dias ali se encontravam bivacados, e aos quais assistia S. Ex.^a o Sr. Ministro da Guerra.

Eis a largos traços de que constaram os exercícios.

Encontravam-se os alunos entrincheirados e simulava-se um ataque de forças inimigas. Imediatamente alguns alunos abriram fogo tentando deter os supostos atacantes; enquanto outros saíam pelas trincheiras de comunicação e sempre ao abrigo das vistas do inimigo foram colocar-se na ala esquerda

esperando a ocasião de dar o contra-ataque. Enquanto esta não chegava abriram também fogo sobre o inimigo que se simulava continuar avançando.

Quando chegou o momento em que os atacantes se encontravam sobre o local em que haviam sido colocadas duas minas, os defensores das trincheiras fizeram-nas explodir, o que produziu grande estrago e levou pedras a enorme altura. Então os que tinham sido desviados a dar o contra-ataque carregavam sobre os assaltantes que se supôs serem repellidos.

Fomos depois visitar as trincheiras, em que se podiam observar duas espécies de parapetos: Uns feitos de sacos de areia; outros de tabuas cobertas de terra.

Era curioso também observar o bivaque em que se podiam notar vários modelos de tendas de campanha, até aquela ocasião ainda só usados entre nós na divisão que se encontra em Tancos.

Alberto Rosa
5.º ano comercial

O ALGARVE

Como é formoso este cantinho do nosso querido Portugal!

Banhado por quasi todos os lados pelo Atlântico, o Algarve é sem dúvida alguma uma das melhores e mais encantadoras provincias portuguezas.

Esta estreita faixa que ao sul do nosso país se enxerga foi o berço de grandes homens que por ignotos mares expostos aos maiores perigos e às tempestades, foram abrir um novo e amplo caminho para o progresso de todo mundo engrandecendo assim o nosso património colonial.

Nesta provincia há qualquer coisa de curioso: São os seus habitantes bons e expansivos caminhando para o trabalho em ranchos, cantarolando alegremente.

Portanto o Algarve nunca é monótono; pelo contrário nos seus campos, nas suas cidades, vilas e aldeias a alegria nunca parece aumentar e aumenta sempre. Os campos embelezados durante todo ano são o fruto de proficuo trabalho de algumas gerações; mas um trabalho generoso, é paciente que só sabe esperar dum temperamento raro.

O Algarve produz tudo em maior quantidade do que outras provincias: desde os mais variados e sabores os frutos até à humilde e desprezada planta dos caminhos.

Não há nada que ali não cresça, não se frutifique e se reproduza.

E querem saber quais as suas reproduções: Respondo.

O trigo é esse cereal tão preciso para a alimentação do homem, com quanto não tenha ali uma larga produção é sufficiente para a sua população relativamente pequena. O figo de bom paladar é muito apreciado em toda a parte e tem uma larga exportação e preço que nos ultimos anos tem sido até exorbitante.

Tambem existem em grande quantidade amen-

doeiras, laranjeiras, romanzeiras, nespereiras, alfarrobeiras, etc, e em pequena quantidade a palmeira. Falemos da alfarrobeira, esta árvore produz um fruto, a alfarroba que serve para a alimentação de alguns animais e de que muitos individuos gostam quando torrada.

Agora, esse engenho que remonta à muitos seculos, dá um pitoresco aspecto às hortas algarvias, sobretudo nessas calmosas tardes de verão em que o ranger se mistura com os trinados dos passarinhos e perfume das flores.

A população do Algarve é considerada em trezentos mil habitantes. Tem algumas vilas importantes tais como: Vila Nova de Portimão, que é um bom porto para navegação de cabotagem. Olhão cuja importância provém da indústria da pesca que é a mais vulgar e produtiva da provincia.

Eduardo Marques Centeno
2.º ano comercial

Festa do Jardim da Estrela

Nos dias 18 e 19 de Junho realizou-se no Jardim da Estrela uma festa encantadora com um fim verdadeiramente altruista e patriótico. Foi devido à iniciativa do «O Século» que se organizou a Festa da Flor cujo produto reverteria a favor dos soldados feridos na guerra que actualmente se está travando com espantoso incremento. Além de outras sociedades e artistas que generosamente se prontificaram a prestar o seu valioso auxílio, tivemos nós igualmente ensejo de cooperar em tão brilhante festival.

No dia 19 que se apresentou magnifico e sob um sol abracador partiram os alunos na sua máxima força para o jardim e, através da cidade era curioso o espectáculo de garotos que nós rodeavam enlevados com a nossa marcha correcta e o rufar sonoro do tambor e das pessoas que curiosamente afluíam às janelas contemplando o nosso garboso desfile.

Logo que chegamos, o 1.º pelotão devidamente armado, ficou próximo do portão para prestar a guarda de honra ao Il. Chefe do Estado. Perto de meia hora ali se conservou durante a qual se esteve recreando com a graça insinuan-

te de alguns artistas do Eden que faziam despertar hilariedade nas pessoas que ali estavam aglomerados no intuito de verem entrar o venerando Presidente da República. Súbito ouviu-se um toque vibrante a sentido: era o Presidente que entrava. Então os alunos à ordem do seu comandante prestaram a devida continência finda a qual se foram desarmar podendo então passear livremente e admirar o magnífico aspecto do jardim. Na ala principal e dispostos graciosamente, elevavam-se os mastros no topo dos quais tremulavam suavemente os pavilhões das nações aliadas. Por entre o frondoso arvoredo coavam-se os raios solares que se vinham espreguiçar amorosamente na macia relva. Uma aragem tépida e embalsamada pelas fragrantas flores, nos refrescava dos ardores do Sol. No jardim perpassavam gentis senhoras que, com uma graça captivante vendiam as aromáticas e belas flores. Aqui e ali viam-se algumas barracas vistosamente engalanadas onde igualmente se vendiam flores. Num coreto a banda da Guarda Republicana sob a direcção do maestro Fão, executava algumas belas musicas enquanto proximo, num teatro préviamente ali erguido alguns artistas do Eden representavam algumas coisas no meio da satisfação geral. Por fim chegou a vez aos alunos do Instituto. A tuna sob a regencia do maestro Snr. Costa Bráz executou primorosamente alguns lindos trechos de musica que encantaram a assistencia sendo no final bastante aplaudida.

Ao retirar-se, o Snr. Presidente, num rasgo de gentileza, que, muito o caracteriza, ofereceu ao Snr. Braz um ramo de flores entoando os alunos neste momento o hino nacional.

A banda de infantaria prejudicou um pouco a nossa representação.

A's 18,30 retiraram-se os alunos e dentro em pouco, o comboio rapidamente nos conduziu ao Instituto ple-

namente jubilosos e encantados com o deslumbrante festival em que mais uma vez, honraram com brilhantismo o nome do nosso querido Instituto.

Isidoro José de Brito Junior
4.º ano comercial

Soneto

A árvore secular bela e frondosa
Dizia à erva humilde, rente ao chão :
«Tu, frágil ente, docil como um cão
Sempre aos ventos te dobras amistosa.

Da fraca ervazinha já chorosa,
Suas desculpas foram sempre em vão,
Mas cêdo os fortes ventos a razão
Deram a ela, humilde e cuidadosa.

Éolo um dia soprando furioso,
A árvore frondosa fez gemer,
Torcendo enraivecido o caule anoso,

E ela que'inda há pouco feliz mofava
Agora já humilde e sem poder,
Tombada enfim, à erva se igualava.

Soares Pinto
5.º ano comercial

A indústria portuguesa

É um caso melindroso e já tratado por muitos economistas, o problema da indústria em Portugal.

Ela reveste-se de mil dificuldades que a têm tornado pouco produtiva.

Há meia duzia de anos esta parte, os capitalistas tirando do fundo das suas burras o produto de longos esforços deram um certo impulso à indústria nacional. Esta saltitando, temerosa tem ousado porêr já nos nossos dias fazer competência a muitos produtos estrangeiros

Uma das mais prósperas das nossas indústrias é a dos tecidos de algodão que se tem desenvolvido, abastecendo por completo os nossos mercados. A indústria da seda que era uma das mais antigas do nosso país encontra-se agora decadente. A ourivesaria tem também uma grande importância no nosso meio industrial. Há também no nosso país algumas fábricas de manteiga; fabrica-se também queijo, sendo os mais apreciados o queijo da Serra da Estrêla, de Tomar e da ilha. O chocolate é uma das indústrias que pode competir com as do estrangeiro. A da chapelaria é uma das que têm maior desenvolvimento em Portugal.

Portugal além destas indústrias possui ainda outras como são: fundição, cerâmica, papel, a da pesca, sendo muito notável a do atum no algarve e a da sardinha. É também grande em todo o país a produção do sal cuja excelente qualidade é apreciada entre nós. Em virtude da grande conflagração europeia que se está dando, algumas indústrias acham-se decadentes.

Mário Calado.

3.º ano comercial

Visita à fabrica de chocolate Iniguez

No meio dum bairro operario muito movimentado, fica situada a fabrica de chocolate «Iniguez» uma vasta construcção, que é uma das mais importantes do mundo segundo o atestam os premios obtidos em várias exposições a que tem concorrido.

Antes de entrarmos no fabrico do chocolate e do café, façamos algumas considerações sobre a materia prima.

O chocolate fabricado com uma mistura de amendoa de cacau e açúcar, constitui um producto alimentar. O cacau (theobroma-cacau) seu verdadeiro nome, é originario do Mexico, donde, nós os Portuguezes e os Espanhoes, o espalhámos e o fizemos propagar pela America.

Por muito tempo o chocolate nos foi exclusivo, pelo segredo do seu fabrico; nesses tempos era ele um alimento de luxo e o seu preço era excessivo. Hoje tornou-se barato e constitui um alimento popular muito nutritivo e de facil digestão pelos productos azotados, açúcar, e manteiga de cacau que contém.

O café, é o grão produzido por um arbusto chamado o cafêzeiro, natural da Abissinia pertencente ao genero Cofea da familia das Rabaceas. Multiplica-se por sementeira, num chão movediço e fresco, á temperatura de 15º a 30º. O grão do café contém subs-

tancias gordas, azotadas, agua, cafeina, etc. Depois de moído, dissolvendo-se em agua quente, obtem-se uma infusão aromatica e agradável, que activa a digestão e a assimilação.

Encontram-se no Comercio, diferentes variedades de café, das quais as mais apreciadas são: O Moka; natural da Arabia, grãos redondos e amarelo. Santos, muito rico em cafeina. Porto Rico, grãos dum verde carregado que se assemelham aos de Martinica.

Há ainda o Royal; Martinica, Misere etc. Temos ainda a registar nos nossos cafés coloniais; o de S. Tomé, Angola, Cabo Verde, e Guiné sendo o de S. Tomé o mais importante.

As amendoas do cacau são introduzidas nos fornos de torrefação, enormes cilindros de ferro, a que umas rodas dentadas imprime um movimento de rotação, não deixando assim queimar o cacau. O arrefecimento é operado por meio de ventoinhas. A um lado da casa alinham-se varios moinhos mecânicos. Depois de torrado o cacau é descascado e limpo por meio duma tarara mecânica, cuja parte superior é terminada por um recipiente para onde transita o cacau que em seguida vai para uma peneira de movimento lateral, donde as cascas saltam; estas servem para adubos que têm grandes principios azotados.

O seleccionador do cacau não é mais do que um aparelho complementar da tarara que tem por fim captar qualquer impureza que a esta escape.

Já limpo e triturado o cacau segue por uns tubos até ao moinho, onde o ar quente que circula no interior, o reduz ao estado pastoso; entra num deposito donde se conduz para outro previamente aquecido afim de não alterar a fusão; estando o cacau neste estado mistura-se-lhe açúcar, num moinho com duas galgas. A pasta obtida segue para uma outra que a obriga a passar entre trez cilindros até se obter uma pasta homogenea, pela passagem entre os cilindros duma calandra; esta pasta torna-se mais consistente, e capaz de ser pesada para onde segue.

Visitamos seguidamente a estufa fria, para a condensação da pasta do cacau, fabrico dos bonbons por meio de moldes de gesso, e retiramo-nos verdadeiramente encantados e agradecidos, com o Sr. Iniguez actual dono da fabrica.

Mário Augusto Soares Pinto

5.º ano comercial

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
EXÉRCITO

*Querer é poder * Preparemo-nos para a vida * Querer é poder*

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

Caros leitores	A Direcção
O Profissional	Barroso Junior
Para a vida	Soares Pinto
Victórias Portuguesas	Barroso Junior
A lição de história	Alberto Rosa
Impressões de viagem	Isidoro de Brito
Coiúbra	A. Malaguerra
Comediantes	Mendonça Pereira
A ilha da Armonia	Centeno
A Associação	Alberto Rosa
Saudade eterna	Mendonça Pereira

Preço 4 centavos



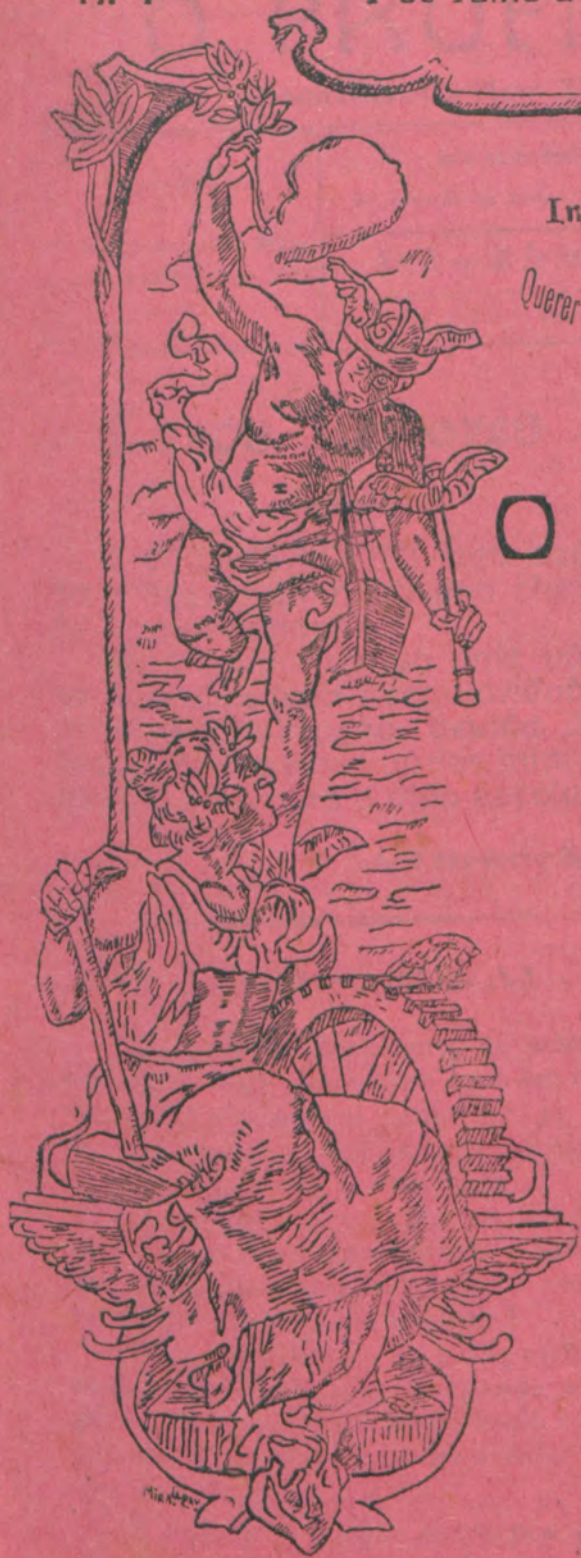
1916

Composto e impresso na

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, n.º 378

LISBOA



O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Malagueria	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
	N.º 7 — 30 de Novembro de 1918 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

Caros Leitores

O PROFISSIONAL vos saúda e deseja um novo ano cheio de prosperidades.

No mesmo tempo ante vós se desculpa pela irregularidade na sua publicação, devida ás longas fêrias e aos varios imprevistos, inerentes á vida escolar.

A Direcção

O PROFISSIONAL

Não satisfez plenamente as nossas aspirações este semanário que em tão curta existência bem podia ter já no seu seio maiores dedicações e admiradores do que conta actualmente.

Mas como consegui-lo se as más vontades se encontram entre nós, prejudicando assim o progresso que o nosso humilimo órgão podia usufruir?

Nas outras escolas do país procura-se o progresso, não se poupando ninguém a fadigas; aqui o espectáculo é desolador: o resvalamento para o tédio é o que nos ameaça dia a dia.

E tudo isto porque entre nós não existe o mais pequeno vislumbre de que seja a União e boa vontade. São estas duas coisas que se tem procurado incutir em nós mas que não ha maneira de lhe colher os frutos. E como

alcançar o que se deseja se nada disto ha?

Onde estará a originalidade e todos esses predicados que tão bem caracterizam um jornal escolar?

Tudo desapareceu ao começarmos a tarefa que levou anos a preparar; não ha amor por aquilo que nos pertence e por tanto o desleixo que aumenta dia a dia será dentro em pouco um facto, talvez para muitos inconcebível, mas para nós que ainda não deixámos de pugnar pelo bom nome do Instituto, deveras lastimoso.

Trabalhemos pois, e então daremos por cumprida a missão alevantada e digna que a todos se impõe.

Barroso Junior

5.º Ano comercial

Para a vida

Qualquer coisa de emocionante se sente ao lançar os olhos para o trilho que se segue.

Ao percorrer as aulas, as oficinas, os escritorios, do Instituto, aí se encontram energias, ahí se encontram vontades, que trabalham numa grande parte dos ramos da actividade humana.

Quando crianças, todos corriamos, em carreiras loucas, cabelos soltos ao vento, de rostos despreocupados, que nada indicavam dos cuidados da vida, num período ainda longínquo.

No entanto, com essa pequena instrução que nas escolas se aprende, construíamos os alicerces como base do nosso ensino futu-

ro, que o ânimo de criança nos não deixava antever.

Os anos rolaram... Da despreocupada criança surgiu um rapaz na idade em que na vida é necessario assegurar um futuro.

Houve um governo de bondade e altruismo que o protegeu, que lhe lançou um apoio, e esse rapaz, qual planta viçosa, cresceu, formou-se... e deu frutos.

Assim, tomando como exemplo o Instituto, nós não podemos negar ao actual regimen e aos seus representantes, a estima mais absoluta, e o reconhecimento mais completo.

Com cinco anos de laboração, esta obra meritória, que a Republica instituiu, para os filhos das praças, ainda não havia dado fruto.

Dos seus educandos nenhum saíra ainda; no entanto estou certo que a todos lhe sorria na mente um futuro almejado mais ou menos longinquo.

Foi este ano que pela primeira vez vimos colegas transpor para a vida os humbraes do Instituto.

Foram estes, os alunos Albino como 2º sargento condutor de máquinas; Olival, Baltasar e Guerra, 2ºs sargentos do exército; Guerreiro e Antonio, como artifices da Escola de Aviação, tendo todos até hoje mantido e feito respeitar lá fora o bom nome do Instituto.

E assim se entrou no numero das instituições que anualmente produzem contingentes seguros, educados, e aptos para a carreira a que se destinam.

Soares Pinto

Aluno do 6º ano do curso de commercio

Vitórias Portuguesas

Que estamos em guerra é um facto sòmente inconcebível para os renegados e vendilhões da Pátria.

Embora os nossos soldados não se encontrem nos campos de batalha da immortal França, devemos olhar sem cessar para A'frica pois é ali nessas terras outr'ora arrebatadas pelo jugo tentão que se ergue altiva e tremulante a bandeira pátria, defendida por essa hoste aguerrida, inda mais forte que as muralhas e resignada e heroica.

Peitos de valentes são aqueles onde

se acende a chama inexpugnável do amor pátrio, que arrasta num auge de heroicidade os lusitanos á vitória, trilhando continuamente o caminho da honra e do dever, sem um desânimo, sem desfalecimentos.

È que esses nossos irmãos, em quem a Pátria hoje mais do que nunca confia os seus destinos, querem, custe o que custar, cumprir honrosamente a sua missão, por mais espinhosa e difícil que seja, embora o sangue ou o coval fiquem a atestar que ali passaram os descendentes de Albuquerque e Almeida e doutros que tanto e tanto enalteceram a Pátria e cuja lembrança jamais se apagará nos nossos corações.

E assim, a ultima vitória das armas portuguesas, alcançada pelos nossos soldados de além mar, é sobremaneira empolgante e traduz nitidamente o valor inegalável da inaudita raça portuguesa cujos soldados levam ante si o inimigo barbaro e cruel, escalando os fortes, marchando por atalhos e morrendo depois cobertos de glória, abençoados pelo sol que outr'ora beijou o pendão das quinhas.

São dois inimigos bem temíveis aqueles com que os nossos irmãos de armas lutam ha perto de dois anos.

Mas que importa se ao fitarem o estandarte verde-rubro, recordam com saudade, a mãe, os filhos e a esposa que bem longe os esperam ver cobertos de gloria?

Que importa ainda não haver a preparação suficiente para combater um inimigo adestrado, se o braço é forte e a alma é grande? Ah! Como nos é consolador ver essa pequenina hoste de bravos, suplantando o inimigo, voando através dos desertos, sem desanimos, nem titubiasas e vai cumprindo o dever que a santa Pátria lhe exigiu.

Acompanham-os nessa espinhosa tarefa a Bandeira da Pátria, ha eras coberta de glórias, e hoje resplandecente e cheia

de fé nos destinos deste pequeno povo do ocidente da Europa.

Eis terminada a missão que os nossos soldados de além mar se propuseram. A vitória é nossa. Eles já marcham pelo arco triunfal mostrando aos pusilânes que do seu valor duvidam que o caminho, é, e ha de ser forçosamente para frente.

E agora lembremos com infinda saudade a memória daqueles que lá ficaram a cimentar com o seu sangue os campos da glória; e saudemos mais uma vez com vivo e sincero entusiasmo essa pleiade de herois que honrando o Exército e a Pátria fizeram despontar uma nova aurora, cujos raios benéficos e acariciadores todos nós já sentimos.

José da Cruz Barroso Junior
5º Ano do Curso de Comercio

A lição da história

A declaração da guerra da Alemanha a Portugal, foi recebida pelo povo com entusiásticas manifestações.

Sendo esse facto tão ardentemente desejado por todos nós, elas não foram, nem são, para admirar.

Tendo, porém, já passado os primeiros momentos de justissimo entusiasmo, é bom que o povo comece a encarar mais a sério este facto tão grave.

Os vivas são próprios para os primeiros dias: agora, é preciso retrain o entusiasmo, para podermos encarar serenamente a situação.

Devemos preparar-nos para avaliar o exato valor do inimigo, e tentar conhecer qual o melhor meio de inutiliza-lo.

Igualmente devemos arrostar *resignados* todas as privações, que o estado de guerra nos há de forçosamente acarretar.

Talvez venha a propósito lembrar que também foi com foguetes, vivas à guerra e «A Berlim!» que os francezes em setenta receberam a declaração de guerra.

O resultado, foi o que se viu. O exército francês, embora possuidor de valiosos elementos, desconhecendo quasi por completo o va-

lor do inimigo, e demais, sem chefes para o dirigir, viu-se, depois duma série de desastres, depois de ver Paris nas mãos dos prussianos, obrigado a aceitar o vergonhoso tratado de Francfort.

É escusado recordar aqui a triste sessão do Congresso reunido em Versailles, em que o governo francês, um governo feito de homens de valor, onde entre outros se destacava o vulto de Thiers, tendo no dia seguinte de responder às propostas de Bismark, se viu num transe afflittissimo, pois que todos os deputados, depois de feitas as perguntas pelo governo, em vez de lhes responderem, passaram o tempo em eloquentes discursos, exaltando as glorias da França, ou amesquinhando a Prússia.

No fim de cada discurso, um dos membros do governo, não me recordo qual, dizia apenas: «Tudo isso é muito verdade; mas amanhã temos que dar a resposta á Prussia».

Era o mesmo; passaram-se horas e horas a elogiar a França... e mais nada.

Então o governo, que de forma alguma queria pedir a demissão em tão agudo momento, resolveu convocar uma sessão nocturna onde, no fim de muito trabalho, conseguiu mostrar ao Parlamento a triste e crua verdade da situação do País. Só então se poud realizar a votação das propostas e no dia seguinte começaram as negociações da paz.

Olhemos para o momento actual.

A Alemanha declara guerra á França.

Julgais que se ouviam os mesmos gritos a Berlim? Não. O povo francês recebeu sereno a declaração de guerra. Serenos partiram os «poilus» para a fronteira e para a pobre Bélgica invadida. Serenos votaram os deputados todas as propostas feitas pelo governo *para a salvação do país*. Em França compreendeu-se enfim que não era com manifestações nem com injurias que se combatia o inimigo, mas tentando conhecer o seu valor e procurando os meios de inutiliza-lo.

É isso que se faz, e é por isso que o exército francês, sobre o comando do hábil general Joffre, continua resistindo confiado no seu valioso comandante que os há de fatalmente conduzir á vitória. E' isso que devemos fazer em Portugal.

Estamos em tempo de guerra; encaremos a sério. Arrostemos todas as privações com coragem e resignação confiados nos nossos chefes, que conhecedores do valor do inimigo, hão de por fim inutilizar.

Alberto Rosa

Aluno do 6º ano do curso de comercio

Impressões de viagem

Enfim! Depois de uma hora de jornada pela lindíssima estrada que vai de Portalegre à estação de caminho de ferro, toda marginada de enormes eucaliptos que no alto enlaçam caprichosamente os ramos, formando como que um verdadeiro túnel de verdura, de onde se exala um aroma penetrante e saudável e onde a passarada solta os seus melódiosos gorgeios; por entre extensos campos cobertos de oliveiras, já carregadinhas de fruto e sobreiros com os troncos despidos de cortiça e como que ensanguentados, tomei finalmente lugar no comboio. Era de madrugada. O sol já começava a despontar tingindo o horisonte de rósea claridade. Como são belas estas madrugadas em pleno campo, quando a viração perpassa fresca e perfumada e os passarinhos nos deleitam com o seu delicioso canto; quando o sol começa a espargir os seus quentes raios iluminando toda a extensão infinda dos campos, plenos de luxuriante vegetação e acariciando as flores que desabrocham à beira dos caminhos, divinas de graça e encanto e, onde as trémulas gotas do orvalho matutino brilham com reflexos de cristal!

O comboio avança com uma velocidade vertiginosa. Até Torre das Vargens, a paisagem é de uma monotonia desesperadora.

Mas daí por diante o aspeto dos campos muda completamente e o coração se expande á vista de novos encantos.

No meu compartimento alguns soldados falavam com entusiasmo acerca da guerra, mostrando nitidamente o seu odio contra os alemães que tão tristemente celebres se tornaram com os seus monstruosos processos de guerra. E, ao vê-los, pensei logo no

nosso querido Portugal, tão torpemente ultrajado e que soube repelir o insulto com nobreza, colocando-se ao lado dos aliados que, denodadamente lutam pela causa sacrosanta da Liberdade, tão ferozmente ameaçada.

Brevemente a hora spará em que, a Alemanha vencida, há-de ver cair por terra o seu louco desígnio de dominar o mundo. Já o sopro da derrota começa a passar por ela. Da A'frica já êles foram quasi totalmente banidos pelos aliados, conseguindo assim Portugal vingar o revês sangrento de Naulila e o massacre do Cuangar. E, na Europa, sob os golpes sucessivos que os aliados lhe teem vibrado já o colosso germânico começa a oscilar.

E, assim acabará como um mau pesadelo o alucinado intento do Kaiser que, com a sua desmedida ambição veio perturbar a paz nos campos da Europa e provocar o mais espantoso conflito que todo o mundo tem presenciado. Mas, deixemo-nos de divagações... O calor, é agora abrasador. O suor cai em camarinhas pelas faces. Aqui e além correm em caprichosos meandros e com suave murmúrio as cristalinas águas de um ribeiro por entre margens cobertas de salgueirais que deixam pender os ramos languidamente, como que a beijar a corrente... De vez em quando vê-se a fita branca duma estrada que se vai perder lá muito ao longe em zig-zags e por onde passam ranchos de homens e mulheres, cantando e rindo... Homens descansam à sombra das árvores, extenuados do ruído labutar da vida. E' a hora da sesta.

Uma azenha geme, geme, tristemente. Ao pé, um vetusto e frondoso carvalho com o tronco revestido de um perene manto de musgo, oferece magnanimamente uma boa sombra, ao viajante abrasado pelo calor deste dia de estio. Voam as brancas borboletas no azul. Nos prados, as abelhas, per-

passam zumbindo, roubando o mel às flôres dos cálix virginais. Um ruído surdo e prolongado me anuncia que estamos passando sobre um rio. É o Tejo, que lá em baixo desliza suavemente, fertilizando com as suas águas os campos ao redor. Mais adiante, eis o pitoresco castelo de Almourol, numa ilhotasinha perdida no meio do rio, logar tão cheio de poesia e encanto. É bem conhecida a sua lenda.

Acolá, um moinho caído de fresco recorta no fundo azul do céu as suas velas que se movem vagarosamente, sob o impulso do vento.

E o comboio vai avançando, avançando e aproximando-me do Cartaxo. Eis já aqui grandes vinhas, de um valor enorme, que se estendem por toda esta magnífica região.

Por entre as folhas divisam-se os cachos pretos, enormes. Além na encosta da serra alvejam de espaço a espaço pequenas e graciosas vivendas no meio do arvoredo, como brancas pomboas perdidas na imensidade... Rebanhos pastam alegremente nos viçosos e floridos prados. E as giestas, parecem alcatifar os montes de um tapete dourado.

É bem este o nosso querido Portugal, reverberado de sonhos e de glórias, ridente.

Jardim da Europa à beira-mar plantado, como no-lo canta o nosso mavioso poeta, Tomaz Ribeiro, Pátria idolatrada que assombrou todo o mundo com os seus feitos extremamente audaciosos e imortais.

Porém, o sol, já vai desaparecendo na linha do horizonte num mar de púrpura e oiro. Lentamente, as primeiras sombras da noite vão invadindo a terra. Acolá, ainda entrevejo o Aqueduto das Águas Livres, a única boa obra desse rei perdulário, que se chamou D. João V.

Finalmente, passando o túnel, eis-me

já na minha Lisboa amada, com o corpo bem moído e com estes apontamentos que pude coligir e com que vos estive massando, meus presados leitores.

Isidoro José de Brito Junior.

Aluno do 5.º ano comercial.

COIMBRA

Acompanham esta velha cidade, as suas tão numerosas recordações históricas.

Banhada pelas cristalinas e melancólicas águas do Mondego, ergue-se em anfiteatro, oferecendo um espectáculo deslumbrante a quem a contempla.

Os seus arredores, como o Penedo da Saúde, o Penedo da Meditação, o Choupal a Quinta das Lágrimas e a Quinta da Lapa dos Esteios, são lugares que deleitam e embriagam a alma sentimental do poeta, inspirando-lhe a mais doce e terna poesia, e deixando na imaginação, uma saúde de eterna recordação. Durante o inverno é frequentíssimo o rio alargar-se pelas planícies que ao longo correm e pela cidade baixa desfrutando-se assim uma imensa e pitoresca paisagem que extasia a vista.

Na primavera os campos livres das águas dão excelentes produtos e as árvores começam a desabrochar as suas flores, enchendo não só a atmosfera com doces perfumes, mas produzindo também o máximo do seu rendimento o que enaltece de orgulho os seus proprietários.

Unida à velha Universidade, com as suas remotas torres, que majestosamente se ostentam no alto cidade, possui o magnífico Museu do Tesouro da Sé onde a vista não se cansa de admirar os valiosos objectos, produzidos duma arte subtil.

Os belos monumentos que rodeiam Coimbra, as flores dos seus jardins esmaltados de uma coloração tão fina e pura, o encantamento dos terrenos marginais do Mondego, enchem de uma harmoniosa e cativante poesia, de uma recordação saudável o coração daqueles que a poderiam visitar um dia.

Julio Augusto Malaguerria

Aluno do 3.º ano, do curso de comércio

COMEDIANTES

Perto vai de uma pequena aldeia do Somo-me uma quasi remota carriola desconjuntada, de um tom indeciso, salpicada como um sambenito de condenado, deixando perceber as muitas mãos por que passara. Um arcaico e tropejante mulo arrasta com evidente cansaço aquele molho de táboas e molas ferrugentas, que ameaça despedaçar-se de momento a momento. São possuidores dessa ambulante mansarda uns restos disseminados de troupe de saltimbancos belgas a quem os horrores da guerra e as torturas da fome tinham açoitado para as terras de França, para esse solo de liberdade e glória.

O chefe de família, um velho ainda vigoroso, com os estigmas de energia vincados no rosto de pergaminho, as brancas cãs soltas ao vento e neve que prepassam, guia as passadas trémulas da alimária. Família pouca tem. Sua companheira morreu há pouco às mãos dos pregadores da Kultur; não esboçou um estremecimento, nem indecisão ao cair como muitas outras sob as balas de tais monstros.

Só teve um derradeiro olhar para o espôso e pequeno filhito, que doente, e sem os desvelos de uma mãe carinhosa, ficaria à mercê da sorte.

Vai seguindo a fita branca do caminho coberto de neve, testemunha há pouco de tantos horrores, de tantos episódios comoventes e heróicos, que regaram com sangue generoso o solo da vetusta Gália.

São poucos os traseúntes na desolante aldeia outrora tão fértil e linda.

Atravessam já a praça. Tudo são ruínas em torno; da velha igreja só restam muros enegrecidos e escabrados como espectros de morte e além um corpo mutilado dum Cristo, mirando toda aquela devastação.

Entre o nevoeiro que pesa e mais se condensa, apercebe-se um gemido abafado que parte da carriola. Acorre o velho e vê estendido sobre as negras palhas da enxerga, o corpito franzino e ainda quente daquele que fora seu filho. A fome e os atropelos da fuga ao açougue, tinham causado mais uma vítima que clama vingança.

E o velho lutador, aquele homem do povo acostumado à guerra, ao infortúnio, à fome, chorou intimamente num arranco de dor, a sua máguia imensa, o seu sofrer amargo.

Mas o inimigo, o renegado e torpe bárbaro, o ignaro menosprezador de todas as convenções e direitos humanos não quer deixar em paz a pobre aldeia mártir.

E o estremoso pai nunca consentirá que os restos de seu filho, dêsse pedaço da sua alma, seja tocado pela baba imunda e suja de tais rafeiros, pelas dêsses fantasmas sinistros.

Mas como dar-lhe sepultura, se rebusca febrilmente os recantos da bolsa sem encontrar um misero *sou*? !. Só lhe resta lançar mão do seu mister; e num pungente matracar resoa pela aldeia o bombo do comediante. Vão-se acumulando curiosos nessa admissão aldeã de coisas novas.

Caem, como que a medo, as pequenas moedas no chapéu que se estende para recebê-las.

Muito se riu aquela gente simples e boçal! Que de ditos e motejos, enquanto corria a representação!

E agora junto do filho morto, ante aquela transformação de matéria num despójo efêmero, o estremoso pai, o palhaço de há pouco, o comediante que fizera com seus chistes, esgares e ditos galhofeiros, levar ao delírio um punhado de campônios, como breve mudara! Como ante o infortúnio atroz, ante a sorte cruel esse coração que se mascarara num alheamento da vida, a ela volta, numa tortura tão lancinante e indefinível!

Quantos e quantos dêsses pobres comediante que tanto fazem rir, que tão prazenteiramente nos fazem passar algumas horas de ócio, empanam em seus gestos e bobias e sob uma camada de alvaiade e vermellão, a síntese de todas as amarguras o conjunto de todas as dores humanas.

Como bem difere a vida do que no realismo se nos afigura! Como muitas vezes sob uma bela rosa se ostentam macerados espinhos de extremo pesar!

Mendonça Pereira

6º. ano, do curso de industria.

A ilha da Armonia

Esta pequena ilha fica situada na costa do Algarve, quasi em frente do grande centro industrial de Olhão. Na época balnear é enorme a multidão de banhistas, que ao romper da aurora se banham nas tépidas aguas do Oceano. Nesta ilha abundam as pescarias, sendo estas o principal objecto do seu pequeno commercio.

Noite velha para o mar os rudes pescadores, em frágeis embarcações, que depois de corre-

rem inauditos perigos, por entre as tumultuosas ondas do Oceano, voltam ao amanhecer abarrotadas de peixe.

Afluem então ás praias as robustas camponezas do continente e coradinhos moçoilas, que trazem á cabeça as variegadas produções do solo.

Realisam se então pequenas transações de carater primitivo; legumes milho etc... ai se trocam por peixe, necessidade do moderno intermediário, a moeda.

E à noite lá partem outra vez os mais robustos para o mar, enquanto os velhos em casa á luz da clássica candeia ficam concertando as redes.

Mal o azul do ceu se tolda, e o mar rugue desesperado, os banhistas qual bando de assustadas gaivotas, emigram não sem olhares de saudade para o continente próximo.

Centeno

3º anno commercial.

AMIGOS!...

Os gorgeios dos passarinhos denunciavam a aproximação da alvorada, e eu perto dum bosque experimentava a doce sensação dum perfume ambarino exalado pela sua verdejante vegetação.

No interior da pequenina floresta fazia-se a evaporação das gotas de orvalho que durante a noite caíra com tanta abundancia.

Ali reinava a paz e a solidão!...

Sentado num carcomido tronco de arvore coberto de um musgo luxuriante entrelaçado por hera, pensava nos momentos de alegria e de tristeza que a natureza me proporcionara.

Assim terminara o dia, e continuamente ouvia o murmurio das aguas melancolicas dum riacho, e os harmoniosos canticos da cotovia, que partiam dum arbusto onde ela fizera seu ninho.

Contemplava uma linda estrela cu-

jo brilho vinha embriagar-me a vista e ela parecia dizer-me ao fitar-me:— tem fé na vida, que eu te guiarei os teus passos!...

E a minha alma cheia de bálsamo e consolação, nunca passara uma tão duradoira alegria.

Sentia-me feliz, naquêles lugares poéticos, tornado agòra um pequeno ermita, pois que a minha pouca idade não consentia que presentisse a multidão de perigos que de um momento para outro se podia desenrolar naquêle sitio desabrigado.

Mas eis que uma dor horrivel me dilacera o peito; ouvia pronunciar meigamente as mais pungentes e ternas palavras.

«Não te desgostes criancinha sofre silenciosamente todos os teus martirios e não dês a conhecer as tuas maguas».

Escondido entre as folhagens dos arbustos arfava atónito, pois esta frase veio dar-me um alanceamento tal, que me fez aborrecer.

Quem sois vós?!...

«Eu?!... sou o anjo salvador áquelle'que guía os desprotegidos da sorte a quem as acrimónias da vida despedaçam o coração.»

«Tem esperança no futuro, pois que os teus sofrimentos hão de terminar um dia».

«Não julgues que todos os que te cercam são verdadeiros amigos, pois todos dizem sê-lo e na sua alma ingrata, isso é uma coisa realmente irrealizavel.

«Amigos, apenas tinhas um, e esse infelizmente está na eterna solidão, e portanto ama-o e adora-o, pois ele véla por ti no céu.

Esse..., era teu pai!...

Julio Augusto Malaguerra

Aluno do 6.º anno do curso de commercio

ASSUNTOS ESCOLARES

A Associação

Com enorme satisfação, soubemos hoje que se ia fundar enfim, a Associação Escolar do Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito, cuja falta de há muito se fazia sentir.

Ainda não nos foi dada a honra de ler os seus estatutos. Estamos porém certos de que hão de satisfazer as aspirações de todos nós, alunos dêste Instituto, visto a sua elaboração estar confiada ao nosso professor de ginástica, sr. capitão Escrivânis.

Soubemos de boa fonte, que os estatutos da Associação se dividem em várias Secções, entre as quais nos recordamos de ouvir falar nas seguintes:

Desportiva, Literária e Científica, de Arte, e Caixa Económica.

Qualquer delas mereceria um longo artigo, que a nossa rude pena seria incapaz de traçar.

Em todo o caso parece-nos que seria de justiça não deixar no olvido, quando da escolha da Direcção das várias secções, dois vultos que se distinguiram sobremaneira pela tenacidade e resolução com que lutaram com as dificuldades que lhe sobrevieram na realização de dois planos, que deviam e devem orgulhar o nosso Instituto, e cuja direcção consta-nos, vai agora pertencer à Associação.

Decerto, alguns dos nossos estimáveis leitores, já adivinharam a quem me quero referir:

E' ao nosso dignissimo director das officinas, sr. tenente Migueis, a quem devemos a nossa entrada no campeonato escolar, e ao nosso tenente, sr. Ribeiro Gomes, o fundador deste jornal, e a quem, digamos de passagem, por um esquecimento imperdoável ninguém, a começar pela nossa humilde pessoa se lembrou até hoje de agradecer êsse favor.

Parece-nos estarem indicados para regerem respectivamente as secções Desportiva, e Literária e Científica (é a esta última que fica de hora avante subordinado o nosso, jornal). Mas, ... agora nos ocorre um pensamento:

Tambem há outra individualidade que tem o direito de superintender na secção desportiva: O sr. capitão Escrivânis, professor de ginástica e jogos, que está elaborando os estatutos desta Associação.

Em face do exposto, parece-nos melhor escolher o sr. capitão Escrivânis para a secção Desportiva, e o sr. tenente Migueis com toda a razão e direito, para a secção de Arte (onde está compreendida a representação a atestar a incansável energia e boa vontade que mostrou sempre que se tem pensado em realizar recitas no nosso teatro.

Aqui deixamos sobre o assunto a nossa fraca opinião.

Sobre a Caixa Económica, muito nos regozijamos com a sua fundação, ou antes, a sua *re-fundação*, visto ela já ter existido no primeiro ano.

Mas tudo isto é assunto que merece ser apreciado com mais vagar, depois de publicados os estatutos; e mesmo, agora reparamos que iamos abusando em demasia da benevolência dos nossos caros leitores: Portanto, desculpem e até ao mês que vem.

Alberto Rosa

Aluno do 6.º ano; 1.º secundario do comercio

Saudade eterna

*A lira ferrugenta, a musa enrouquecida,
De todo decóido o gesto sublimado,
Desprezando do verso o tom alevantado,
Só da prosa nos resta a toada sabida.*

*Já no «Profissional» a rima ennobrecida
Do soneto e da ode o estilo afiambrado
Lá succumbiu de vez à voz de Deus louzado,
Deixando cá do mundo esta saudosa vida.*

*Chorai, musas, chorai, derramai vosso
pranto.*

Quedai lá do Parnaso as águas amorosas.

Por quem vos deu mui glória e vos elevou tanto.

*Espangi pelo mundo etéreo em furiosas
badaladas,*

*Um adeus infinito um adeus sacrosanto,
Aos velhos vates de memórias tão saudosas.*

Mendonça Pereira

6.º ano industrial

Instituto Profissional dos Pupilos

DO

EXÉRCITO

*Querer é poder * Preparemo-nos para a vida * Querer é poder*

O PROFISSIONAL



SUMÁRIO

O 1.º de Dezembro	Barroso Junior
Sobre a frente.....	Alberto Rosa
Drama na aldeia.....	Isidoro J. de Brito
A rosa.....	Soares Pinto
O soldado português	Jaime G. Mascaranhas
Mais nada.....	Mendonça Pereira
O Tejo	Raul Monteiro
Noites de luar	Isidoro J. de Brito
O valor historico dos monu- mentos.....	José D. Lampreia
Relatorio da visita á Manu- tenção Militar de Lisboa..	Gouveia Pinto
Desponta a madrugada.....	Isidoro J. de Brito

Preço 4 centavos



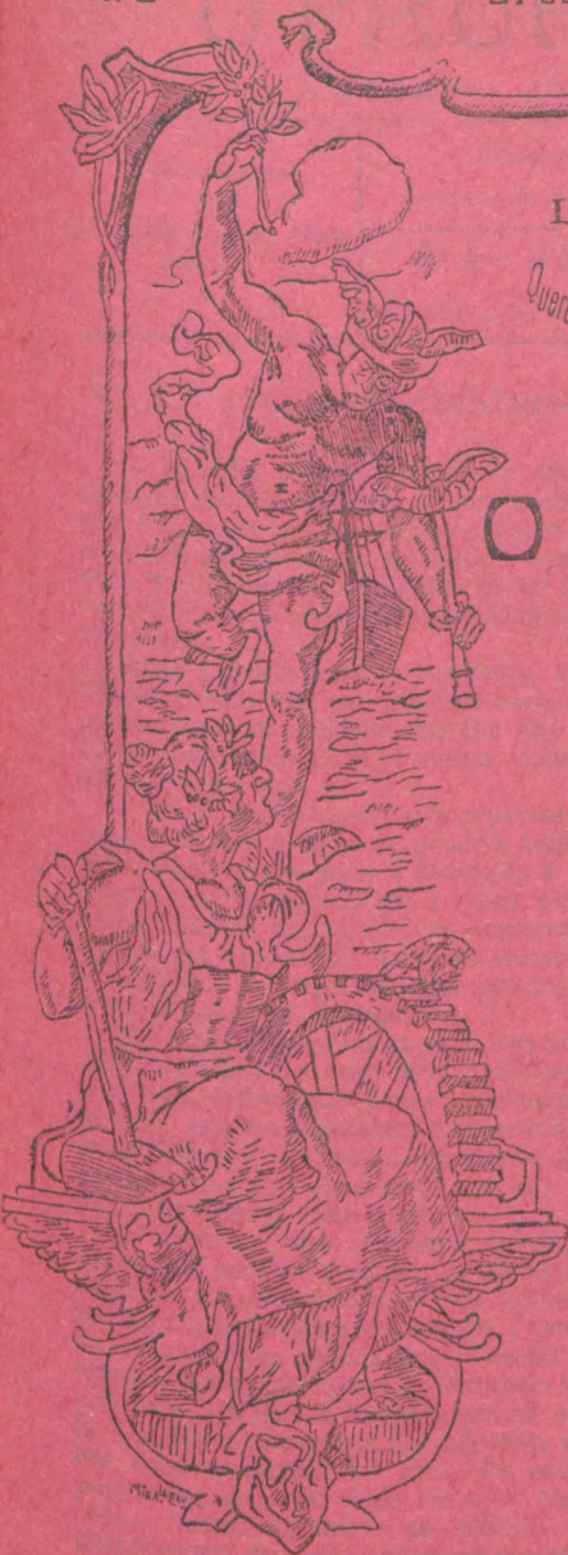
1916

Composto e impresso na

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, n.º 378

LISBOA



O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador	Director: Mário A. Soares Pinto	Conselho de redacção
Julio Augusto Mala- guerra	Secretario da redacção: José C. Barroso Junior	Alberto de Sousa Rosa e Manoel de Mendonça Pereira
	N.º 8 — 31 de Dezembro de 1918 — 1.º ano	
	Comp. e imp. na Tip. do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército	

O 1.º DE DEZEMBRO

Se há factos memoráveis que as páginas da nossa história em letras de ouro encerram, este é daqueles que se evidencia por si mesmo, dada a importância capital que tem tido através dos tempos, como ponto inicial da autonomia e consolidação definitiva da nossa nacionalidade.

Após a proclamação da República, entendeu-se e muito bem, que esta data devia agrupar-se com a da Bandeira, porque são duas coisas que se confundem na mesma comunhão de ideias—a Pátria—.

E assim, no Instituto, onde a par da preparação técnica e física, se procura despertar ainda mais intenso amor e dedicação à terra bendita, à terra sagrada que a todos nos viu nascer, este dia não foi de todo esquecido. Limitando-se, embora às habituais cerimónias, à saudação à Bandeira Nacional, que por todo o dia se conservou hasteada.

Na parada ressoaram os primeiros acordes da Portuguesa; e o pendão bicolor, desdobrado pelo vento e abençoado pelo sol resplandecente, sobe, mas tão cadenciada e majestosa—mente que a todos imprime qualquer coisa grandiloqua, que só a alma sente, mas que a pena vacila e hesita reproduzir.

E' que neste lapso de tempo se relembra que há 267 anos um punhado de portugueses, daqueles que sentiam o nojo pela submissão tão cobarde a Castela, aproveitando o momento em que esta se debatia com violentas lutas internas, unidos pelo mesmo alevantado ideal, correram para além da fronteira desse rei soberbo e ambicioso de tronos, que pela força bruta das armas conseguiu, no meio das ameaças populares que várias vezes tentaram sacudir o jugo castelhano, manter-se, fazendo disto uma coisa sua, deixando roubar-nos as colónias. Foram sessenta anos que a Pátria jazeu acorrentada e tiranizada mesmo por essa Espanha despota e burocrática, que sobre nós lançou onerosos impostos, administrando-nos funestamente.

Sessenta anos em que o povo viu escravizada a sua Bandeira sempre heróica e vencedora, e em que a opressão encarcerou hermeticamente a Liberdade. Mas, enfim!

Raiou bela a esplendorosa manhã sempre memorável de 1 de Dezembro!

A liberdade ressurgiu e a Pátria acordou desse tão profundo letargo em que para sempre se ia consumindo.

E o povo que outrora fôra tão espezinhado como espoliado, aclamou unanimemente e num auge de intenso amor pátrio a Nação redimida e o seu rei.

Saudemos pois no simbolo sacrosanto, esse estandarte verde-rubro que nos incita à vitória, e ao mesmo tempo nos ensina a ter confiança e fé nos nossos destinos, o dia que o país inteiro patrioticamente celebra com ardor, e esses denodados portugueses que, quer nas naus, por mares revoltos e incertos bem longe da Pátria padrões alevantaram, quer com a refulgente lâmina da sua espada e braço forte talharam por entre os muros das fortalezas, e falanges inimigas, a estrada da vitória, que para sempre ficará escrita em áureas letras na história pátria, ou gravada nas pedras envelhecidas dos monumentos ou ainda nessa grande e incomparável epopeia nacional—os Lusíadas—que ainda hoje sentimos quasi vivificante e que jamais morrerá enquanto subsistir um único português.

Barroso Junior
5.º Ano comercial

Sobre a frente

E' noite, uma noite de chuva e de vendaval. As trópegas passadas do homem da ronda acabam de acordar-me.

Tudo dorme em redor e a luz esverdeada da lâmpada eléctrica contri-

bue para dar a êste quadro um impressionante e patético aspecto.

Lá fora, numa fantástica canção, o tic-tac da chuva acompanha os prolongados assobios da nortada. As ideias a princípio confusas no meu espírito entorpecido, começam pouco a pouco a tornar-se mais nítidas.

O pensamento voa-me então para os campos da batalha onde, a estas horas sob os horrores da tempestade, milhões de homens combatem denodadamente em prol da civilização, ameaçada pelos desvarios dum imperador louco.

A chuva contínua caíndo, agora com redobrada violência e os arrancos da ventania fazem estremecer os vidros das janelas. E o meu espírito continua voando: percorre assim as longínquas paragens da velha Gália.

Aí vejo êsses famosos «poilus» que se preparam para arrostar as duras privações do inverno que se avizinha.

Coitados: Quantas vezes, sôbre os terrenos alagados, os pés metidos na lama gelada até aos tornozelos, as mãos comprimindo-se contra o frio metal das fecharias, por entre a neve, a chuva, o vento, a metralha, terão de arrastar-se até às trincheiras inimigas?

E' a luta contra os próprios elementos, que se aliam à barbárie contra a civilização!... Qual dos dois o pior inimigo?

Mas o gaulês que despreza o inimigo, despreza os elementos também.

Não serão a chuva, o vento, a neve ou a metralha, que impedirão êstes valorosos soldados de cumprirem mais uma vez o seu dever.

A chuva abrandou agora, deixando de acompanhar os roufenhos rugidos da borrasca, que aumenta de violência.

E o meu pensamento voa, voa.

Vejo neste momento ante mim as extensas planícies dessa Bélgica de tão saudosa memória.

Aqui Liège, com os seus fortes dismantelados e as casas demolidas atesta a heróica resistência que nela ofereceram ao invasor as tropas do rei Alberto, um rei que soube mostrar aos execrados teutões que os pequenos países, se não teem força, teem honra, uma coisa até hoje, desconhecida na Alemanha.

Ali Louvain, cuja biblioteca, destruída pelo incêndio a que os bárbaros submeteram a cidade, parece das suas paredes enegrecidas pela fumarada, estar clamando vingança, por tão grande atropelo à civilização.

Acolá o famoso porto de Antuerpia, caído nas mãos dos hunos, depois duma feroz resistência.

As ruínas seguem-se agora às ruínas. Começo a aperceber ao longe uma extensa nuvem de fumo iluminada de quando em quando por sangüíneos clarões:

E' que me aproximo de Flandres, onde um punhado de valentes, resto desse valoroso exército belga, continua ainda defendendo os poucos palmos que restam dêsse pequenino país, outrora tão próspero, hoje reduzido a um montão de escombros pelos cau dilhos da Kultur.

Quanta abnegação, quanto amor pátrio não encerram os corações dêsses gloriosos belgas!

Que magno exemplo de honradês não deu êsse intrépido rei, de quem a História cantará eternamente em áureas páginas os seus sublimados feitos!

Mas eis que toca a alvorada. São horas de regressar ao mundo do realismo.

Alberto Rosa

Aluno do 6º ano do curso de comércio

DRAMA NA ALDEIA

Já por êsse tempo tinha chegado a primavera cheia de esplendores de Luz e Vida, de verdura nova anunciada pelos mil trinados ruidosos e encantadores dos passarinhos. Que deslumbramento os campos! Perfumadas flores, deslumbrantes de graça, abriam o mimoso seio perlado de scintilantes gotas de orvalho ao sopro balsâmico da brisa. Magníficas searas cobriam os campos, qual imenso mar de verdura, ondulante ao saber do vento, e onde as papoilas se distinguiam como manchas de sangue.

A ribeirazita vinda da serra, umas vezes correndo apertada e timidamente por entre muralhas ou espalhando-se cá em baixo bela e tranqüilamente, scintilava aos raios do sol que se ostentava altivo e deslumbrante, no céu de um azul sem mancha.

Numa oliveira, saltita de ramo em ramo um buliçoso e irrequieto pardal.

A natureza, já saída do seu torpor, estava engalanada, em toda a sua beleza mostrando risonhamente os seus encantos admiráveis. Os campos aparentavam um soberbo aspecto com a sua vegetação virente esmaltada de flores, passando por todos os esmeraldinos.

Soprava uma leve aragem de uma frescura deliciosa perfumada e inebriante. Além, ao muro duma porta, trepavam as roseiras bravas, que pendiam para a estrada mostrando as rúbidas flores em torno das quais adejam zumbindo as incansáveis abelhas. Cabras retoçavam pelas pastagens.

Os salgueiros contemplam-se tristemente na murmurosa corrente. Pela estrada que se estende a perder de vista passam de continuo alguns trabalhadores, enxada ao hombro, os rostos queimados pelo sol, que se dirigem para o seu trabalho, cantarolando, obscuros obreiros, almas rudes mas sãs.

Montado num burrico de pernas bamboleantes, o grande chapéu de sol aberto como heróico Sancho Pança, passa o tio Joaquim, em cujos olhos transluz a expressão dum intimo contentamento, ao contemplar a paisagem que se lhe oferece à vista. Bom velhote, o tio Joaquim!....

E uma doce paz, envolvia todo êste quadro cheio de harmonia e formosura!....

Toda aquela gente da aldeia tão formosa e tranqüila narrava com grande alvoroço o litígio havido entre o Antonio da Mó e o João Moura, mais conhecido pelo «Tigre» por causa do seu carácter rude e feroz, o qual se-

gundo se dizia à socapa tinha tomado parte em certo crime que a justiça da terra deixava ficar na obscuridade.

Inevitavelmente, aquilo tinha de suceder.

O João Moura tinha uns dois anos atrás sustentado uma demanda contra o da Mó por causa de uns terrenos. Mas apesar de toda a sua influência e de ter espalhado o dinheiro pródigamente perdera com grande raiva sua. Dai o ódio de morte que êle votava àquele, ódio que nem o tempo conseguira apagar.

Eis pois a causa porque êle se envolveu, sob um pretexto fútil em desordem com o António da Mó, levando uma tremenda sova, em frente dos camponeses que ali se tinham aglomerado e que lá os conseguiram apartar.

Vexado e impotente, o «Tigre» retirou-se para casa com a raiva e desespero no coração ruminando no intimo uma vingança terrível.

E noite! Um luar suave e doce banha a vastidão infinda dos campos. Reina um silêncio sepulcral, impressionante, apenas entrecortado pelo latir agudo e sinistro dos cães de guarda.

Milhares de estrélas fulguram no eterno firmamento. Num casinhoto pardacento um pouco derruido pelo tempo, brilha á luz indecisa, bruxuleante, duma candeia. Perto desliza a corrente com melancólico murmúrio, qual argênteo fio de um brilho fascinante... Cá em baixo, perto do tortuoso atalho e encoberto pelas silvas, estava o João Moura, de espingarda na mão, o olhar ardente e fixo no caminho, o ouvido à escuta nas faces uma expressão hedionda, satânica. Pelo atalho dirigindo-se para o seu lado vinha o António da Mó caminhando despreocupadamente e assobiando um estribilho popular.

A vista dêle o Tigre estremeceu e apontou a espingarda rangendo os dentes de ódio:

Súbito, uma forte detonação quebrou o silêncio da noite, ecoando de vale em vale seguido do baque surdo dum corpo.

Então o Tigre, saiu do esconderijo espregando cautelosamente ao derredor. No meio do atalho, jazia inanimado o infeliz António da Mó, num lago de sangue, de bruços, os cantos da boca orlados duma sanguinea espuma. Depois de ter contemplado a sua obra, o miserável dirigiu-se sossegadamente para casa, com a consciência de quem acaba de praticar uma boa acção...

Debalde tentaram apurar quem seria o criminoso, e o corpo do desgraçado António da Mó lá baixou à sepultura por entre o choro convulsivo da mulher e dos filhos.

Rápidos, velozes como o pensamento passaram-se dez anos após os acontecimentos que relatamos e dos quais não restava senão uma tenuíssima lembrança.

Nessa noite o João Mouro já velho e alquebrado mal conseguia conciliar o sono. Tarde, finalmente o remorso começou a penetrar naquela alma rude atreita a todos os vícios e paixões.

De vez em quando acordava sobresaltado, o olhar desviado, a fronte alagada em suor frio, atormentado por horribes pesadelos.

Afigurava-se-lhe ver o espectro do Antúnio da M6, envolto em negra mortalha, terrível como o anjo da morte avançando lentamente para elle como que a querê-lo empolgar em seus braços descarnados, a destra estendida e gritando-lhe raivosamente: Maldito sejas!

Então num destes momentos o Tigre saltou da cama num pulo alucinadamente, os olhos esgazeados e a expressão do mais vivo pavor, e saindo de casa, correu pelos campos, envolto numa treva lúgubre, misteriosa.... Tinha enlouquecido!

Certo dia, o povo da pequena e risonha aldeia via andar pelas estradas um mendigo coberto de andrajos, os cabelos cor de neve, esquelético e macilento, apoiando-se a um bordão, e que exclamava de vez em quando—

Maldito sejas! Maldito sejas!
por entre estrondosas gargalhadas. Era o João Mouro.

Isidoro José de Brito Junior.
Aluno do 5.º ano comercial.

A ROSA

*Graciosa e meiga, a atractiva rosa
Que a fresca brisa amorosa embala...
É do terno amor imagem que bem fala...
É do seu odor a bela mais ciosa.*

*Se alguém a colhe... essa flor airosa.
Já pendida e morta, tristemente cala...
A sua expressão ao enfeitar uma sala...
A sua beleza ao desfolhar chorosa.*

*De um ramo pende viçosa e bela
Olhando da terra outrás rosas lindas
Que a fita n meigas ao passar por elz...*

*Uma prece muda «deixa-me ficar»
É o que ela exprime com doçura infinda...
Ao fitar ainda num choroso olhar...*

Soares Pinto
6.º ano comercial

O soldado português

É este soldado, um dos mais corajosos e aguerridos, como tem mostrado desde os séculos mais remotos da nossa nacionalidade e nos mostra ainda hoje.

Recordemos a vitoriosa batalha de Aljubarrota, em que o soldado português se teve que defrontar, em média, com cinco castelhanos, vencendo o inimigo, apesar da superioridade do seu exército, das peças de artilharia pela primeira vez vistas em Portugal, não deixando por isso, o nosso exército de alcançar vitória brilhante sobre elle; vitória tal que não estando ainda a batalha de todo perdida, já D. João de Castela fugia para Santarém e, não se achando aí bastante seguro, embarcou numa galé para Sevilha.

Pois a coragem do nosso soldado, vem-se transmitindo de geração em geração.

Na guerra Peninsular, Napoleão, admirado de ter derrotado todos os exércitos menos o nosso, gabava-os muito, chegando a ponto tal, de mandar as guardas de honra em França serem feitos pelos nossos soldados, às maiores personalidades daquela nação.

Olhemos orgulhosamente para o presente, logo veremos o que elles tem conseguido nas nossas colónias, durante esta flagrantíssima luta.

Junto ao seu heroísmo está coligada a disciplina, visto até hoje não ter havido sintoma algum de insubordinação.

Também, sem ser nas nossas colónias, o soldado tem mostrado, nos campos de batalha da Europa, quanto vale o seu heroísmo, chegando já alguns a terem sido condecorados, por bons feitos militares, praticados em diversos pontos da frente de batalha.

Os soldados Portuguezes, que já se encontram nos campos de batalha da Europa estão lá por sua livre vontade e embora não estejam defendendo a

O Valor histórico dos monumentos

São na realidade os monumentos uma obra de excelsa admiração.

Desde que sejam erguidos com boa fé e com o carácter científico, merecem sempre a nossa maior adoração, não para servirem como o mais sumptuoso palácio mas para trazerem à história os factos mais notáveis de um povo, e o seu valor guerreiro durante esta ou aquela época.

E embora o dinheiro que se dispenda com eles seja exorbitante há sempre a necessidade de se construírem.

Porque não é sómente para ornamentação para uma simples curiosidade de quem perto os está contemplando que eles são erigidos; mas para mostrar qual é o grau de civilização de um povo que activamente se dedica aos progressos das artes e sciências.

Desprezar por completo a arquitectura, seria um acto não próprio do século em que vivemos, se bem que nós tenhamos presente o exemplo da época actual em que a civilização parecia caminhar apressadamente, em que a preocupação do homem parecia limitar-se apenas ao trabalho, procurando descobrir o que até aqui se não tinha podido conceber.

Mas o maior inimigo do homem é o próprio homem!

Enquanto um se ocupa no trabalho exclusivo da natureza, o outro procura preparar a arma mais terrível para o destruir e logo outro emprega também inextinguíveis esforços para arranjar uma defesa contra aquele que o pretendia atacar.

E aí está como o egoísmo humano leva tantas vezes à destruição dos mesmos monumentos que assinalam a força do seu génio e o progresso social.

Um país despido de monumentos seria como um terreno devidamente tratado mas a que lhe faltam as bases essenciais, despido de flores que pela sua forma e disposição o tornariam agradável à vista.

Não se poderia por conseguinte dar a esse terreno a denominação de um vergel florido, mas sim a de um pequeno jardimzinho.

Que importância teria então esse país, se não possuísse sequer um simples monumento para comemorar o generoso sangue derramado pelos heróis que tanto contribuíram para a sua constituição e fundação definitiva?

Pouca sem dúvida alguma. A arte é o que há mais belo e encantador!

É uma das fontes históricas que suplanta a tradição oral, porque aquela traz ao pensamento os acontecimentos verídicos, esta, ainda que seja transmitida com elegância, pouco a pouco se vai transformando à maneira de lenda.

Quem não ha-de em tal caso cultivá-la se até os primeiros povos, esses de civilização ainda incompleta, a cultivavam! Causa até espanto a arquitectura dos egípcios com as suas grandiosas pirâmides, obeliscos, necrópoles esfinges, e os tumulos nas rochas a que os gregos chamavam moradas eternas e pelos quais se pode reconstituir uma parte da história egípcia.

E melhor se reconstituiria se não fôsse a imperfeita administração do imperador romano Teodósio que para vulgarizar a religião cristã entre os egípcios, sómente pela força o que em parte não conseguiu, mandou queimar e destruir todos os seus documentos e obras de arte.

Nos Gregos distingue-se o monumento «Parteon»; nos romanos, ainda que imitassem os gregos, destacava-se o Pateon de Agipe, a célebre coluna de Trajano e o templo da Cizico considerado como uma das setes maravilhas do mundo.

Em Portugal temos o mosteiro dos Jerónimos erigido para celebrar a difícil descoberta do caminho marítimo para a Índia, levada a efeito pelo inclito navegador português Vasco da Gama; o mosteiro da Batalha e o convento de Cristo.

Há sobretudo neste monumento uma parte da sua construção que, segundo diz a tradição, o caracteriza superiormente.

É uma janela cuja ornamentação é tudo o que há de mais completo, encerrando os mais belos quadros da história de Portugal. E assim como Luís de Camões nos dá o conhecimento concreto da nossa brilhante vida guerreira, assim o célebre escultor a pôs em destaque; aquele nas páginas do seu livro, este nos relevos da sua obra.

Deve na verdade ser de aspecto maravilhoso quando os rutilantes raios do sol forem incidir sobre as variegadas formas dessa janela, fazendo repassar ainda com mais sentimento e brilhantismo as fases da nossa história.

J. Domingos Lampreia

6.º ano do comércio

Relatorio da visita á

Manutenção Militar de Lisboa

A organização definitiva da Manutenção Militar de Lisboa data de 1891. Porém antes desta data já havia vários estabelecimentos aos quais se chamavam padarias militares sendo a primeira inaugurada em 1861, e funcionava num terreno pertencente ao regimento de infantaria n.º 2, ao qual fornecia pão.

A primeira parte d'este modelar estabelecimento que nós visitamos foi o Matadouro, recentemente construído e inaugurado. Está instalado em várias dependências, notando-se por toda a parte acção e ordem. Assistimos ao abate de uma rez com o aparelho Bruneau, que, além de ser um processo muito prático é menos eficaz que o usado no Matadouro Municipal. O aparelho de Bruneau consiste apenas numa máscara de couro que tem um orifício no qual penetra um cilindro de aço.

Com esta máscara vendam-se os olhos do animal e dá-se uma pancada sêca no cilindro, o qual penetra na região cerebral, introduzindo-lhe ali o ar e causando a morte quasi instantânea.

O sangue corre para cavidades existentes no solo.

Há várias casas onde se procede á fabricação dos chouriços, existindo nelas tinas para a mistura dos diferentes componentes, sendo os chouriços por fim levados a uns fumeiros.

Existem além destas tinas outras máquinas, tais como: as de triturar a carne, as destinadas ao enchimento do chouriço, etc.

A carne de vitela e de carneiro é assada e metida em latas de conserva, que depois de esterilizadas são hermeticamente fechadas, pois se o não fossem o ar entraria dentro e a conserva estragaria-se-hia.

A seguir visitámos:

Fábrica de Moagem e
Torrefacção do Café

O café em grão é metido num cilindro aquecido a uma alta temperatura no qual permanece durante 15 minutos sendo dado a este cilindro um movimento de rotação para que o café não se queime.

Passados os 15 minutos o café, já torrado, é transportado por meio de um outro cilindro para um moinho movido mecanicamente, e no qual é moído, isto é, reduzido a pó.

Fábrica de comprimidos

Esta fabrica tem por fim a redução a um pequeno volume de uma grande quantidade de alimentos. Comprime-se neste estabelecimento: o café, o sal, a sopa condensada, o chocolate e o açúcar.

Para a compressão destes alimentos existem várias máquinas que dão aos comprimidos a forma de cubos, os quais depois de encaixados constituem as rações de reserva. Todos estes trabalhos tem

dado bom resultado á excepção da sopa condensada que não tem dado os resultados que se esperavam.

Armazens de trigo

Geralmente todo o trigo que vem para a Manutenção é pela via fluvial.

Um bago de trigo é composto de três camadas as quais, segundo um corte feito no grão, são: a casca ou pericarpo que é composto de: epicarpo, mesocarpo e endocarpo; a semente que constitui a amêndoa ou albumen; e, por fim, o germen ou embrião.

A composição centesimal do trigo é a seguinte:

Agua.....	14
Matérias gordas.....	1,2
Matérias azotadas insolúveis (glúten).....	12,8
Materias azetadas soluveis (albumina).....	1,8
Dextrina.....	7,2
Amide.....	59,7
Celulose.....	1,7
Sais minerais.....	1,6

*

Semente — O albumen é quasi todo formado por amido e glúten. O glúten acumula-se mais para periferia da semente, enquanto que o amido se encontra em maior abundância no centro.

*

Casca — E' formada, como já disse, pelo endocarpo, mesocarpo e epicarpo, sendo constituída por um tecido lenhoso.

*

Germen — E' uma pequena parte de bago, tendo uma cor amarelada. A origem do perfume da farinha acabada de moer vem da exilabilidade do germen.

*

Armazenagem de trigo — Os depósitos de trigo são chamados silos e podem armazenar um peso superior a 6.000 toneladas. Uns são destinados ao trigo e outros para a armazenagem de centeio e de milho.

*

Todo o trigo antes de entrar para os depósitos é pesado numa balança automática «Chreness», mas

como ao vendedor geralmente não é familiar o funcionamento destabalança, o trigo é pesado segunda vez numa balança decimal.

*

Há uma máquina de limpeza com aspiração para separar a maior porção de terra que vem com o trigo depois há os parafusos de Arquimedes que levam o trigo para os elevadores.

Cada silo tem na parte inferior um obturador munido de chave, o que permite extrair de um ou de outro; à saída de cada silo há um aparelho misturador.

*

Limpeza de trigo — Para a limpeza do trigo há os seguintes aparelhos; tararas, desempedreadores, magnetes, separadores.

*

As tararas servem para separar o trigo do pé e dos corpos meúdos de densidade diferente da do trigo; os magnetes tiram-lhe as particulas de ferro; os separadores eliminam outros grãos diversos que depois constituem a limpadura, os quais não podem ser tirados pela tarara por terem as mesmas dimensões que o trigo.

*

Tararas — O primeiro aparelho de limpeza onde passa o trigo é a tarara, que serve para separar as impurezas que veem com elle. A tarara compõe-se de uma série de crivos inclinados, tendo por baixo taboleiros onde cai o trigo depois de ter passado pelos crivos que lhes estão paralelos. Os taboleiros são animados de um movimento de oscilação rápido por meio de transmissores. Na passagem dos crivos para os taboleiros o pé é absorvido por uns aparelhos de aspiração.

*

Desempedreador — A êste aparelho também se chama bandeja, servindo para separar do trigo as pedras meúdas que com elle veem misturadas, e que por serem iguais ou menores passam pelos orifícios dos crivos.

Os diversos corpos que se encontram na bandeja em virtude da oscilação de que ella está animada, sobrepõem-se por ordem de densidade, escorregando as pedras que são mais pesadas para a parte mais baixa dos taboleiros; a separação é auxiliada por uns prismas triangulares que lançam as pedras para o exterior, e atiram com o trigo para um rebordo o qual transpõe lançando-se nos outros aparelhos de limpeza que na Manutenção são:

*

Magnetes — Os magnetes servem para reter os pedaços de ferro que quasi sempre veem com o trigo. Tanto à saída das tararas como das bandejas o trigo escorrega sobre os magnetes.

Estes aparelhos compõem-se dum íman muito forte em cujos focos passa o trigo em fios de pequena espessura.

A eliminação destes corpos é indispensável pois

que sem ella arruinar-se-hiam os outros maquinismos por onde o trigo tinha de passar, como ainda se estragariam os trabalhos de panificação.

*

Separadores — São aparelhos destinados à eliminação, de trigo, dos grãos de outras espécies que elle traz consigo.

Estes grãos estranhos de várias proveniências constituem o que se chama a limpadura.

Em geral um separador consiste num cilindro feito de chapa de ferro, não liso mas todo cheio de alvéolos, cujo diâmetro corresponde sensivelmente ao diâmetro dos grãos que se pretendem separar.

Lavagem — a limpeza de trigo a seco não é em muitos casos suficientemente eficaz, sobre tudo quando se trate de trigos que pela sua proveniência e natureza são secos e rijos. Apesar da necessidade da boa limpeza do trigo o processo da lavagem é pouco empregado.

Todo os aparelhos destinados à lavagem de trigo se baseiam no seguinte principio: A acção da agua não seja tal que possa dissolver a semente.

(Continua)

Gouveia Pinto
5.º ano do commercio

Desponta a madrugada

*Desponta a madrugada,
Já vem nascendo o sol,
Iluminando os campos
Qual nitilo farol!*

*Oh! que de vida vai
Pelos campos agora
Que luz, qual animação
Que graça encantadora.*

*Desponta a madrugada
Entre risos e flores;
Madrugada de sonhos
De ilusões e amores ...*

*Desponta a madrugada,
Oh! divina alegria
De ouvir a passarada
Saudando o novo dia.*

*E ao sorriso alegre
Da madrugada qu'rida
Parece em mim nascer
Nova alma, nova vida.*

Isidoro José de Brito
5.º ano do commercio